



Curiosidades e Revelações

Pastora Tânia Cristina Giachetti
Ministério Seara Ágape

<https://www.searaagape.com.br/livrosevangelicosonline.html>

CURIOSIDADES E REVELAÇÕES



Ministério Seara Ágape
Estudo Bíblico Evangélico

Pastora Tânia Cristina Giachetti
São Paulo – SP – Brasil – 2010

Agradeço àquele que é o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim, o Senhor e Criador de todas as coisas, que revela Seus segredos e Seus propósitos. A Ele toda a honra e todo o louvor pelo Seu trabalho constante, me fazendo crescer a cada dia e me dando a conhecer Sua verdade.

Dedico este livro a todos aqueles que têm curiosidade de saber a verdade de Deus para suas vidas e têm buscado respostas para as dúvidas que estão em sua alma. Que a luz da revelação divina os alcance, matando sua sede e sua fome DELE.

“Guiarei os cegos por um caminho que não conhecem, fá-los-ei andar por veredas desconhecidas; tornarei as trevas em luz perante eles e os caminhos escabrosos, planos. Estas coisas lhes farei e jamais os desampararei. Tornarão atrás e confundir-se-ão de vergonha os que confiam em imagens de escultura e às imagens de fundição dizem: Vós sois nossos deuses” (Is 42: 16-17).

Introdução

Como escrevi na introdução do primeiro exemplar, “*Curiosidades e Revelações – Gênesis*” (https://www.searaagape.com.br/curiosidadeserevelacoes_genesis.pdf), este livro surgiu de uma maneira diferente na minha vida. Todos os demais foram escritos depois de uma experiência física, emocional ou espiritual com o Senhor, o que me fez refletir, aprender e ser tratada por Ele. Este, na verdade, foi consequência de um trabalho silencioso do Espírito Santo em mim. Depois de eu ter realizado uma compilação dos versículos bíblicos já digitados em outros livros, sem saber com certeza porque estava fazendo isso, apenas obedecendo à direção espiritual, percebi que alguns deles ainda tinham revelações escondidas e de grande valor para matar minha curiosidade em certas áreas. Este livro incluía, inicialmente, um estudo sobre o livro de Gênesis, mas como o assunto assumiu uma proporção maior de conhecimento, decidi separá-lo deste exemplar, “*Curiosidades e revelações*”, com outro tipo de assuntos bíblicos.

“*Curiosidades e Revelações*” (os dois livros) não tem o intuito de nos colocar em desacordo com Deus, com a ciência ou qualquer outra linha de pensamento que exista. Têm apenas o humilde propósito de dividir com o leitor algumas revelações que recebi dEle acerca de várias perguntas existentes na minha alma curiosa. Este trabalho abrange alguns assuntos dispersos pelos livros bíblicos onde certos irmãos em Cristo encontram alguma dificuldade, principalmente quando precisam subir ao púlpito com respostas para as suas ovelhas. Mesmo que você não concorde com algumas explicações, leia-o até o fim. O que for verdadeiro, o próprio Espírito Santo vai testificar em seu espírito. Nós sabemos que as verdadeiras respostas nós só teremos na eternidade. A Palavra de Deus nos diz que “a intimidade do Senhor é para os que o temem, aos quais Ele dará a conhecer a Sua aliança” (*Sl 25: 14*). Ela também fala:

- *Mt 18: 2-3*: “E Jesus, chamando uma criança, colocou-a no meio deles. E disse: Em verdade, em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tomardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus”.

- *Dn 4: 17*: “Esta sentença é por decreto dos vigilantes, e esta ordem, por mandado dos santos; a fim de que conheçam os viventes que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens; e o dá a quem quer e até, ao mais humilde dos homens constitui sobre eles”.

- *Dt 29: 29*: “As coisas encobertas pertencem ao Senhor, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei”.

- *Is 55: 8-9*: “Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o Senhor, porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos”.

Baseados em todos esses versículos, podemos dizer que, por mais que tentemos, jamais conseguiremos conhecer a plenitude de Deus, pois Seus pensamentos e caminhos são muito maiores e mais altos do que os nossos e Ele tem o domínio sobre tudo. Entretanto, Ele dá o Seu reino a quem Ele quer e a quem o aceita com a espontaneidade e a humildade de uma criança. Isso significa que quando lemos a bíblia precisamos deixar de lado nosso raciocínio adulto e maduro para podermos entrar no raciocínio espiritual, o que a criança consegue com mais facilidade. A inocência é a chave que abre o mundo espiritual e a eternidade para nós. No livro de Deuteronômio está escrito que as coisas encobertas são de domínio dEle, mas as reveladas nos pertencem. Por

quê? No livro da Lei estava respondido: “para que cumpramos todas as palavras desta lei”. Porém para nós, que vivemos debaixo da graça manifestada através de Jesus Cristo, as coisas que nos são reveladas não servem apenas para andarmos no caminho da justiça, mas para que passemos a conhecer realmente o poder e a majestade do nosso Deus, sendo Seus instrumentos e melhorando a vida dos nossos semelhantes. Em outras palavras, Seu ensinamento quebra as cadeias da escravidão do diabo que mantêm as pessoas presas à ignorância, à dor, ao pecado e à morte.

Na maior parte das vezes, a bíblia hebraica descreve em primeiro lugar os eventos mais importantes, depois os menos importantes, além de repeti-las muitas vezes, por isso temos não só a impressão de uma perda de seqüência temporal em certas narrativas, como um pleonasma, uma repetição exagerada e desnecessária. Para eles, entretanto, é uma estratégia de aprendizado e reafirmação do trabalhar de Deus.

Espero que o Espírito do Senhor esteja com você e abra seu entendimento para muitas coisas, sobretudo, para conhecê-lo melhor. Amo você em Jesus.

Tânia Cristina

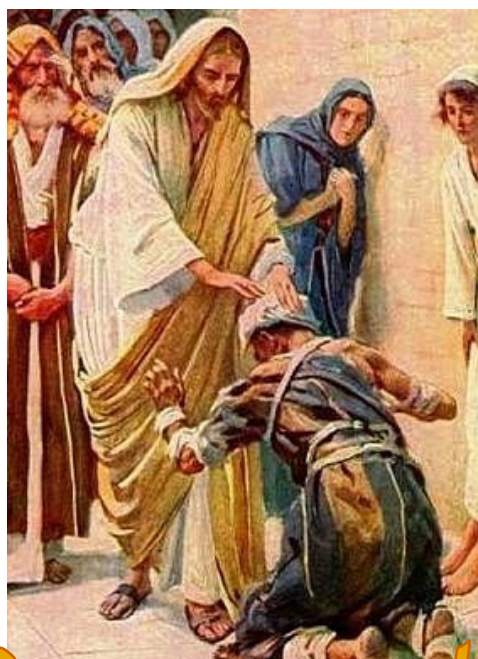
Notas:

- As palavras ou frases colocadas entre colchetes [] ou parêntesis (), em *itálico*, foram colocadas por mim, na maior parte das vezes, para explicar o texto bíblico, embora alguns versículos já as contenham [não estão em itálico].
- A versão evangélica aqui utilizada é a ‘Revista e Atualizada’ de João Ferreira de Almeida, 2ª ed., Sociedade Bíblica do Brasil.
- NVI = Nova Versão Internacional (será usada entre colchetes em alguns versículos para facilitar o entendimento dos leitores).
- E-mail: relacionamentosearaagape@gmail.com

Índice

1. Leis acerca da lepra	8
1.1 Informações médicas sobre a lepra	12
1.2 A lepra e as enfermidades físicas na bíblia	18
1.3 A lepra espiritual	27
1.4 A lepra na casa	29
2. Jejum e oração	35
2.1 O jejum de Daniel	46
3. Reencontro na Galiléia	50
3.1 Relembrar o chamado	52
3.2 Corpo glorificado	54
3.3 Relembrando a pesca maravilhosa	58
3.4 Novas almas agregadas ao Senhor	60
3.5 Ensinar a repartir o alimento	61
3.6 Cento e cinqüenta e três peixes	63
4. Ninguém jamais viu a Deus	65
4.1 Explicação teológica	66
4.2 Moisés	70
4.3 Isaías	72
4.4 Ezequiel	74
4.4.1 A visão dos querubins e das quatro rodas	75
4.4.2 A visão de Deus e o chamado de Ezequiel	94
4.5 Daniel	96
4.5.1 A visão de Deus e a visão de anjos	97
4.5.2 A importância da revelação	102
4.6 Apóstolo João	103
4.6.1 As visões do trono	105
4.6.2 As visões dos remidos	107
4.6.3 As visões da nova Jerusalém	109
5. Epílogo	117

1ª PARTE



Leis acerca da lepra

Lv 13**As leis acerca da lepra**

Obs.: praga = doença

¹ Disse o Senhor a Moisés e Arão:

² O homem que tiver na sua pele inchação, ou pústula, ou mancha lustrosa, e isto nela se tornar como praga de lepra, será levado a Arão, o sacerdote, ou a um de seus filhos, sacerdotes.

³ O sacerdote lhe examinará a praga na pele; se o pêlo na praga se tornou branco, e a praga parecer mais profunda do que a pele da sua carne, é praga de lepra; o sacerdote o examinará e o declarará imundo.

⁴ Se a mancha lustrosa na pele for branca e não parecer mais profunda do que a pele, e o pêlo não se tornou branco, então, o sacerdote encerrará por sete dias o que tem a praga.

⁵ Ao sétimo dia, o sacerdote o examinará; se, na sua opinião, a praga tiver parado e não se estendeu na sua pele, então, o sacerdote o encerrará por outros sete dias.

⁶ O sacerdote, ao sétimo dia, examinará outra vez; se a lepra se tornou baça (*apagada, sem brilho, mais clara*) e na pele não se estendeu, então, o sacerdote o declarará limpo; é pústula (NVI = erupção); o homem lavará as suas vestes e será limpo.

⁷ Mas, se a pústula se estende muito na pele, depois de se ter mostrado ao sacerdote para a sua purificação, outra vez se mostrará ao sacerdote.

⁸ Este o examinará, e se a pústula se tiver estendido na pele, o sacerdote o declarará imundo; é lepra.

⁹ Quando no homem houver praga de lepra, será levado ao sacerdote.

¹⁰ E o sacerdote o examinará; se há inchação branca na pele, a qual tomou o pêlo branco, e houver carne viva na inchação,

¹¹ é lepra inveterada na pele; portanto, o sacerdote o declarará imundo; não o encerrará, porque é imundo.

¹² Se a lepra se espalhar de todo na pele e cobrir a pele do que tem a lepra, desde a cabeça até os pés, quando podem ver os olhos do sacerdote,

¹³ então, este o examinará. Se a lepra cobriu toda a sua carne, declarará limpo o que tem a mancha; a lepra tornou-se branca; o homem está limpo.

¹⁴ Mas, no dia em que aparecer nele carne viva, será imundo.

¹⁵ Vendo, pois, o sacerdote a carne viva, declará-lo-á imundo; a carne viva é imunda; é lepra.

¹⁶ Se a carne viva mudar e ficar de novo branca, então, virá ao sacerdote,

¹⁷ e este o examinará. Se a lepra se tornou branca, então, o sacerdote declarará limpo o que tem a praga; está limpo.

¹⁸ Quando sarar a carne em cuja pele houver uma úlcera,

¹⁹ e no lugar da úlcera aparecer uma inchação branca ou mancha lustrosa, branca que tira a vermelho, mostrar-se-á ao sacerdote (NVI = e no lugar da ferida aparecer um inchaço branco ou uma mancha avermelhada, ele se apresentará ao sacerdote).

²⁰ O sacerdote a examinará; se ela parece mais funda do que a pele, e o seu pêlo se tornou branco, o sacerdote o declarará imundo; praga de lepra é, que brotou da úlcera.

²¹ Porém, se o sacerdote o examinar, e nela não houver pêlo branco, e não estiver ela mais funda do que a pele, porém, baça, então, o sacerdote o encerrará por sete dias.

²² Se ela se estender na pele, o sacerdote declarará imundo o homem; é lepra.

²³ Mas, se a mancha lustrosa parar no seu lugar, não se estendendo, é cicatriz da úlcera; o sacerdote, pois, o declarará limpo.

²⁴ Quando, na pele, houver queimadura de fogo, e a carne viva da queimadura se tornar em mancha lustrosa, branca que tira a vermelho ou branco (NVI = Quando alguém tiver

uma queimadura na pele, e uma mancha avermelhada ou branca aparecer na carne viva da queimadura),

²⁵ o sacerdote a examinará. Se o pêlo da mancha lustrosa se tomou branco, e ela parece mais funda do que a pele, é lepra que brotou da queimadura. O sacerdote declarará imundo o homem; é a praga de lepra.

²⁶ Porém, se o sacerdote a examinar, e não houver pêlo branco na mancha lustrosa, e ela não estiver mais funda que a pele, mas for de cor baça, o sacerdote encerrará por sete dias o homem.

²⁷ Depois, o sacerdote o examinará ao sétimo dia; se ela se tiver estendido na pele, o sacerdote o declarará imundo; é praga de lepra.

²⁸ Mas, se a mancha lustrosa parar no seu lugar e na pele não se estender, mas se tornou baça, é inchação da queimadura; portanto, o sacerdote o declarará limpo, porque é cicatriz da queimadura.

²⁹ Quando o homem (ou a mulher) tiver praga na cabeça ou na barba,

³⁰ o sacerdote examinará a praga; se ela parece mais funda do que a pele, e pêlo amarelo fino nela houver, o sacerdote o declarará imundo; é tinha, é lepra da cabeça ou da barba.

³¹ Mas, se o sacerdote, havendo examinado a praga da tinha, achar que ela não parece mais funda do que a pele, e, se nela não houver pêlo preto, então, o sacerdote encerrará o que tem a praga da tinha por sete dias.

³² Ao sétimo dia, o sacerdote examinará a praga; se a tinha não se tiver espalhado, e nela não houver pêlo amarelo, e a tinha não parecer mais funda do que a pele,

³³ então, o homem será rapado; mas não se reparará a tinha. O sacerdote, por mais sete dias, encerrará o que tem a tinha.

³⁴ Ao sétimo dia, o sacerdote examinará a tinha; se ela não se houver estendido na pele e não parecer mais funda do que a pele, o sacerdote declarará limpo o homem; este lavará as suas vestes e será limpo.

³⁵ Mas, se a tinha, depois da sua purificação, se tiver espalhado na pele,

³⁶ então, o sacerdote o examinará; se a tinha tiver se espalhado na pele, o sacerdote não procurará pêlo amarelo; está imundo.

³⁷ Mas, se a tinha, a seu ver, parou, e pêlo preto cresceu nela, a tinha está sarada; ele está limpo, e o sacerdote o declarará limpo.

³⁸ E, quando o homem (ou a mulher) tiver manchas lustrosas na pele,

³⁹ então, o sacerdote o examinará; se, na pele aparecerem manchas baças, brancas, é impigem [*designação imprecisa comum a várias dermatoses, isto é, doenças de pele*] branca que brotou na pele; está limpo.

⁴⁰ Quando os cabelos do homem lhe caírem da cabeça, é calva, contudo, está limpo.

⁴¹ Se lhe caírem na frente da cabeça, é antecalva; contudo, está limpo.

⁴² Porém, se, na calva ou na antecalva, houver praga branca, que tira a vermelho, é lepra, brotando na calva ou na antecalva.

⁴³ havendo, pois, o sacerdote examinado, se a inchação da praga, na sua calva ou antecalva, está branca, que tira a vermelho, como parece a lepra na pele,

⁴⁴ é leproso aquele homem, está imundo; o sacerdote o declarará imundo; a sua praga está na cabeça.

⁴⁵ As vestes do leproso, em quem está a praga, serão rasgadas, e os seus cabelos serão desgrenhados; cobrirá o bigode e clamará: Imundo! Imundo!

⁴⁶ Será imundo durante os dias em que a praga estiver nele; é imundo, habitará só; a sua habitação será fora do arraial.

⁴⁷ Quando também em alguma veste houver praga de lepra, veste de lã ou de linho,

⁴⁸ seja na urdidura [*fios no sentido do comprimento, por onde passa a trama*], seja na trama, de linho ou de lã, em pele ou em qualquer obra de peles,

⁴⁹ se a praga for esverdeada ou avermelhada na veste, ou na pele, ou na urdidura, ou na trama, em qualquer coisa feita de pele, é praga de lepra, e mostrar-se-á ao sacerdote.

⁵⁰ o sacerdote examinará a praga e encerrará, por sete dias, aquilo que tem a praga.

⁵¹ Então, examinará a praga ao sétimo dia; se ela se houver se estendido na veste, na urdidura ou na trama, seja na pele, seja qual for a obra em que se empregue, é lepra maligna; isso é imundo.

⁵² Pelo que se queimará aquela veste, seja a urdidura, seja a trama, de lã, ou de linho, ou qualquer coisa feita de pele, em que se acha a praga, pois é lepra maligna; tudo queimará.

⁵³ Mas, examinando o sacerdote, se a praga não se tiver espalhado na veste, nem na urdidura, nem na trama, nem em qualquer coisa feita de pele,

⁵⁴ então, o sacerdote ordenará que se lave aquilo em que havia a praga e o encerrará por mais sete dias;

⁵⁵ o sacerdote, examinando a coisa em que havia a praga, depois de lavada aquela, se a praga não mudou a sua cor, nem se espalhou, está imunda; com fogo a queimará; é lepra roedora, seja no avesso ou no direito.

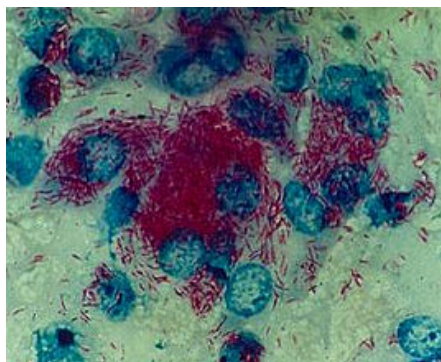
⁵⁶ Mas, se o sacerdote examinar a mancha, e esta se tornou baça depois de lavada, então, a rasgará da veste, ou da pele, ou da urdidura, ou da trama.

⁵⁷ Se a praga ainda aparecer na veste, quer na urdidura, quer na trama, ou em qualquer coisa feita de pele, é lepra que se espalha; com fogo queimará aquilo em que está a praga.

⁵⁸ Mas a veste, quer na urdidura, quer na trama, ou qualquer coisa de peles, que lavares e de que a praga se retirar, se lavarás segunda vez e será limpa.

⁵⁹ Esta é a lei da praga da lepra da veste de lã ou de linho, quer na urdidura, quer na trama; ou de qualquer coisa de peles, para se poder declará-las limpas ou imundas.

INFORMAÇÕES MÉDICAS SOBRE A LEPROA

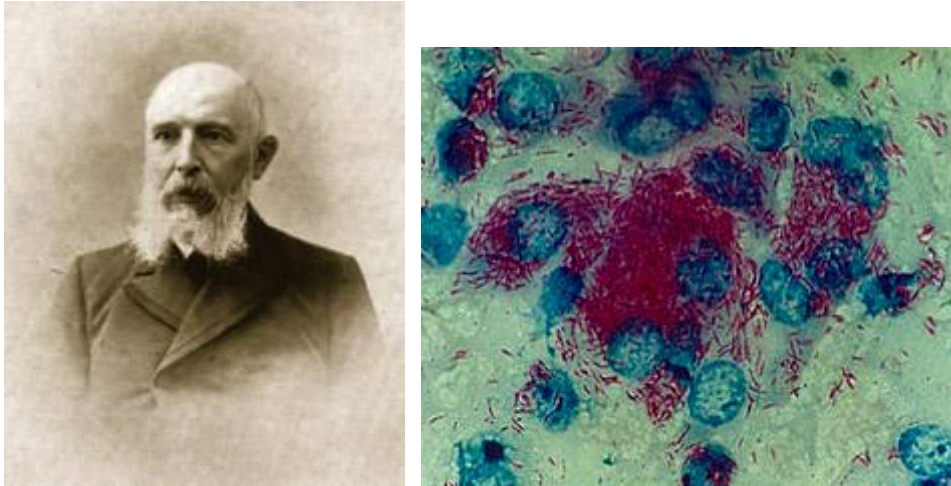


Desde que a escrita existe, tem-se registro de como a lepra representou uma ameaça e os leprosos foram isolados da sociedade. No Egito antigo, há algumas referências à lepra com mais de três mil anos em hieróglifos. Entretanto, não há muitas indicações de que a doença fosse freqüente na Antiguidade. Alguns estudiosos sugerem que Levítico, capítulo 13, incluía diferentes doenças sob o termo geral: *lepra*.

Além do homem, outros animais de que se têm notícia de serem suscetíveis à lepra são algumas espécies de macacos, coelhos, ratos e o tatu. Este último pode servir de reservatório e há casos comprovados no sul dos EUA de transmissão por ele. Contudo a maioria dos casos é de transmissão entre seres humanos.

A doença é endêmica (ou seja, uma doença que existe constantemente em determinado lugar e ataca número maior ou menor de indivíduos) em certos países tropicais, particularmente na Ásia. O Brasil está incluído entre os países de alta endemicidade de hanseníase no mundo. Isto significa mais de um caso por mil habitantes. Ela ataca hoje em dia ainda mais de onze milhões de pessoas em todo o mundo e mais ou menos dois milhões foram severamente mutiladas por ela. Há setecentos mil casos novos por ano no planeta. No entanto em países desenvolvidos é quase inexistente. O Brasil, Madagascar, Moçambique, a Tanzânia e o Nepal representam então 90% dos casos de lepra. A contaminação se faz por via respiratória, pelas secreções nasais ou pela saliva, mas é muito pouco provável a cada contato. O tempo de incubação após a infecção é longo, de dois a vinte anos, o que explica porque a doença se desenvolve mais comumente em indivíduos adultos, apesar de que crianças também podem ser contaminadas (a alta prevalência de hanseníase em crianças é indicativo de um alto índice da doença em uma região). 90% da população têm resistência ao bacilo de Hansen, causador da hanseníase, e conseguem controlar a infecção. As formas contagiantes são a Virchowiana (lepromatosa) e a Dimorfa.

A lepra (hanseníase ou mal de Hansen, do nome de *Gerhard Hansen*, que identificou o agente da doença) é uma doença infecciosa causada pelo *Mycobacterium leprae* (ou bacilo de Hansen) que afeta os nervos e a pele e que provoca danos severos. O *Mycobacterium leprae*, tal como o *Mycobacterium tuberculosis* (da Tuberculose, pertencente à mesma espécie), é de crescimento extremamente lento, quando comparado com o de outras bactérias. Ambos os bacilos têm parede celular muito rica em lipídios (gordura). A micobactéria parasita os macrófagos (células de defesa) e as *células de Schwann* que formam a mielina dos nervos periféricos (uma bainha branca e fibrosa que protege os nossos nervos periféricos que saem da Medula Espinhal). A destruição da mielina leva à disfunção dos mesmos. O tipo de reação imunitária ao *M. leprae* é extremamente importante na progressão da lepra.



Dr. Gerhard Hansen / Em azul, os macrófagos (células de defesa) e em vermelho, os bacilos da lepra, numa visão microscópica



Dr. Rudolf Virchow, o patologista que participou dos estudos sobre as formas de lepra

Por isso, há formas diferentes de manifestação da doença:

Forma indeterminada

Um dos primeiros efeitos da hanseníase, devido ao acometimento dos nervos, é a supressão da sensação térmica, ou seja, a capacidade de diferenciar entre o frio e o calor no local afetado. Mais tardiamente, pode evoluir para diminuição da sensação de dor no local. A hanseníase indeterminada é a forma inicial da doença, e consiste na maioria dos casos em manchas de coloração mais clara que a pele ao redor, podendo ser discretamente avermelhada, com alteração de sensibilidade à temperatura, e, eventualmente, diminuição da sudorese (suor) sobre a mancha.

A partir do estado inicial, a hanseníase pode então permanecer estável (o que acontece na maior parte dos casos) ou pode evoluir para a lepra tuberculóide ou lepromatosa, dependendo da predisposição genética particular de cada paciente. A hanseníase pode adotar também várias formas intermediárias entre estes dois tipos de hanseníase, sendo então denominada hanseníase dimorfa.

Lepra tuberculóide

Esta forma de hanseníase ocorre em pacientes que têm boa resposta imunitária ao *bacilo de Hansen*. O sistema imunológico consegue conter a disseminação do bacilo através da formação de agrupamentos de macrófagos (células de defesa), agrupamentos estes denominados *granulomas*. Neste tipo de hanseníase, as manchas são bem delimitadas e assimétricas, e geralmente são encontradas apenas poucas lesões no corpo.

Lepra lepromatosa (ou *lepra virchowiana*, em homenagem a Rudolf Virchow, patologista que participou dos estudos sobre as formas de lepra) é a forma mais insidiosa e lenta da doença, e ocorre nos casos em que os pacientes têm pouca defesa imunitária contra o bacilo. As lesões cutâneas são lepromas ou hansenomas (nódulos infiltrados), numerosas, afetando todo o corpo, particularmente o rosto, com o nariz apresentando coriza e congestão nasal.

Hoje em dia, a lepra é tratada com antibióticos. Apesar de não mortal, a lepra pode acarretar invalidez severa e/ou permanente se não for tratada a tempo. O tratamento comporta diversos antibióticos, a fim de evitar selecionar as bactérias resistentes do germe. A OMS recomenda desde 1981 um tratamento composto de três medicamentos: a dapsona, a rifampicina e a clofazimina. Essa associação destrói o bacilo. O tempo de tratamento oscila entre seis e vinte e quatro meses, de acordo com a gravidade da doença. Quando as lesões já estão estabelecidas, o tratamento se baseia, além dos antibióticos, em próteses, em intervenções ortopédicas, em calçados especiais, etc. Além disso, uma grande contribuição à prevenção e ao tratamento das incapacidades causadas pela hanseníase é a fisioterapia.

Fonte: wikipedia.org.



Lepra



Lepra / Deformação física da lepra



Lepra / Deformação física – incapacidade para a vida

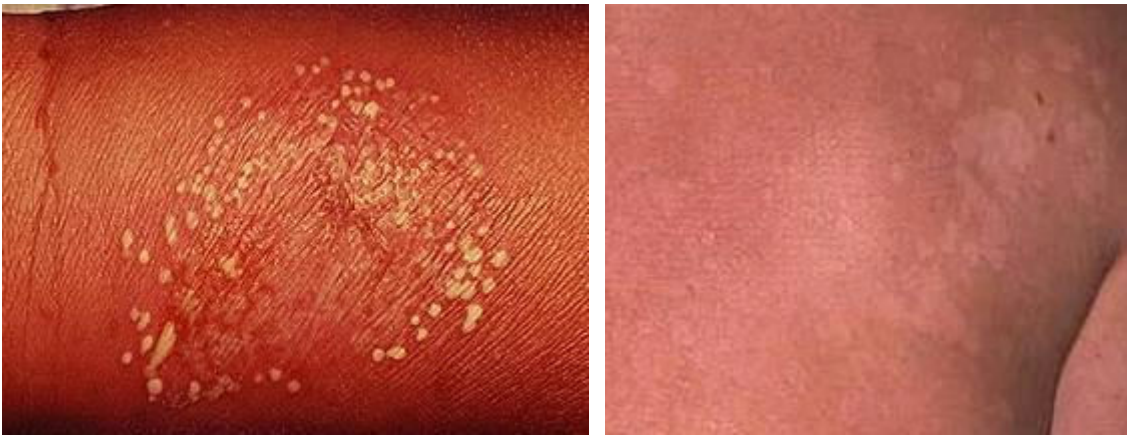
Outras doenças comumente confundidas com lepra:



Vitiligo e Psoríase



Quelóide (cicatriz) e Eczema agudo



Pústula (vesículas com pus) e Pitiríase versicolor (micose)



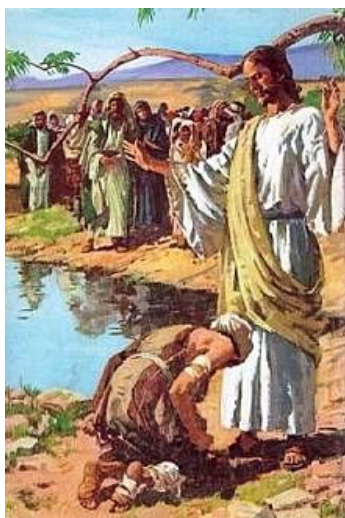
Tinha (ou sicose; um tipo de micose) da barba

Conclusão

Nós podemos dizer que é uma vergonha existir ainda hoje certas doenças em nosso meio (a lepra é um exemplo), pois perpetuá-las é uma prova da maneira suja de manter a nossa própria vida, fazendo pouco caso da higiene e das orientações sanitárias, que

estavam mais presentes e mais atuantes num povo nômade do deserto do que hoje, com tanta tecnologia. Aquele povo que caminhou sob as ordens de Moisés e guiado por Deus mantinha pouquíssimos casos de doenças infecciosas, apesar de tudo o que passou (Exceto nos casos onde elas foram enviadas por Deus como punição – Nm 12: 10; Nm 14: 12; 37; Nm 16: 46; 48). É só ler a bíblia com atenção que vamos perceber a descrição exageradamente detalhada de Deus dada a Moisés e, conseqüentemente, ao Seu povo. Era cheia de minúcias para não deixar dúvidas quanto ao que deveriam fazer, inclusive, o que comer. Hoje nós dispomos de banheiras, duchas, preservativos, absorventes higiênicos e fraldas descartáveis, freezer, geladeira, microondas, antibióticos, autoclaves, centros hiperbáricos, hospitais e equipes cirúrgicas especializadas. Lá atrás, eles só tinham alimentos precários, de difícil conservação caso passassem um ou dois dias debaixo do sol do deserto, água escassa, mas uma grande e forte presença de Deus, proibindo ou permitindo coisas na Sua onisciência para que o homem não fosse prejudicado, coisas que nós viemos a descobrir séculos depois. Pior do que isso, nós descobrimos as causas, porém desrespeitamos as regras divinas para facilitar sua erradicação.

A LEPROSA E AS ENFERMIDADES FÍSICAS NA BÍBLIA



Desde que a escrita existe, tem-se registro de como a lepra representou uma ameaça e os leprosos foram isolados da sociedade. No Egito antigo há algumas referências à lepra com mais de três mil anos em hieróglifos.

A lepra (em hebraico: *tzaraat*, *tsaraath* ou *çãra 'ath* – Strong #6883, צרעת) era uma palavra usada para várias doenças de pele. Em outros casos, a mesma palavra falava de manchas em roupas ou paredes, que nós poderíamos chamar hoje de *fungo* ou *mofo*, em suma, algo que era cerimonialmente impuro. De acordo com a Lei, uma pessoa leprosa era considerada imunda: “Disse o Senhor a Moisés e a Arão: O homem que tiver na sua pele inchação (*inchaço*), ou pústula (*erupção*), ou mancha lustrosa (*mancha brilhante*), e isto nela se tornar como praga de lepra, será levado a Arão, o sacerdote, ou a um de seus filhos, sacerdotes. O sacerdote lhe examinará a praga na pele; se o pêlo na praga se tornou branco, e a praga parecer mais funda do que a pele da sua carne, é praga de lepra; o sacerdote o examinará e o declarará imundo” (*Lv 13: 1-3*). Alguns estudiosos sugerem que Levítico capítulo 13 incluía diferentes doenças sob o termo geral lepra, pois não há muitas indicações de que a doença fosse freqüente na Antiguidade. Alguns dos sintomas descritos se assemelham à *psoríase*, aos *eczemas*, às *pústulas* (*vesícula com conteúdo purulento*), ao *vitiligo* (*a pele fica com áreas de despigmentação, ou seja, fica mais branca em alguns lugares*), às *cicatrizes de queimadura* (*ou quelóides = cicatrizes espessas*), à *micose* (“*tinha*” ou “*sicose*”) *na pele ou na barba, e à lepra mesmo*. O diagnóstico era confiado ao sacerdote. Como dissemos acima, os critérios usados para o diagnóstico da doença eram: inchaço (ou algum tipo de tumoração), pústula e erupção, onde os pêlos se tornaram brancos e a parte afetada aparecia mais afundada que o resto da pele (*Lv 13: 1-3*); caso não se fizesse o diagnóstico de imediato, um novo exame era feito após isolamento de sete dias. Caso houvesse dúvidas ainda, outro exame era feito sete dias depois. Mas a anestesia [supressão da sensação térmica, ou seja, a capacidade de diferenciar entre o frio e o calor, e diminuição da sensação de dor no local, assim como a diminuição da sudorese sobre a mancha, em alguns casos] não é mencionada nem o espessamento dos nervos superficiais, que são pontos essenciais para o diagnóstico da doença, de modo que a avaliação sacerdotal necessariamente envolvia certo grau de imprecisão. A contaminação se faz por via respiratória, pelas secreções nasais ou pela saliva, mas é muito pouco provável a cada contato. O tempo de

incubação após a infecção é longo, de dois a vinte anos, o que explica porque a doença se desenvolve mais comumente em indivíduos adultos, apesar de que crianças também podem ser contaminadas.

Quando um leproso era ‘purificado’ e assim pronunciado pelo sacerdote, é provável que a condição fosse autolimitada, não verdadeiramente lepra (hanseníase). Sendo considerados puros (*Lv 14: 1-32*), o homem ou a mulher voltavam ao sacerdote e eram aspergidos sete vezes com sangue de uma ave limpa molhado num ramo de hissopo ou pau de cedro. Outra ave era solta em campo aberto. Os pêlos eram rapados, o corpo e as vestes lavadas e, depois de oito dias, se levava ao sacerdote um cordeiro sem defeito, de um ano, como oferta pela culpa, e três dízimas (30%) de um efa de flor de farinha (1 efa = 17, 62 litros, portanto, 30% = 5,280 litros), para oferta de manjares, amassada com azeite, e separadamente um sextário (NVI: ‘caneca’ – mais ou menos trezentos mililitros) de azeite de oliva. O outro cordeiro sem defeito era para o holocausto. Uma cordeira de um ano sem defeito era oferta pelo pecado. O sangue da oferta pela culpa era colocado sobre a ponta da orelha direita e sobre o polegar da mão direita e sobre o hálux (dedão do pé) direito. Os trezentos mililitros de azeite, o sacerdote derramava sobre a palma de sua mão esquerda e molhava o dedo direito no azeite, aspergindo sete vezes perante o Senhor. Do restante do azeite, o sacerdote punha sobre a ponta da orelha direita do ex-leproso, sobre o polegar de sua mão direita e sobre o hálux direito em cima do sangue da oferta pela culpa. O que sobrava do azeite, o sacerdote derramava sobre a cabeça da pessoa. Um cordeiro sem defeito de um ano era oferecido em holocausto ao Senhor, junto com 30% de 1 efa de flor de farinha (a farinha mais fina e mais pura) misturada com azeite, o que resultava em pães, representando a oferta de manjares. Caso fosse pobre, traria um cordeiro para oferta pela culpa como oferta movida ao Senhor, para fazer expiação pela pessoa, 10% de 1 efa (1, 762 litro) de flor de farinha amassada com azeite por oferta de manjares, além de 1 sextário (300 ml) de azeite e duas rolas ou dois pombinhos, dos quais um seria para oferta pelo pecado e o outro, para holocausto. *A orelha direita* significava que, a partir daquele momento, a pessoa se dispunha a obedecer a Deus e ouvir Sua voz com atenção. *O polegar direito* significava o compromisso de agir segundo os mandamentos, e *o hálux direito*, caminhar corretamente sobre a Palavra.

Para que isso seja entendido, vamos colocar umas informações necessárias sobre os sacrifícios do Antigo Testamento:

- A palavra original traduzida por *ignorância* significa: *vaguear*, como uma ovelha que se desgarra do rebanho. Refere-se ao pecado oriundo da fraqueza do caráter humano, não de uma rebelião mal disfarçada ou de um mal premeditado. Associamos a culpa à intenção, mas os antigos a associavam aos seus efeitos.

- Não se usava fermento para não lembrar o culto pagão. Fermento simboliza a carne, a maldade e a malícia humana em contraposição com a santidade do Espírito (*1 Co. 5: 6-8*).

- Quando mais de um tipo de oferta era apresentado (*Nm 7: 13-17*), o procedimento era normalmente o seguinte: 1) oferta pelo pecado, 2) holocausto, 3) oferta pacífica e oferta de manjares (junto com uma libação). Essa seqüência mostra parte da importância espiritual do sistema sacrificial. Em *primeiro* lugar, o pecado tinha de ser tratado (oferta pelo pecado ou pela culpa). Em *segundo* lugar, o adorador comprometia-se completamente com Deus (holocausto e oferta de manjares). Em *terceiro* lugar, estabelecia-se a comunhão ou amizade entre o Senhor, o sacerdote e o adorador (oferta pacífica). No sacrifício pacífico, o peito e a coxa direita eram a porção do sacerdote, determinada por Deus (*Lv 7: 29-34*).

• *Lv 22: 17-33*: a oferta deve ser sem defeito. Não eram aceitos animais defeituosos, portanto, a nossa oferta diante do Senhor deve ser com o que temos de melhor, com as primícias, não com o que sobra, com os restos. O *v.19* diz: “Para que seja aceitável, oferecerá macho sem defeito”. A oferta deve ser dada com liberalidade e com inteireza de coração. Neste caso do leproso, a referência está em *Lv 14: 10*.

• A oferta movida (*'othâm tenuphâh ou ath-m thuphe – Lv 7: 30; Lv 14: 12*) de carne ou de manjares recebeu esse nome, talvez, por ser movida diante do Senhor antes de lhe ser apresentada. Em hebraico, o verbo *'eniph*’ significa *‘mover a oferta’*.

Sacrifício	Localização no AT	Elementos	Finalidade
Holocausto	Lv 1: 1-17	Boi, cordeiro ou ave do sexo masculino (rola ou pombinho para o pobre). Totalmente consumido. Sem defeito.	Ato voluntário de adoração. Expição de pecado por ignorância em geral. Manifestação de devoção, de compromisso e de completa submissão a Deus.
Oferta de manjares	Lv 2: 1-16	Flor de farinha, azeite de oliva, incenso, bolos ou obreias (cozidos, assados ou fritos), sal. Nada de fermento nem mel. Acompanhava os holocaustos e as ofertas pacíficas (junto com uma libação). Obs.: Obreia: pasta de massa de que é feito o pão asmo.	Ato voluntário de adoração. Reconhecimento da bondade e da providência de Deus. Dedicção a Deus. O azeite simboliza alegria.
Oferta pacífica (simboliza a ceia com o Senhor)	Lv 3: 1-17	Qualquer animal sem defeito do rebanho. Variedade de pães.	Ato voluntário de adoração. Ação de graças e comunhão (era acompanhada de uma refeição comunitária).
Oferta pelo pecado	Lv 4; Lv 5; Lv 6; Lv 16: 1-34	1. Novilho: no caso do sumo sacerdote e da congregação. 2. Bode: no caso do príncipe. 3. Cabra ou cordeiro: no	Expição obrigatória para determinados pecados por ignorância. Confissão de

		caso de pessoas do povo. 4. Rola ou pombinho: no caso do pobre. Décima parte de uma efa de flor de farinha: no caso do muito pobre.	pecado. Perdão de pecado. Purificação da mácula.
Oferta pela culpa	Lv 7: 1-10	Carneiro ou cordeiro	Expição obrigatória para pecados por ignorância que exigissem restituição. Purificação de máculas. Restituição. 20% de multa.

• Arão e seus filhos foram consagrados sacerdotes. A palavra hebraica traduzida por ‘consagração’ (*millu*) ou ‘consagrações’ (*millu'iym* – Strong #4394 – Lv 7: 37; Lv 8: 22; 28-29; 31; 33; Êx 29: 22; Êx 29: 26-27; Êx 29: 34) significa, literalmente: ‘encher a mão’, ‘mãos cheias’, e talvez se referisse às ofertas depositadas sobre as mãos ou ao óleo que era derramado sobre elas em alguns casos (o leproso depois de sarado – Lv 14: 15). O ritual de consagração dos sacerdotes (Lv 8: 1-36) simbolizava as responsabilidades e os privilégios do sacerdócio, lembrando os levitas que haviam sido separados para o serviço de Deus. Segundo a ‘Concordância Lexicon Strong’, a palavra *millu'iym*, מלאים, procede de *mâlê'* – מל (Strong #4390), uma raiz primitiva, preencher ou estar cheio de, realizar, confirmar, encher, preencher, cumprir, ser ou tornar-se pleno ou completo, transbordar, plenitude, fornecer (prova, evidência) ou mobiliar (casa), recolher (isoladamente ou em conjunto), reabastecer, satisfazer, *tomar (tirar) com uma mão cheia*, presumir, ousar (como em Et 7: 5, na ARA, ‘instigou’, KJV: ‘que ousou presumir’, NIV/NVI: ‘ousou, se atreveu’).

• O sacrifício de Jesus na cruz veio substituir todos esses sacrifícios, tendo Jesus se oferecido como cordeiro sem mácula, em nosso lugar, para nos resgatar do pecado e da maldição da Lei.

• Caso fosse constatada impureza, seu portador deveria ser afastado do convívio dos demais cidadãos. O Antigo Testamento deu instruções explícitas para quem tivesse a lepra diagnosticada pelo sacerdote:

• Lv 13: 45-46: “As vestes do leproso, em que está a praga, serão rasgadas, e os seus cabelos serão desgrenhados; cobrirá o bigode e clamará: Imundo! Imundo! Será imundo durante os dias em que a praga estiver nele; é imundo, habitará só; a sua habitação será fora do arraial”.

• Nm 5: 1-4: “Disse o Senhor a Moisés: Ordena aos filhos de Israel que lancem para fora do arraial todo leproso, todo o que padece de fluxo e todo imundo por ter tocado em algum morto; tanto homem como mulher os lançareis; para fora do arraial os lançareis, para que não contaminem o arraial, no meio do qual eu habito. Os filhos de

Israel fizeram assim e os lançaram para fora do arraial; como o Senhor falara a Moisés, assim fizeram os filhos de Israel”.

- *Nm 12: 9-15*: “E a ira do Senhor contra eles se acendeu; e retirou-se. A nuvem afastou-se de sobre a tenda; e eis que Miriã achou-se leprosa, branca como neve; e olhou Arão para Miriã e eis que estava leprosa. Então, disse Arão a Moisés: Ai! Senhor meu, não ponhas, te rogo, sobre nós este pecado, pois loucamente procedemos e pecamos. Ora, não seja ela como um aborto, que, saindo do ventre de sua mãe, tenha metade de sua carne já consumida. Moisés clamou ao Senhor, dizendo: Ó Deus, rogo-te que a cures. Respondeu o Senhor a Moisés: Se seu pai lhe cuspira no rosto, não seria envergonhada por sete dias? Seja detida fora do arraial por sete dias; e o povo não partiu enquanto Miriã não foi recolhida”.

- *2 Reis 7: 3*: “Quatro homens leprosos estavam à entrada da porta, os quais disseram uma aos outros: Para que estaremos nós aqui sentados até morrermos?”

- *2 Reis 15: 5*: “O Senhor feriu ao rei [*Azarias, também chamado de Uzias*], e este ficou leproso até o dia da sua morte e habitava numa casa separada. Jotão, filho do rei, tinha o cargo da casa e governava o povo da terra”.



Na imagem acima você pode ver um leproso mutilado (sem a mão esquerda e o pé direito) com um sino (os leprosos deveriam anunciar que estavam passando, para que as pessoas pudessem saber e se afastar). The British Library, Pontifical (c. 1400), Manuscrito Lansdowne 451, folio 127 (fonte: <https://www.ricardocosta.com/artigo/lepra-medieval-e-medicina-metaforica-de-ramon-llull-1232-1316>).

Assim, o leproso era expulso de casa e da sociedade e proibido de entrar em qualquer cidade. Devia vestir roupas rasgadas, deixar o cabelo emaranhado e clamar “imundo, imundo!”, se alguém se aproximasse. Aparentemente, estas convenções ainda estavam em vigor no tempo de Jesus. Os dez leprosos que encontraram Jesus nos arredores de uma aldeia permaneceram a certa distância e gritaram para Ele: “Ao entrar numa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez leprosos, que ficaram de longe e lhe gritaram, dizendo: Jesus, Mestre, compadece-te de nós!” (*Lc 17: 12-13*). Porém, o leproso em *Mc 1: 40* veio direto até Jesus e Lhe implorou de joelhos que o purificasse: “Aproximou-se dele um leproso rogando-lhe de joelhos: Se quiseres, podes purificar-me”. Se as vestes estivessem contaminadas, eram queimadas (*Lv 13: 47-52*).

Na Idade Média, o uso de um sino era obrigatório para os leprosos, como uma forma de avisar as pessoas de que eles estavam chegando.

Na Alta Idade Média (ou Antiguidade Tardia – do século V ao X – 476-999 DC), com o advento do Cristianismo e seu auxílio aos doentes (não apenas aos leprosos) e aos mais fracos, surgiu a instituição do hospital, formalmente reconhecida pelo imperador Justiniano (525-565 DC). O hospital diagnosticava a doença e realizava o tratamento, iniciando-se praticamente com o diagnóstico e a terapia de doenças oftalmológicas. Mesmo conhecida desde a Antiguidade, a lepra se difundiu pelo Ocidente a partir das Cruzadas (as Cruzadas na Terra Santa – 1095-1272, tradicionalmente contadas como nove; a 1ª de 1095-1099 e a 9ª de 1271-1272). Do final do século XI ao século XIV, no mínimo 320 leprosários foram criados na Inglaterra, onde se pode ver muito a atitude humanitária da Igreja, pois o leproso enfrentava a recusa de atendimento por parte da sociedade. Os leprosários (sucedidos por hospitais específicos para leprosos e chamados ‘lazaretos’) foram instituídos ainda sobre a base de que o leproso era uma pessoa impura.

Gostaria de fazer um parêntesis aqui para falar um pouco sobre *enfermidades* em geral:

- A enfermidade, algumas vezes, na bíblia, foi descrita *como uma forma de punição ou penalidade pelo pecado ou como consequência do próprio pecado*:

- *Nm 12: 10*: “A nuvem afastou-se de sobre a tenda; e eis que Miriã achou-se leprosa, branca como neve; e olhou Arão para Miriã e eis que estava leprosa”.

- *Dt 28: 21-22*: “O Senhor fará que a pestilência te pegue a ti, até que te consuma a terra a que passas para possuí-la. O Senhor te ferirá com a tísica [*tuberculose*], e a febre, e a inflamação, e com o calor ardente, e a secura, e com o crestamento [*queimadura de pele pelo calor do sol*], e a ferrugem [*NVI: mofo*]; e isto te perseguirá até que pereças”.

- *Dt 28: 27-28*: “O Senhor te ferirá com as úlceras do Egito, com tumores, com sarna e com prurido de que não possas curar-te. O Senhor te ferirá com loucura, com cegueira e com perturbação do espírito”.

- *Dt 28: 59-61*: “Então, o Senhor fará terríveis as tuas pragas e as pragas da tua descendência, grandes e duradouras pragas, e enfermidades graves e duradouras. Fará voltar contra ti todas as moléstias do Egito, que temeste; e se apegarão a ti. Também o Senhor fará vir sobre ti toda enfermidade e toda praga que não estão escritas no livro desta lei, até que sejas destruído”.

- *2 Rs 5: 27*: “Portanto, a lepra de Naamã se pegará a ti e à tua descendência para sempre. Então, saiu de diante dele leproso, branco como a neve”.

- *2 Cr 21: 14a-15*: “Eis que o Senhor castigará com grande flagelo ao teu povo, aos teus filhos, às tuas mulheres e todas as tuas possessões. Tu terás grande enfermidade

nas tuas entranhas, enfermidade que aumentará dia após dia, até que saiam as tuas entranhas” [*Câncer de reto ou prolapso retal; em relação ao rei Jeorão*].

•• *2 Cr 16: 19b*: “Indignando-se ele, pois, contra os sacerdotes, a lepra lhe saiu na testa perante os sacerdotes, na casa do Senhor, junto ao altar do incenso” [*em relação ao rei Uzias*].

•• *Mc 2: 5*: “Vendo-lhes a fé, Jesus disse ao paralítico: Filho, os teus pecados estão perdoados”.

• *Outras vezes, foi para que se manifestasse a glória de Deus*. As enfermidades aqui não estavam relacionadas diretamente ao pecado da pessoa ou dos antepassados, mas Ele as permitiu para que através delas Seu poder fosse manifesto:

•• *Lc 8: 42*: “Pois tinha uma filha única de uns doze anos, que estava à morte” (*filha de Jairo, que foi ressuscitada*).

•• *Jo 9: 3*: “Respondeu Jesus: Nem ele pecou, nem seus pais, mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus” (*a cura do cego de nascença*).

•• *Jo 11: 4*: “Ao receber a notícia, disse Jesus: Esta enfermidade não é para morte, e sim para a glória de Deus, a fim de que o Filho de Deus seja por ela glorificado” (*Lázaro*).

Nestes casos, assim como o caso da mulher curada de hemorragia há doze anos (*Mc 5: 25-34*), a própria fragilidade e imperfeição humana favoreceram o aparecimento da doença, pois o pecado de Adão trouxe imperfeição ao corpo humano e à sua genética e, ao nascermos, essas deformidades se estabelecem, mesmo que não haja pecado dos antepassados. Assim, a glória de Deus pôde se mostrar aos homens como uma forma de expressar a Sua perfeição divina que nos cura e nos liberta de toda a deformidade e imperfeição.

• *Outras vezes, era descrita como gerada por espírito imundo*:

•• *Mc 5: 5*: “Andava sempre, de noite e de dia, clamando por entre os sepulcros e pelos montes, ferindo-se com pedras” (*as feridas eram feitas por espíritos imundos*).

•• *Mc 9: 17-18*: “E um, dentre a multidão, respondeu: Mestre, trouxe-te o meu filho, possesso de um espírito mudo; e este, onde quer que o apanha, lança-o por terra, e ele espuma, rilha os dentes e vai definhando. Roguei a teus discípulos que os expelissem, e eles não puderam” (*o menino com espírito imundo que causava epilepsia*).

•• *Lc 13: 11-12*: “E veio ali uma mulher possessa de um espírito de enfermidade, havia já dezoito anos; andava ela encurvada, sem de modo algum pode endireitar-se. Vendo-a Jesus, chamou-a e disse-lhe: Mulher, estás livre da tua enfermidade”.

• *Outras vezes, a doença física pode ser gerada por um abatimento de alma e espírito* (*Pv 17: 22*: “O coração alegre é bom remédio, mas o espírito abatido faz secar os ossos”) *ou ser mandada pelo Senhor com um propósito* (por exemplo, *a esterilidade*, no caso de algumas mulheres no AT e no NT) *e esta levar à doença emocional* (tristeza, amargura), *que, por sua vez, pode agravar a doença inicial ou provocar outra*. É o que podemos ver, por exemplo, em *1 Sm 1: 5-8* no caso de Ana: “A Ana, porém, dava porção dupla, porque ele a amava, ainda mesmo que o Senhor a houvesse deixado estéril (A sua rival a provocava excessivamente para a irritar, porquanto o Senhor lhe havia cerrado a madre). E assim o fazia ele de ano em ano; e, todas as vezes que Ana subia à Casa do Senhor, a outra a irritava; pelo que chorava e não comia. Então, Elcana, seu marido, lhe disse: Ana, por que choras? E por que não comes? E por que estás de coração triste? Não te sou eu melhor do que dez filhos?” A bíblia não diz que a esterilidade era uma maldição por seu pecado ou de seus antepassados (diferente do caso de Sara, Rebeca, Raquel e Rute por serem descendentes de idolatria), mas tinha sido permitida pelo Senhor para realizar Seu propósito na vida de Ana, através de Samuel (*1 Sm 1: 19b-20*: “... e, lembrando-se dela o Senhor, ela concebeu e, passado o

devido tempo, teve um filho, a que chamou Samuel, pois dizia: Do Senhor o pedi”). O fato de Ana estar triste e amargurada pela esterilidade e se recusar a comer por causa disso, poderia agravar sua esterilidade ou levá-la a outro tipo de doença, por exemplo, anemia e inanição. Outra mulher estéril foi a mãe de Sansão e, através dela, Deus exerceu Seu propósito de dar Sansão a Israel como juiz e libertador e mostrar ao Seu povo que Ele ainda continuava a fazer milagres (*Jz 13: 2-5*). No NT, Isabel também era estéril (*Lc 1: 5-7; 36*) e, através do milagre de Deus, deu à luz João Batista para cumprir o propósito divino como precursor do Messias.

Vale a pena um comentário sobre a diferença entre as palavras “doença” e “enfermidade”, algumas vezes usadas no NT por Jesus:

- *Mt 4: 23*: “Percorria Jesus toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo”.

- *Mt 9: 35*: “E percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades”.

- *Mt 10: 1*: “Tendo chamado os seus doze discípulos, deu-lhes Jesus autoridade sobre espíritos imundos para os expelir e para curar toda sorte de doenças e enfermidades”.

“Doença”, em grego, νοσος, nosos – Strong #G3554 significa: uma doença, enfermidade. E “enfermidade”, μαλακίαν, malakia – Strong #G3119 significa: fraqueza corporal, doença. Procede de outra palavra, malakos, que significa: debilidade; um sentimento de ser drenado de energia ou vitalidade; fadiga.

Cassell (médico e bioeticista americano, Eric Jonathan Goldstein, que mudou seu nome para Eric Jonathan Cassell – 1928-2021; em seu trabalho ‘Illness and disease’ – ‘Enfermidade e doença’ – publicado em 1976) define a ‘enfermidade’ (illness, sickness) como ‘o que o paciente sente quando ele vai ao médico’ e ‘doença’ (disease) como ‘o que o paciente tem ao sair do consultório médico’. ‘Doença, então, é algo que um órgão tem; enfermidade é algo que um homem tem’. A enfermidade é a resposta subjetiva do paciente ao fato de não estar bem, a experiência e a sensação de uma saúde debilitada; modificação no estado de saúde de uma pessoa. A doença (disease) se refere às anormalidades da estrutura e função dos órgãos e sistemas corporais (Eisenberg 1977), como por exemplo, diabetes, tuberculose, etc.

Em outras palavras, enfermidade significa que a pessoa não está ou não se sente em saúde completa. Por sua vez, a doença é um distúrbio de estrutura ou função que produz sinais ou sintomas específicos ou que afeta um local específico do corpo e não é simplesmente um resultado direto de lesão física. Leon Eisenberg (1922-2009), um psiquiatra infantil americano, estabeleceu a utilidade de distinguir ‘doença’ de ‘enfermidade’. Para ele, o termo enfermidade se refere especificamente à experiência pessoal do paciente com sua doença: uma pessoa pode ter uma doença sem estar enfermo, ou seja, ter uma condição médica objetivamente definível, mas não se sentir doente ou angustiado por ela; ou, então, estar enfermo sem estar doente (a pessoa se sente mal sem ter uma doença física; ela se sente constrangida por não estar em total vigor e interpreta esse sentimento como doença em vez de emoções normais).

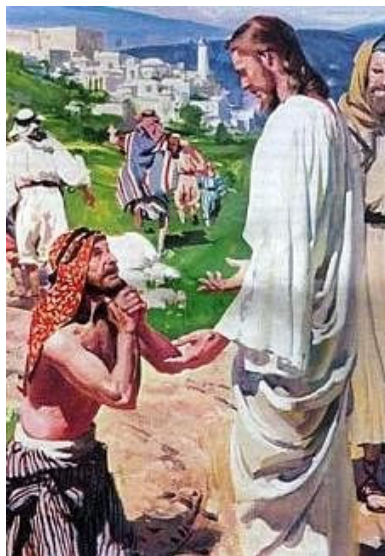
Seja qual for a causa da doença ou da enfermidade, o sacrifício de Jesus veio para nos resgatar dela:

- *Is 53: 4-5*: “Certamente, ele tomou sobre si as nossas doenças e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele e pelas suas pisaduras fomos sarados”.

•• *1 Pe 2: 24*: “Carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas, fostes sarados”.

Como conclusão deste tópico, podemos dizer que as enfermidades têm inúmeras causas, mas, por assim dizer, um único e verdadeiro tratamento: a fé em Deus. A medicina trata; Deus cura. A nossa atitude diante da vida ocupa uma grande parcela nas enfermidades, pois quem se ama se cuida. Quem se sente amado por Deus, sente também o desejo de amar e preservar o que Ele criou. Homens podem isolar e segregar uns aos outros por causa de doenças ou por qualquer outra causa; Deus, entretanto, nos chama para Ele para que possamos ter uma convivência sadia com nossos irmãos.

A LEPRA ESPIRITUAL



É bom lembrar que nos tempos bíblicos, várias afecções dermatológicas eram agrupadas sob o nome de lepra, porém muitas eram evidentes, fazendo com que a pessoa começasse a perder a sensibilidade de algumas partes do corpo pela doença, propiciando a formação de feridas que, infectadas e mal tratadas, faziam-na perder progressivamente os membros. Por isso, ao ser diagnosticada a lepra numa pessoa, ela era rotulada como cerimonialmente impura, além de ser um perigo para a sociedade. Portanto, o diagnóstico de lepra trazia à pessoa um completo isolamento espiritual e social, afetando grandemente sua vida física, emocional e familiar. Quando, porém, por algum milagre de Deus as pessoas eram curadas, deveriam voltar ao templo e mostrar a ferida ao sacerdote e oferecer sacrifícios pela sua purificação. Assim, tanto no corpo, como na alma e no espírito, a lepra deixava marcas, por isso o leproso era expulso de casa e da sociedade e proibido de entrar em qualquer cidade. Devia habitar só (*Lv 13: 45-46*), vestir roupas rasgadas, deixar o cabelo emaranhado e clamar ‘imundo, imundo!’ se alguém se aproximasse. Quando Jesus veio e começou a fazer milagres, as pessoas acometidas por este mal vieram a Ele em busca de cura, pois se elas fossem curadas, tudo o mais seria restaurado em suas vidas. Duas palavras-chave escritas no texto abaixo são importantes para nós:

- *Nm 12: 9-15*: “E a ira do Senhor contra eles se acendeu; e retirou-se. A nuvem afastou-se de sobre a tenda; e eis que Miriã achou-se leprosa, branca como neve; e olhou Arão para Miriã e eis que estava leprosa. Então, disse Arão a Moisés: Ai! Senhor meu, não ponhas, te rogo, sobre nós este *pecado*, pois loucamente procedemos e pecamos. Ora, não seja ela como um aborto, que, saindo do ventre de sua mãe, tenha metade de sua carne já consumida. Moisés clamou ao Senhor, dizendo: Ó Deus, rogo-te que a cures. Respondeu o Senhor a Moisés: Se seu pai lhe cuspira no rosto, não seria *envergonhada* por sete dias? Seja detida fora do arraial por sete dias; e o povo não partiu enquanto Miriã não foi recolhida”.

Assim, a lepra tem o significado bíblico de feridas emocionais (“*envergonhada*”) que nos isolam do convívio normal com nossos semelhantes ou o *pecado (lepra espiritual)*, que deixa marcas espirituais terríveis gerando separação entre a pessoa e Deus, por isso Jesus veio para nos curar das marcas deixadas pela lepra do pecado. O

pecador que o procura está consciente da sua inutilidade como ser humano, pois se torna impossível viver mais desse jeito; a pessoa se sente rejeitada e impura. É o que o seu espírito e a sua alma sentem quando se deparam com o próprio erro. Entretanto, deve ter a ousadia de se aproximar do Senhor suplicando por cura. O *primeiro* ensinamento aqui é: quando reconhecemos o nosso pecado e nos submetemos à vontade de Deus Lhe pedindo perdão, *Ele nos toca com cura*. O *segundo* é: mesmo que muitos sintam nojo de nós ou repulsa pelo mal que nos acometeu, *Jesus jamais nos rejeita*, pois não tem medo nem nojo de feridas; Ele veio para nos livrar delas. A lepra acomete raízes nervosas, o que faz com que a pessoa passe a não ter mais sensibilidade naquela região do corpo que está afetada. É o que o pecado faz com aqueles que dele estão cativos: se tornam insensíveis à verdade, não sentem mais a presença de Deus. Assim, o *terceiro* ensinamento é: quando o Senhor nos toca com libertação, as ‘cascas da ferida’ caem e *voltamos a ser sensíveis à Sua voz e à Sua presença*. Dessa forma estamos aptos para reatar nossa convivência não apenas com Ele, mas com nossos irmãos, pois voltamos a amar e a ter compaixão pelos outros. Começamos a nos sentir úteis porque a experiência que tivemos nos capacita, agora, com unção para tratarmos os que estão com o mesmo problema.

Como conclusão deste tópico, podemos repetir os aprendizados escritos acima:

- Quando reconhecemos o nosso pecado e nos submetemos à vontade de Deus Lhe pedindo perdão, Ele nos toca com cura.
- Mesmo que muitos sintam nojo de nós ou repulsa pelo mal que nos acometeu, Jesus jamais nos rejeita, pois não tem medo nem nojo de feridas; Ele veio para nos livrar delas.
- Quando o Senhor nos toca com libertação, as ‘cascas da ferida’ caem e voltamos a ser sensíveis à Sua voz e à Sua presença.
- Lepra, na bíblia, pode ter o significado de: lepra mesmo (mal de Hansen), outras doenças de pele, feridas emocionais ou pecado (lepra espiritual).

A LEPRA NA CASA



Lv 14

A lei acerca da lepra numa casa

³³ Disse mais o Senhor a Moisés e a Arão:

³⁴ Quando entrardes na terra de Canaã, que vos darei por possessão, e eu enviar a praga da lepra a alguma casa da terra da vossa possessão,

³⁵ o dono da casa fará saber ao sacerdote, dizendo: parece-me que há como que praga na minha casa.

³⁶ O sacerdote ordenará que despejem a casa, antes que venha para examinar a praga, para que não seja contaminado tudo o que está na casa; depois virá o sacerdote, para examinar a casa,

³⁷ e examinará a praga. Se, nas paredes da casa, há manchas esverdinhas ou avermelhadas e parecem mais fundas do que a parede,

³⁸ então, o sacerdote sairá da casa e a cercará por sete dias.

³⁹ Ao sétimo dia, voltará o sacerdote e examinará; se vir que a praga se estendeu nas paredes da casa,

⁴⁰ ele ordenará que arranquem as pedras em que estiver a praga e que as lancem fora da cidade num lugar imundo;

⁴¹ e fará raspar a casa por dentro, ao redor, e o pó que houverem raspado lançarão, fora da cidade, num lugar imundo.

⁴² Depois, tomarão outras pedras e as porão no lugar das primeiras; tomar-se-á outra argamassa e se rebocará a casa.

⁴³ Se a praga tornar a brotar na casa, depois de arrancadas as pedras, raspada a casa e de novo rebocada,

⁴⁴ então, o sacerdote entrará e examinará. Se a praga se tiver estendido na casa, há nela lepra maligna; está imunda.

⁴⁵ Derribar-se-á, portanto, a casa, as pedras e a sua madeira, como também todo o reboco da casa; e, se levará tudo para fora da cidade, a um lugar imundo.

⁴⁶ Aquele que entrar na casa, enquanto está fechada, será imundo até a tarde.

⁴⁷ Também o que se deitar na casa lavará as suas vestes; e quem nela comer lavará as suas vestes.

⁴⁸ Porém, tornando o sacerdote a entrar, e, examinando, se a praga na casa não se tiver estendido depois que a casa foi rebocada, o sacerdote a declarará limpa, porque a praga está curada.

⁴⁹ Para purificar a casa, tomará duas aves, e pau de cedro, e estofó carmesim, e hissopo,

⁵⁰ imolará uma ave num vaso de barro sobre águas correntes,

⁵¹ tomará o pau de cedro, e o hissopo, e o estofó carmesim, e a ave viva, e os molhará no sangue da ave imolada e nas águas correntes, e aspergirá a casa sete vezes.



Hissopo



Aspergir a casa

⁵² Assim, purificará aquela casa com o sangue da ave, e com as águas correntes, e com a ave viva, e com o estofó carmesim.

⁵³ Então, soltará a ave viva para fora da cidade, para o campo aberto; assim, fará expiação pela casa, e será limpa.

⁵⁴ Esta é a lei de toda sorte de praga de lepra, e de tinha,

⁵⁵ e da lepra das vestes, e das casas,

⁵⁶ e da inchação, e da pústula, e das manchas lustrosas,

⁵⁷ para ensinar quando qualquer coisa é limpa ou imunda. Esta é a lei da lepra.

Podemos ver, então, que no Antigo Testamento, a doença foi vista como uma praga, inclusive nas casas. Quando as tentativas de purificá-las não eram bem-sucedidas, derrubavam-se casas inteiras para não deixar a praga se espalhar (*Lv 14: 43-45*). Nos capítulos anteriores, nós vimos o acometimento do corpo, da alma e do espírito pela lepra. Além de *casa*, *templo* ou *santuário* serem símbolos do nosso corpo, como diz o apóstolo Paulo (*1 Co 3: 16-17; 1 Co 6: 19-20; 2 Co 6: 16b-18*), a palavra *casa* também é usada, muitas vezes, na bíblia como sinônimo de *família*, *descendência*:

• *1 Cr 17: 7-10*: “Agora, pois, assim dirás ao meu servo Davi: Assim diz o Senhor dos Exércitos: Tomei-te da malhada e de detrás das ovelhas, para que fosses príncipe sobre o meu povo de Israel. E fui contigo, por onde quer que andaste, eliminei os teus inimigos diante de ti e fiz grande o teu nome, como só os grandes têm na terra. Prepararei lugar para o meu povo de Israel e o plantarei para que habite no seu lugar e não mais seja perturbado; e jamais os filhos da perversidade o oprimam, como dantes, desde o dia em que mandei houvesse juízes sobre o meu povo de Israel; porém abati todos os teus inimigos e também te fiz saber que o Senhor te edificaria uma *casa*”.

• *1 Cr 17: 16-17; 23*: “Então, entrou o rei Davi na Casa do Senhor, ficou perante ele e disse: Quem sou eu, Senhor Deus, e qual é a minha *casa*, para que me tenhas trazido até aqui? Foi isso ainda pouco aos teus olhos, ó Deus, de maneira que também falaste a teu servo para tempos distantes; e me trataste como se eu fosse homem ilustre, ó Senhor

Deus... Agora, pois, ó Senhor, a palavra que disseste acerca de teu servo e *acerca da sua casa*, seja estabelecida para sempre; e faz como falaste”.

Dessa forma, o que o Senhor quer nos dizer é que, quando alguém na família cometeu um grave pecado, seja no presente ou no passado, o mal tende a se alastrar e a se perpetuar em toda a descendência. É o que acontece com as maldições hereditárias, onde, muitas vezes, se repete os mesmos pecados cometidos há gerações, causando morte e destruição a todos os descendentes daquele ‘leproso’. E quando alguém é chamado por Jesus à verdade, tem que fazer um esforço para se purificar, para não repetir os erros do passado e para começar tudo de novo da maneira santa de Deus. Aí surgem grandes lutas e grandes barreiras a serem enfrentadas porque as antigas estruturas precisam ser arrancadas do modo de agir de toda aquela casa. Este tipo de trabalho é necessário e urgente para que a descendência também não seja comprometida e venha a perder a salvação. Por isso, está escrito neste capítulo de *Lv 14: 33-57*:... “*o dono da casa fará saber ao sacerdote*, dizendo: parece-me que há como que praga na minha casa... *O sacerdote... examinará a praga*. Se, nas paredes da casa, há manchas esverdeadas ou avermelhadas e parecem mais fundas do que a parede, então, o sacerdote sairá da casa e *a cercará por sete dias. Ao sétimo dia, voltará o sacerdote e examinará; se vir que a praga se estendeu nas paredes da casa, ele ordenará que arranquem as pedras* em que estiver a praga e que as lancem fora da cidade num lugar imundo; e fará raspar a casa por dentro, ao redor, e o pó que houverem raspado lançarão, fora da cidade, num lugar imundo. Depois, *tomarão outras pedras* e as porão no lugar das primeiras; *tomar-se-á outra argamassa e se rebocará a casa*. Se a praga tornar a brotar na casa, depois de arrancadas as pedras, raspada a casa e de novo rebocada, então, o sacerdote entrará e examinará. *Se a praga se tiver estendido na casa*, há nela lepra maligna; está imunda. *Derribar-se-á, portanto, a casa, as pedras e a sua madeira, como também todo o reboco da casa; e, se levará tudo para fora da cidade, a um lugar imundo*. Aquele que entrar na casa, enquanto está fechada, será imundo até a tarde. Também o que se deitar na casa lavará as suas vestes; e quem nela comer lavará as suas vestes. Porém, tornando o sacerdote a entrar, e, examinando, se a praga na casa não se tiver estendido depois que a casa foi rebocada, o sacerdote a declarará limpa, porque a praga está curada. Para *purificar a casa*, tomará duas aves, e pau de cedro, e estofó carmesim, e hissopo, imolará uma ave num vaso de barro sobre águas correntes, tomará o *pau de cedro, e o hissopo*, e o estofó carmesim, e a ave viva, e *os molhará no sangue da ave imolada e nas águas correntes*, e aspergirá a casa sete vezes. Assim, *purificará aquela casa com o sangue da ave*, e com as águas correntes, e com a ave viva, e com o estofó carmesim. Então, soltará a ave viva par fora da cidade, para o campo aberto; assim, fará expiação pela casa, e será limpa”.

Nas palavras em *itálico* estão as chaves para a nossa interpretação:

- *o dono da casa fará saber ao sacerdote*: o nosso sacerdote é Jesus e o ‘dono da casa’ é aquele que o Senhor separou como líder espiritual daquele clã, seja pai ou filho. O responsável espiritual por aquela família se achegará ao sacerdote (Jesus) e confessará o pecado dela para que haja perdão e purificação. É reconhecer que existe uma coisa errada se repetindo em vários membros daquela casa.

- *O sacerdote... examinará a praga... a cercará por sete dias*. Isso significa que o Senhor já está ciente da situação, mas dá um tempo antes de começar a agir até que outros ali também percebam o pecado.

- *Ao sétimo dia, voltará o sacerdote e examinará; se vir que a praga se estendeu nas paredes da casa, ele ordenará que arranquem as pedras* em que estiver a praga e que as lancem fora da cidade num lugar imundo; e fará raspar a casa por dentro, ao redor, e o pó que houverem raspado lançarão, fora da cidade, num lugar imundo. Isso significa

que, no tempo perfeito de Deus, Ele voltará para começar a trabalhar ali. Ele, então, ordena que se arranquem as pedras responsáveis pela praga e o revestimento da casa e lancem fora tudo aquilo em lugar imundo. As pedras são as estruturas espirituais e morais presentes numa geração, que estão firmes e imóveis há anos, assim como a aparência externa (o ‘revestimento’) diante do mundo. É como uma marca registrada presente na família, que o mundo natural e o espiritual reconhecem. Tudo precisa ser mudado numa nova estrutura para salvar o resto.

- Depois, *tomarão outras pedras* e as porão no lugar das primeiras; *tomar-se-á outra argamassa e se rebocará a casa*. Um novo padrão precisa ser introduzido, que é a verdade de Deus. Esse padrão deve ser tanto externo como interno (no corpo, na alma e no espírito). Após as novas bases implantadas, o sacerdote vai reavaliar a situação (“Se a praga tornar a brotar na casa, depois de arrancadas as pedras, raspada a casa e de novo rebocada, então, o sacerdote entrará e examinará”).

- *Se a praga se tiver estendido na casa*, há nela lepra maligna; está imunda. *Derribar-se-á, portanto, a casa, as pedras e a sua madeira, como também todo o reboco da casa; e, se levará tudo para fora da cidade, a um lugar imundo*. Isso significa que quando se detecta algo realmente maligno, não se pode ter dó; derruba-se toda a estrutura até o pó para que se erga tudo de novo. O pecado precisa ser extirpado pela raiz.

- Para *purificar a casa...* tomará o *pau de cedro, e o hissopo, e os molhará no sangue ... e nas águas correntes*, e aspergirá a casa sete vezes. Assim, *purificará aquela casa com o sangue* – O significado disso para nós é que para purificar o pecado, seja nosso ou da nossa família, só o sangue de Jesus poderá fazê-lo. Não apenas o Seu sangue, mas a ação constante do Seu Espírito (‘águas correntes’), até que tudo esteja verdadeiramente liberto do mal (‘sete vezes’). No Egito, ao passar o *Destruidor*, nas casas onde ele viu a marca do sangue do cordeiro nas vergas das portas, ele passou, mas não as tocou, pois estavam protegidas e tinham ‘dono’. Assim, a família que tem o selo do sangue de Jesus sobre si é liberta do pecado e poupada da destruição.

O *hissopo* é símbolo de *purificação*, por isso Davi disse no *Sl 51: 7*: “Purifica-me com hissopo, e ficarei limpo; lava-me, e ficarei mais alvo que a neve”.

Existe uma passagem interessante sobre o poder purificador do hissopo. Nos momentos finais da vida de Jesus, quando estava na cruz num grau extremo de desidratação, Ele disse: “Tenho sede!”; então, alguém molhou uma esponja no vinagre, fixando-a num ramo de hissopo e Lha deu para beber. Foi, na verdade, um ato de misericórdia, pois o corpo de Jesus, em face da desidratação e do vinagre, morreria. Ao receber a esponja no galho de hissopo e beber dela, Jesus expirou, significando que a purificação da humanidade estava consumada. O Seu sacrifício tinha chegado ao fim e a *lepra* do mundo estava limpa. O texto diz: “Depois, vendo Jesus que tudo já estava consumado, para se cumprir a Escritura disse: Tenho sede! Estava ali um vaso cheio de vinagre. Embeberam de vinagre uma esponja e, fixando-a num caniço de hissopo, lha chegaram à boca. Quando, pois Jesus, tomou o vinagre, disse: *Está consumado!* E, inclinando a cabeça, rendeu o espírito” (*Jo 19: 28-30*).

Em relação ao cedro:

O *cedro do Líbano* (*Cedrus libani*) é uma majestosa conífera de madeira durável, por isso Davi construiu sua casa com cedro e Salomão, o templo, assim como o segundo templo de Esdras também foi reconstruído com essa madeira. O cedro pode atingir quarenta metros de altura e os escritores antigos usavam-no como símbolo da estatura de um homem (*Ez 31: 3; Am 2: 9*), igualmente de força, majestade e poder (*Ct 3: 9*), altivez, dureza, inflexibilidade (*Sl 29: 5*).

No caso do leproso, o uso do cedro poderia estar relacionado com o poder, a força e a majestade de Deus presente no milagre de cura, quebrando o orgulho e a altivez de espírito da pessoa que ficou doente (a 'lepra', o pecado), e lembrando-a da importância da humildade, como Jesus se humilhou na cruz, dando Seu sangue como propiciação pelos nossos pecados, fazendo-a reconhecer que Deus é soberano e é o único que pode perdoar os pecados.

Para finalizar, gostaria de colocar um comentário que acho pertinente em relação a todo aquele que se converte a Jesus. Esse comentário é baseado nos itens acima que dizem:

- Ao sétimo dia, voltará o sacerdote e examinará; se vir que a praga se estendeu nas paredes da casa, ele ordenará que arranquem as pedras em que estiver a praga e que lancem fora da cidade num lugar imundo; e fará raspar a casa por dentro, ao redor, e o pó que houverem raspado lançarão, fora da cidade, num lugar imundo.

- Depois, tomarão outras pedras e as porão no lugar das primeiras; tomar-se-á outra argamassa e se rebocará a casa.

- Se a praga se tiver estendido na casa, há nela lepra maligna; está imunda. Derribar-se-á, portanto, a casa, as pedras e a sua madeira, como também todo o reboco da casa; e, se levará tudo para fora da cidade, a um lugar imundo.

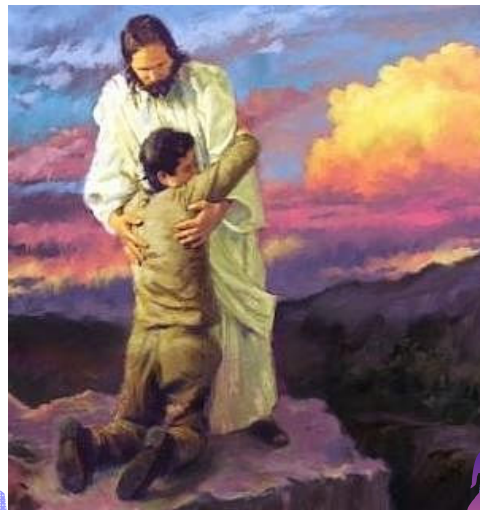
Quando os apóstolos foram chamados por Jesus no Mar da Galiléia, a bíblia diz que *imediatamente deixaram tudo* e O seguiram. Isso tem a ver com a *lepra do mundo* que precisa ser poderosamente colocada para baixo na vida de quem quiser ser discípulo de verdade. A pessoa que vem para o Senhor traz consigo o seu pecado e o da sua família (maldições hereditárias). Ao se entregar para Jesus, seu espírito é recriado e ela é transformada numa *nova criatura*. Entretanto, a sua carne (a parte da sua alma que tende ao pecado) traz consigo seus velhos hábitos e sua hereditariedade e precisa também se entregar completamente ao Senhor para que haja uma mudança real de comportamento. Isso depende do esforço da pessoa em reconhecer seus pecados e suas fraquezas e querer se limpar deles através de um posicionamento palpável, real, não só de uma oração momentânea. Atitudes concretas, materiais, muitas vezes radicais e dolorosas, precisam ser tomadas para que nem ela nem sua família voltem ao pecado. É o que foi dito anteriormente: 1) Deus ordena que se arranquem as pedras responsáveis pela praga e o revestimento da casa e lancem fora tudo aquilo em lugar imundo. Como vimos, as pedras são as estruturas espirituais e morais presentes numa geração, que estão firmes e imóveis há anos, assim como a aparência externa (o 'revestimento') diante do mundo. É como uma marca registrada presente na família, que o mundo natural e o espiritual reconhecem. Tudo precisa ser mudado numa nova estrutura para salvar o resto. Resumindo: *não voltar a cometer os mesmos erros de antes*. 2) Um novo padrão precisa ser introduzido, que é a verdade de Deus. Esse padrão deve ser tanto externo como interno (no corpo, na alma e no espírito). Após as novas bases implantadas, o sacerdote (Jesus) voltará ali e reavaliará a situação. Ele saberá se é necessário arrancar definitivamente as pedras responsáveis pela praga e o 'revestimento' da casa. *Tudo precisa ser mudado totalmente numa nova estrutura para salvar o resto*.

Estou dizendo tudo isso, porque certas pessoas pensam que apenas seus padrões emocionais, espirituais e morais precisam ser renovados, se esquecendo que outras áreas importantes de suas vidas estão em jogo e são justamente elas que as fazem perpetuar na escravidão da *lepra do mundo*. Estamos falando, por exemplo, da profissão que esta pessoa tinha antes de conhecer Jesus. Para o mundo era plenamente aceitável; entretanto, não é mais compatível com um autêntico servo de Deus. Isso se refere a fazer coisas que estão em franco confronto com as orientações bíblicas em relação à vida espiritual, à vida sexual, às leis da verdadeira cidadania e ao dinheiro. Tudo isso,

mais cedo ou mais tarde, vai trazer certo conflito interior e será necessária uma decisão drástica para continuar a ser crente. Deus lhe dá o livre-arbítrio, mas permanecerá sendo o detentor de toda a autoridade e poder. Se ela insistir no erro e isso vier a comprometer ou desencaminhar outras vidas, Ele vai intervir para que Sua vontade prevaleça. Por isso, reavalie sua situação profissional, hoje, diante de Deus. Se ela for uma opressão constante sobre sua fraqueza carnal, largue-a definitivamente nas mãos do Senhor, sem dó. Faça o mesmo com as heranças e costumes familiares perniciosos.

A conclusão deste tópico é: o mal precisa ser extirpado pela raiz, mesmo que precise atingir toda a família e toda a profundidade do nosso ser. Isso significa destronar os antigos altares.

2ª PARTE



Jejum e oração

Mc 9

¹⁴ Quando eles se aproximaram dos discípulos, viram numerosa multidão ao redor e que os escribas discutiam com eles.

¹⁵ E logo toda a multidão, ao ver Jesus, tomada de surpresa, correu para ele e o saudava.

¹⁶ Então, ele interpelou os escribas: Que é que discutíeis com eles?

¹⁷ E um, dentre a multidão, respondeu: Mestre, trouxe-te o meu filho, possesso de um espírito mudo; [Mt 17: 15: “é lunático”; NVI “tem ataques”; Gr., “ele é lunático”];

¹⁸ e este, onde quer que o apanha, lança-o por terra, e ele espuma, rilha os dentes e vai definhando. Roguei a teus discípulos que o expelisses, e eles não puderam.

¹⁹ Então, Jesus lhes disse: Ó geração incrédula, até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei? [NVI: Até quando terei que suportá-los?] Trazei-mo.

²⁰ E trouxeram-lho; quando ele viu a Jesus, o espírito imediatamente o agitou com violência, e, caindo ele por terra, revolvía-se espumando.

²¹ Perguntou Jesus ao pai do menino: Há quanto tempo isto lhe sucede? Desde a infância, respondeu;

²² e muitas vezes o tem lançado no fogo e na água, para o matar; mas, se tu podes alguma coisa, tem compaixão de nós e ajuda-nos.

²³ Ao que lhe respondeu Jesus: Se podes! Tudo é possível ao que crê.

²⁴ E imediatamente o pai do menino exclamou [com lágrimas]: Eu creio! Ajuda-me na minha falta de fé!

²⁵ Vendo Jesus que a multidão concorria, repreendeu o espírito imundo, dizendo-lhe: Espírito mudo e surdo, eu te ordeno: Sai deste jovem e nunca mais tornes a ele.

²⁶ E ele, clamando e agitando-o muito, saiu, deixando-o como se estivesse morto, a ponto de muitos dizerem: Morreu.

²⁷ Mas Jesus, tomando-o pela mão, o ergueu, e ele se levantou.

²⁸ Quando entrou em casa, os seus discípulos lhe perguntaram em particular: Por que não pudemos nós expulsá-lo?

²⁹ Respondeu-lhes: Esta casta não pode sair senão por meio de oração e jejum [Em Mt 17: 20-21 está escrito: “E ele lhes respondeu: Por causa da pequenez da vossa fé. Pois em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele passará. Nada vos será impossível. Mas esta casta não se expele senão por meio de oração e jejum”].



Certas pessoas se confundem muito a respeito deste texto por não entenderem o que se passava por detrás da possessão do menino e o que o impedia verdadeiramente de ser curado. Podemos ver que Jesus não o curou imediatamente, mas levou um tempo conversando com o pai, pois nele estava o impedimento à cura que era sua falta de fé. Por isso, ao chorar e dizer “Eu creio! Ajuda-me na minha falta de fé”, ele recebeu a cura e liberou o filho para ser curado também. O jovem foi curado pela palavra de autoridade de Jesus repreendendo o espírito imundo e a carne do pai seria curada através de jejum e oração, pois precisava se dobrar ao poder de Deus e se deixar encher do Espírito.

Dessa forma, *demônio não se expelle com jejum nem com oração, mas em nome de Jesus*, o qual tem autoridade e está acima de todo o nome: “Estes sinais hão de acompanhar aqueles que crêem: *em meu nome, expelirão demônios*; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se alguma coisa mortífera beberem, não lhes fará mal; se impuserem as mãos sobre os enfermos, eles ficarão curados” (*Mc 16: 17-18*).

O jejum é para santificar a carne e colocá-la debaixo do domínio do Espírito Santo, só assim a pessoa se fortalece espiritualmente; em outras palavras, o jejum é para quebrar as barreiras da carne: “Disseram-lhes eles: Os discípulos de João e bem assim os dos fariseus freqüentemente jejuam e fazem orações; os teus, entretanto, comem e bebem. Jesus, porém, lhes disse: Podeis fazer jejuar os convidados para o casamento, enquanto está com eles o noivo? Dias virão, contudo, em que lhes será tirado o noivo; naqueles dias, sim, jejuarão” (*Lc 5: 33-35*). Por isso, Jesus disse aos fariseus que Seus discípulos não precisavam jejuar como os outros enquanto Ele estivesse com eles, pessoalmente, porque a *luz* do Espírito estava ali sobrepujando a carne, mas quando Ele se fosse, teriam que buscá-la por si mesmos através do Consolador que deixaria com eles.

Tipos de jejum:

- a) Jejum parcial: se abster de apenas alguns alimentos.
- b) Jejum normal: a abstinência de alimentos, mas com ingestão de água (nos jejuns regulares, como o de um dia); como foi o caso de Daniel em Dn 9: 3, quando confessou os pecados da nação.
- c) Jejum total: abstinência de tudo, inclusive de água. No caso de Ester, foi no máximo três dias (*Et 4: 16*). Também, de Paulo (*At 9: 9*), quando se converteu na estrada de Damasco. A medicina confirma ser nocivo um período de mais de três dias sem água.

Exemplos de jejuns na bíblia:

Muitos servos de Deus na bíblia fizeram jejum em momentos difíceis de suas vidas para receberem a direção, a revelação e a libertação de Deus: Moisés ficou em jejum quarenta dias e quarenta noites no Monte Sinai para receber os mandamentos de Deus (*Êx 24: 18* – as primeiras tábuas da Lei; *Êx 34: 28* – as segundas tábuas da Lei). Elias caminhou quarenta dias e quarenta noites até o Monte Horebe, onde se escondeu numa caverna e ouviu a voz de Deus (*1 Rs 19: 8-9*). Ester fez um jejum de três dias antes de ir à presença do rei Assuero para suplicar pela sua vida e pela de seu povo (*Et 4: 16-17; Et 5: 1*). Neemias também jejuou por alguns dias e orou a Deus quando soube da destruição em que Jerusalém se encontrava (*Ne 1: 4*). Esdras jejuou junto ao rio Aava pedindo a ajuda de Deus em sua jornada até Jerusalém para ministrar no templo que havia sido construído (*Ed 8: 21-23*). Daniel ficou em jejum por vinte e um dias até receber a revelação sobre uma visão que tivera e que envolvia grande conflito (*Dn 10: 1-3; 13*), pois falava de tempos longínquos e de poderosos reinos que viriam. Jesus foi o maior exemplo, quando ficou no deserto em jejum de quarenta dias e quarenta noites sendo tentado por Satanás.

Duração de jejuns na bíblia:

A Bíblia mostra vários exemplos de jejuns de duração diferente:

1 dia – O jejum do Dia da Expição (*Lv 23: 27; Jr 36: 6; At 27: 9*). Provavelmente foi este o caso de Daniel quando confessou os pecados da nação (*Dn 9: 3*). Provavelmente o de Esdras (*Ed 8: 21-23*).

3 dias – O jejum de Ester (*Et 4: 16*) e o de Paulo (*At 9: 9*).

7 dias – O jejum de Davi por luto pela morte de Saul (*1 Sm 31: 13*) e pelo filho de Bate-Seba (*2 Sm 12: 16-23*).

14 dias – O jejum involuntário de Paulo e os que com ele estavam no navio (*At 27: 33*).

21 dias – O jejum de Daniel buscando a revelação (*Dn 10: 3*).

40 dias – O jejum do Senhor Jesus no deserto (*Lc 4: 1-2*) e de Moisés (*Êx 34: 28*) e Elias (*1 Rs 19: 8*). Eles estavam sob o poder sobrenatural de Deus, Moisés sendo envolvido pela glória divina e Elias, na força do alimento que o anjo lhe trouxe.

Em Isaías e Zacarias temos também um comentário interessante sobre o jejum que agrada e o que não agrada a Deus, nos mostrando que, na verdade, o objetivo do jejum não é para mortificar a carne nem para conquistar bênçãos, muito menos para cobrar algo de Deus, porém, para nos aproximarmos dEle, para avivá-LO em nós:

• *Is 58: 2-7*: “Mesmo neste estado [NVI: ‘dia a dia’], ainda me procuram dia a dia, têm prazer em saber os meus caminhos; como povo que pratica a justiça e não deixa o direito do seu Deus [NVI: ‘parecem desejosos de conhecer os meus caminhos, como se fossem uma nação que faz o que é direito e que não abandonou os mandamentos do seu Deus’], perguntam-me pelos direitos da justiça, têm prazer em se chegar a Deus [NVI: ‘parecem desejosos de que Deus se aproxime deles’], dizendo: Por que jejuamos nós, e tu não atentas para isso? Por que afligimos a nossa alma, e tu não o levas em conta? Eis que, no dia em que jejuais, cuidais dos vossos próprios interesses e exigis que se faça todo o vosso trabalho [NVI: ‘no dia do seu jejum vocês fazem o que é do agrado de vocês, e exploram os seus empregados’]. Eis que jejuais para contendias e rixas e para ferirdes com punho iníquo [NVI: ‘Seu jejum termina em discussão e rixa, e em brigas de socos brutais’]; jejuando assim como hoje, não se fará ouvir a vossa voz no alto. Seria este o jejum que escolhi, que o homem um dia aflija a sua alma, incline a sua cabeça como o junco e estenda debaixo de si pano de saco e cinza? Chamarias tu a isto jejum e dia aceitável ao Senhor? Porventura, não é este o jejum que escolhi: que soltes as ligaduras da impiedade, desfaças as ataduras da servidão, deixes livres os oprimidos e despedaces todo jugo? Porventura, não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desabrigados, e, se vires o nu, o cubras, e não te escondas do teu semelhante?”

O povo em questão parecia sentir prazer em ir ao templo, oferecer sacrifícios, ouvir a palavra de Deus e procurar saber qual a Sua vontade, mas não colocavam em prática as orientações que eram dadas através dos profetas. Assim, nós podemos pensar que a frase acima ‘Mesmo neste estado’ signifique: ‘mesmo que eles continuem em pecado, com dupla prática religiosa, ainda me buscam todo o dia, dia após dia’ (o Senhor estava falando). Subiam aos altos para prestar culto idólatra e ofereciam sacrifícios debaixo de terebintos ou carvalhos.

• *Zc 7: 3-5*: “... perguntaram os sacerdotes, que estavam na Casa do Senhor dos Exércitos aos profetas: Continuaremos nós a chorar, com jejum, no quinto mês, como temos feito por tantos anos? Então, a palavra do Senhor dos Exércitos me veio a mim, dizendo: Fala a todo o povo desta terra e aos sacerdotes: Quando jejuastes e pranteastes,

no quinto e no sétimo mês, durante estes setenta anos, acaso foi para mim que jejuastes, com efeito, para mim?”

Em *Zc 8: 19*, nós podemos ver quatro meses de jejum observados pelos Judeus, instituídos pós-exílio, que marcavam os desastres da história judaica. A bíblia diz: “Assim diz o Senhor dos Exércitos: O jejum do quarto mês, e o do quinto mês, e o do sétimo, e o do décimo serão para a casa de Judá regozijo, alegria e festividades solenes; amai, pois, a verdade e a paz”.

Vamos explicar a qual situação Deus estava se referindo:

Quarto mês (*2 Rs 25: 3* – a cidade de Jerusalém foi tomada pelos Babilônios)

Quinto mês (*2 Rs 25: 8* – o templo foi queimado)

Sétimo mês (*Jr 41: 1* – Gedalias foi morto). Gedalias (*Jr 40: 5*), filho de Aicão, filho de Safã, foi a quem o rei da Babilônia nomeou governador das cidades de Judá. Este jejum não deve ser confundido com o jejum da Expição (*Êx 30: 10; Lv 16: 29-34; Lv 23: 26-32*), ‘Yom Kippur’.

Décimo mês (*2 Rs 25: 1; Ez 24: 1* – quando o exército Babilônico sitiou a cidade)

Agora eu pergunto com relação ao texto de Isaías escrito acima (*Is 58: 2-7*):

Onde estão a impiedade (não crer nas coisas de Deus), a servidão ao diabo, a opressão e o jugo, a avareza, a indiferença, a falta de compaixão e solidariedade e o egoísmo?

Não estão na carne dando brecha para Satanás agir?

Por isso, ela precisa ser purificada de tudo isso através do jejum.

O jejum não deve ser feito como um ato religioso, mas espiritual. É ele que derruba as barreiras que nos impedem de ouvir a voz do Espírito. Também precisamos ficar atentos à Sua voz para saber quando devemos fazer um jejum.

Quando pensamos em jejum, logo nos lembramos de comida. Entretanto, o jejum é uma abstinência de algo que gostamos e, aparentemente, nos faz muita falta. É o caso do chocolate, do sorvete, das massas, do churrasco e de outras ‘coisinhas’ que achamos que não podem faltar na nossa alimentação, assim como certos hábitos, que são danosos à nossa vida (um hábito gostoso que *serve de alimento para a carne*): maledicência, mexerico, inveja, consumismo, cigarro, bebidas, certos programas de rádio e televisão, sexo etc.

Trata-se da abstinência de algo que já se tornou um hábito, em particular o alimento, e que nos afasta da comunhão com o Senhor. Durante o período em que nos abstermos de alguma coisa, devemos ler a Palavra, orar, procurar revelação espiritual, nos ‘desligar’ das coisas mundanas para podermos estar no trono. Não é o tempo de jejum que traz resultado e sim a postura correta. Mesmo porque quando jejuamos (especialmente de alimentos), devemos conhecer o limite do nosso corpo. Essa prática exige certo treinamento espiritual e corporal que não vem de uma hora para a outra, mas se desenvolve à medida que vamos nos submetendo ao domínio do Espírito Santo. Quando caminhamos verdadeiramente com Ele, sabemos perfeitamente o momento correto de fazermos um jejum. A regra básica é: se a carne está prevalecendo e nem lembramos que temos um espírito que também necessita ser alimentado através da oração e da conversa diária com o Criador, essa é uma boa hora para jejuar. Jesus fala uma coisa interessante em *Mt 6: 16-18*: “Quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas; porque desfiguram o rosto com o fim de parecer aos homens que jejuam. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. Tu, porém, quando jejuardes, unge a cabeça e lava o rosto, com o fim de não parecer aos homens que jejuas, e sim ao teu pai, em secreto; e teu pai, que vê em secreto, te recompensará”. Isso quer dizer que ninguém precisa ficar sabendo que estamos jejuando.

Quanto ao assunto sobre o nosso metabolismo durante o jejum, gostaria de dizer em primeiro lugar que, quando falamos de derrubar barreiras espirituais ou de entrar em contato com o mundo espiritual, estamos na realidade, nos referindo ao que acontece na nossa mente com todo esse processo, porque é pela nossa mente que entramos no mundo espiritual e nos relacionamos com ele. Quando a pessoa se propõe a fazer um jejum alimentar a taxa de açúcar no sangue começa a cair e ela passa a experimentar sintomas disso: sonolência, taquicardia (aceleração dos batimentos cardíacos), irritabilidade ou estado de alerta mais acentuado, tontura, zumbidos no ouvido, sudorese abundante (suor “frio”), tremor fino de extremidades, confusão mental e até sensação de desmaio. Caso ela tenha alguma doença pré-existente que agrave a queda de açúcar ou este chegue a níveis inferiores a 45 mg/dl, pode ocorrer, inclusive, uma convulsão ou coma. Esses são sinais que o cérebro emite para dizer que está faltando alimento (glicose). É nessa hora que a pessoa se torna mais vulnerável ao mundo espiritual, pois suas defesas orgânicas caem. Outras sensações físicas e emocionais começam a aparecer decorrentes da ‘brecha espiritual’ que foi aberta. Por isso, o jejum acaba revelando o que estava no fundo de uma situação, pois a barreira protetora do consciente para o inconsciente cai e o que estava escondido vem à tona.

Nessa fase é que o discernimento do Espírito nos ajuda a distinguir o que procede da carne da pessoa (seus conteúdos emocionais e mentais) e o que é decorrente de ação espiritual externa. Dessa forma, o jejum vem quebrando as barreiras da carne para que a própria pessoa conheça o que se passa no seu interior e comece a orar convenientemente em relação a isso. A partir daí, Deus começa a trabalhar.

Certa vez, o Espírito Santo me deu uma revelação e uma experiência interessante com o jejum. Na época, eu tinha um grupo de célula em minha casa e naquela semana tínhamos ouvido muitas pregações sobre jejum. Quando as irmãs chegaram à noite, começaram as dúvidas sobre o tema e, então, o Espírito Santo me fez abrir aleatoriamente a bíblia. Adivinhe onde foi aberto o texto explicativo! Exatamente em *Is 58: 1-14*, mencionado no começo da explanação. Agora adivinhe qual o jejum que Ele nos propôs! Ficar uma semana (até a próxima reunião de célula) sem falar nada de ninguém, nem bem nem mal; um jejum ‘de língua’. Ele sabia o que estava fazendo. Mais uma vez, tente adivinhar o resultado da experiência. Fracasso! Você já viu tantas mulheres juntas sem falar nada de ninguém por uma semana inteira? É um desafio. Isso nos ensinou muita coisa a respeito de jejum e nos fez aprofundar um pouco mais no texto do profeta Isaías. O Senhor estava curando a nossa carne, quebrando certas barreiras de pensamento que estavam impedindo o Seu mover mais forte em nós e nos libertando da religiosidade, das formalidades, das convenções e das obras da carne; mais do que isso, abriu nossa mente para o que significa fazer um jejum verdadeiro, como eu disse no início: nos abster daquilo que é um hábito gostoso para nós, não necessariamente comida, mas tudo o que serve de alimento para a carne: maledicência, mexerico, inveja, consumismo, certos programas de rádio e televisão, sexo etc.

Como Jesus, Moisés, Elias e outros servos de Deus conseguiram passar tantos dias em jejum completo? A bíblia fala de quarenta dias.

Eles conseguiram porque já estavam acostumados com a prática do jejum prolongado e a sua carne já estava mais trabalhada por Deus, por isso, a força do Espírito veio sobrepujando a necessidade do corpo. Moisés (*Êx 34: 28*) e Elias (*1 Rs 19: 8*) estavam sob o poder sobrenatural de Deus, Moisés sendo envolvido pela glória divina e Elias, na força do alimento que o anjo lhe trouxe. Não é aconselhável esse tipo de procedimento, a não ser que seja orientado espiritualmente por Ele para fortalecer a pessoa para um possível combate futuro com as trevas. Enquanto o corpo parece desfalecer, o espírito dela se fortalece no contato com o Espírito Santo, mas também

fica sujeita às forças espirituais ao redor como eu comentei anteriormente. Lembre-se do estado de Daniel após vinte e um dias de jejum, até receber a revelação que necessitava pela boca do anjo Gabriel. A bíblia diz que ele não tinha mais forças (*Dn 10: 17*). O que sustenta a pessoa nesses momentos é a oração.



A maior prova de que o jejum abre a porta para o combate espiritual é Jesus. A bíblia diz que Ele ficou sem comer nada, no deserto, por quarenta dias, no final dos quais teve fome (*Lc 4: 1-2*). Quando estava quase desfalecendo é que o diabo apareceu de fato. Este foi o maior momento de tentação para o Filho de Deus, pois Suas forças físicas já tinham se esgotado. Só a presença do Espírito Santo com Ele lhe deu vitória.

Vamos nos lembrar do texto:

- *Mt 4: 1-11 (Lc 4: 1-13)*: “A seguir, foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. E, depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome. Então, o tentador, aproximando-se, lhe disse: Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães. Jesus, porém respondeu: Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus. Então, o diabo o levou à Cidade Santa, colocou-o sobre o pináculo do templo e lhe disse: Se és Filho de Deus, atira-te abaixo, porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito que te guardem; e: Eles te sustentarão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra. Respondeu-lhe Jesus: Também está escrito: Não tentarás o Senhor, teu Deus. Levou-o ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles e lhe disse: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares. Então, Jesus ordenou: Retira-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto. Com isto, o deixou o diabo, e eis que vieram os anjos e o serviram”. Em *Lc 4: 13* está escrito: “Passadas que foram as tentações de toda sorte, apartou-se dele o diabo, até momento oportuno” [ARA]. Na NVI está escrito: “Tendo terminado todas essas tentações, o Diabo o deixou até ocasião oportuna.” E se traduzirmos a KJV para o português, nós teremos o seguinte: “E quando o diabo acabou com toda a tentação, ele se retirou dele por um tempo.” A expressão “todas essas” (NVI) ou “toda” (KJV), em grego é *πᾶς* ou *παντα*, *pas* ou *panta*, Strong #3956, que significa: tudo, o todo, todo tipo de, qualquer.

Depois do batismo de Jesus, quando o Espírito Santo desceu sobre Ele em forma de pomba e a voz do Pai disse dos céus: “Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo” (*Mc 1: 11; Lc 3: 22*), Ele foi levado pelo mesmo Espírito para o deserto da Judéia (*Mt 3: 1; 13*), onde seria tentado pelo diabo por quarenta dias. Lucas diz (*Lc 4: 13*) que o Senhor foi tentado de várias maneiras (tentações de toda sorte), o que nos faz pensar que não foram apenas essas três apresentadas pelo diabo, no fim das forças de Jesus. Podemos imaginar que durante os quarenta dias, o Senhor foi tentado desde as coisas mínimas até culminar com o embate final entre Ele e Satanás. Jesus estava ali como homem e não fez uso de Seu poder divino para se livrar das provas. Mas vamos falar um pouco das três situações apresentadas por Mateus e Lucas. Satanás usou com Jesus as estratégias que ainda usa hoje em dia, distorcendo a própria palavra de Deus para seu benefício e os argumentos sujos para fragilizar ainda mais os crentes nos pontos em que são mais vulneráveis, com o intuito de minar sua fé em Deus e no que Ele lhes diz.

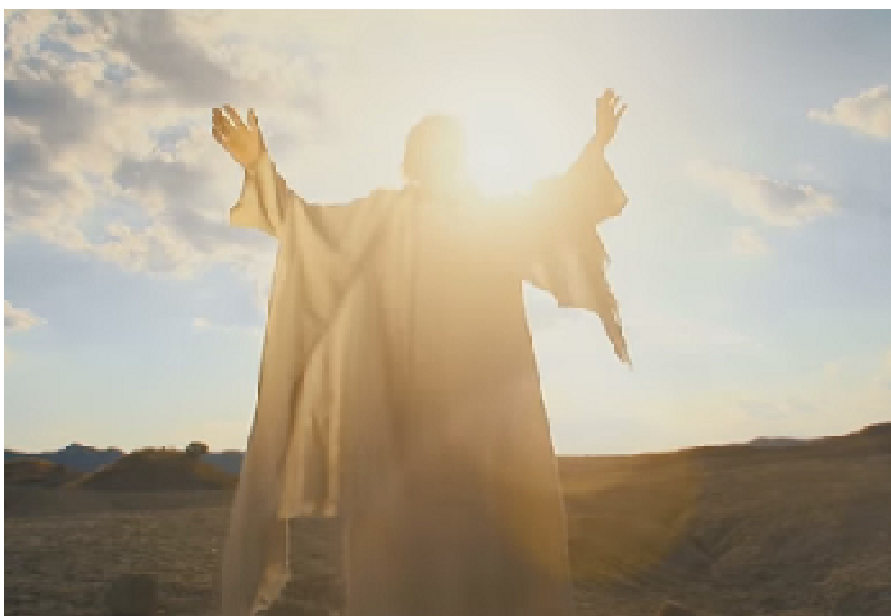
A primeira frase que disse foi: “Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães”. Aqui ele quis pôr em dúvida a verdadeira identidade e divindade de Jesus. Depois de quarenta dias sem comer, o Senhor estava enfraquecido e, logicamente, gostaria de abreviar Sua fome transformando aquelas pedras em pão. Era tentadora a proposta. Mas o intuito do inimigo ia um pouco mais além do que ver Jesus fazer milagres; ele queria pôr em dúvida a divindade de Jesus: “Se és Filho de Deus”, ele disse. Ele usou a conjunção condicional ‘se’ para ver se Jesus tinha ainda a convicção de que Ele era o Filho de Deus; porque se Ele fosse realmente, poderia acabar com aquela dura prova ali mesmo. O sofisma tinha o propósito confundir Jesus para que Ele começasse a questionar o Pai. Mas Jesus sabia, tinha certeza de que Ele era o Filho de Deus, e que não era necessário recorrer ao Pai para saciar Sua fome naquele momento. Ele o livraria daquela prova. Então, percebendo a armadilha, respondeu: “Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus” (*Mt 4: 4*). E aqui temos um comentário interessante: Ele poderia dar qualquer resposta, mas respondeu com as palavras das Escrituras, ou seja, “Está escrito”; para não deixar dúvida de que a palavra de Deus era soberana e tinha vida em si mesma, estava viva dentro dEle. O termo grego usado para “palavra” neste texto (“Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus”) é *rhēmati* (ρήματι).

Em grego existem dois vocábulos para “palavra”. Um deles é *Logos*, que significa qualquer tipo de palavra formatada, a palavra escrita, como é usada para designar a mensagem do evangelho cristão (*Jo 1: 1; 10; Fp 2: 16; Ef 1: 13; At 13: 26; 2 Co 5: 19; 1 Co 1: 18*). Na Septuaginta (a versão grega do AT) o termo ‘logos’ é usado para traduzir a palavra hebraica *dābhār*. Em *Jo 1:1; 10; 14*, o evangelista usou a palavra ‘Verbo’ para designar Jesus, o Verbo, a Palavra entre os homens. Portanto, *Logos* (Strong #g3056 – Λόγος) significa ‘razão, discurso, a palavra como a expressão de um pensamento, algo que é dito expressando os pensamentos do Pai através do Espírito, o raciocínio expresso por palavras’. O segundo vocábulo, e que foi usado por Jesus neste texto, é ‘*rhēma*’ (Strong #g4487 – ρήμα), que significa: toda palavra pronunciada, exalada pela boca; uma coisa falada, uma palavra ou ditado de qualquer tipo, como comando, relatório ou promessa; a palavra especial que Deus pronuncia de Sua própria boca. Foi isso que Jesus quis transmitir: Ele não tinha apenas dentro dEle uma palavra que Ele havia lido ou que Lhe dizia que Ele era o Messias, o Filho de Deus; pelo contrário, Ele tinha ouvido uma palavra da boca do próprio Pai que dizia quem Ele era: “Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo”. Isso Lhe deu força para resistir às dúvidas que o diabo tentou colocar em Sua mente. Além disso, Ele respondeu usando a

palavra da Escritura (*Dt 8: 3; Mt 4: 4*): “Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus”.

Assim, não conseguindo derrotá-lo com este estratagema, o diabo tentou o segundo: abalar Jesus no âmbito religioso, com as profecias das Escrituras a respeito da Sua autoridade como Messias. Portanto, o diabo o levou à Cidade Santa, colocou-o sobre o pináculo do templo e Lhe disse: “Se és Filho de Deus, atira-te abaixo, porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito que te guardem; e: Eles te sustentarão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra” (*Mt 4: 6 cf. Sl 91: 11-12*). E então, Jesus lhe respondeu novamente com a palavra das Escrituras: “Também está escrito: Não tentarás o Senhor, teu Deus” (*Mt 4: 7 cf. Dt 6: 16*).

Uma antiga tradição judaica dizia que quando o Messias viesse, Ele colocaria os pés sobre o pináculo do templo. Uns dizem que o pináculo é o ponto mais alto do muro no lado sudeste, de frente para o vale de Cedrom, a 50 metros de altura acima da rocha e onde um sacerdote ficava tocando o shofar para chamar o povo à adoração; outros acham que o pináculo ficava um pouco mais acima, no telhado do chamado Pórtico Real Stoa, um pórtico com quatro fileiras de colunas, dentro dos muros. Um sacerdote também tocava uma trombeta de chifre de carneiro ali nas festas judaicas. Na sua frente havia duas passagens para a muralha sul do templo que se abria para a cidade pelas Portas de Hulda. Nesse caso, as palavras do inimigo eram como que levassem Jesus a cumprir as profecias, mas Lhe mostrando que Ele não estava vestido apropriadamente para isso, nem como sacerdote, nem como um rei, em glória, e sim como um homem comum, faminto e sujo, e como tal poderia profanar o santuário estando ali desse jeito. Ele tentou colocar culpa em Jesus, a culpa de estar desgostando a Deus; e até o provocou a pular de lá de cima. Mas o Senhor lhe respondeu: “Também está escrito: Não tentarás o Senhor, teu Deus”. Novamente, Ele citou as Escrituras.



Enfim, falhando na sua tentativa de pôr dúvidas no coração de Jesus quanto à Sua identidade divina e falhando em fazê-LO se sentir indigno e culpado espiritualmente diante de Deus e indigno como o Messias, Satanás tentou comprá-LO em relação à autoridade que Jesus poderia ter sobre as coisas materiais e ao poder de rei sobre o mundo. Então, levou Jesus a um monte muito alto, mostrou-Lhe todos os reinos do

mundo e a glória deles e lhe disse: “Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares” (*Mt 4: 9*). Lucas escreve: “Disse-lhe o diabo: Dar-te-ei toda esta autoridade e a glória destes reinos, porque ela me foi entregue, e a dou a quem eu quiser. Portanto, se prostrado me adorares, toda será tua” (*Lc 4: 6-7*). Adão, ao pecar, deu o que tinha recebido de Deus ao diabo, por isso Jesus disse que Satanás é o príncipe do mundo (*Jo 12: 31; Jo 14: 30*). E por isso, este Lhe propôs a restituição da autoridade em troca da adoração à sua pessoa, como se ele fosse o dono de todas as coisas ao invés do Pai. Mais uma vez, brincou com a Palavra de Deus que diz: “o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens e o dá a quem quer” (*Dn 4: 32b*) ou “Deus, o Altíssimo, tem domínio sobre o reino dos homens e a quem quer constitui sobre ele” (*Dn 5: 21b*). Jesus, então, lhe ordenou: “Retira-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto” (*Mt 4: 10 cf. Dt 6: 13*). Com isto, O deixou o diabo, e eis que vieram os anjos e O serviram. Em *Lc 4: 13* está escrito: “Passadas que foram as tentações de toda sorte, apartou-se dele o diabo, até momento oportuno” [*a cruz*].

De volta ao pai do menino epilético, ele vivia na carne, sequer com a consciência de que era a sua falta de fé que atrapalhava a cura do filho. As amarras sentimentais doentes e inconscientes deveriam falar mais alto ali do que a vontade consciente de ver a cura do menino. Em outras palavras: *a velha luta entre carne e Espírito*, por isso Jesus não expulsou demônio algum dele, pois era a sua carne que precisava de tratamento. Ele mesmo desprotegia espiritualmente o filho pela incredulidade, dando brecha ao demônio. Quando ele creu, os dois foram curados. Para nos lembrar da “velha luta entre carne e Espírito”, vamos reler os textos escritos por Paulo, o que complementa o nosso raciocínio de que só o Espírito Santo em nós pode realmente nos transformar e nos levar a fazer a vontade de Deus:

- *Rm 7: 15-25*: “Porque nem mesmo eu compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto. Ora, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa. Neste caso, quem faz isto já não sou eu, mas o pecado que habita em mim. Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetua-lo. Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço. Mas, se eu faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, e sim o pecado que habita em mim. Então, ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim. Porque, no tocante ao homem interior [*seu espírito*], tenho prazer na lei de Deus; mas vejo, nos meus membros, outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros [*sua carne*]. Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte? Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor. De maneira que eu, de mim mesmo, com a mente, sou escravo da lei de Deus, mas, segundo a carne, da lei do pecado”.

- *Gl 5: 16-21*: “Digo, porém: andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência [*desejo desenfreado, avidez*] da carne. Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer. Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais sob a lei. Ora, as obras da carne são conhecidas e são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glotonarias e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos declaro, como já, outrora, vos preveni, que não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam” (*1 Sm 15: 22-23; 1 Co 6: 8-10; Ef 5: 3-7; Cl 3: 5*). São essas nuances da nossa carne que vêm à tona durante o jejum para serem tratadas e para que a vontade do nosso espírito, que é o nosso verdadeiro *eu* em Cristo, prevaleça.

• *Fp 2: 13-16a*: “Porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade. Fazei tudo sem murmurações nem contendas, para que vos torneis irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração pervertida e corrupta, na qual resplandeceis como luzeiros do mundo, preservando a palavra da vida”.

Um último comentário sobre jejum: muitos irmãos, na vontade de ajudar o outro, se propõem a fazer um jejum para que o problema deste se resolva. Entretanto, se falamos que o jejum é para derrubar as barreiras da carne, não adianta fazer jejum por outra pessoa, pois são as suas próprias barreiras que precisam ser derrubadas. É ele que precisa jejuar.

Nós dissemos também que *demônio se expulsa em nome de Jesus* e que *a carne se vence pelo jejum*. Para terminar, vamos ver que *o mundo*, ou seja, tudo o que tem a ver com o tempo, com as pessoas e com as coisas naturais da existência humana, *se vence pela fé*: “porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé. Quem é o que vence o mundo, senão aquele que crê ser Jesus o Filho de Deus?” (*1 Jo 5: 4-5*).

Conclusão de tudo o que dissemos:

- Demônio se expulsa em nome de Jesus.
- A carne se vence pelo jejum.
- O mundo se vence pela fé.
- O jejum deve ser um ato determinado pelo Espírito Santo com vista ao nosso aperfeiçoamento espiritual.
- A nossa santificação é progressiva e necessária; isso se conquista quando a nossa vontade está alinhada com a do Espírito Santo.
- Não adianta fazer jejum por outra pessoa.

UM COMENTÁRIO SOBRE O JEJUM DE DANIEL



A bíblia descreve três episódios distintos onde Daniel se absteve de certos alimentos:

- “Experimenta, peço-te, os teus servos dez dias; e que se nos dêem legumes a comer e água a beber” (*Dn 1: 12*).
- “Manjar desejável não comi, nem carne, nem vinho entraram na minha boca, nem me ungi com óleo algum, até que passaram as três semanas inteiras” (*Dn 10: 3*).
- “Voltei o rosto ao Senhor Deus, para o buscar com oração e súplicas, com jejum, pano de saco e cinza” (*Dn 9: 3*), quando faz sua oração pelo povo, ele estava em jejum completo. Oração, súplicas, jejum, pano de saco e cinzas eram comuns quando se tratava de uma oração especial pedindo livramento (*2 Rs 19: 1-2; Dn 9: 3; Jn 3: 5-8*).

O 1º episódio acima (*Dn 1: 12*) não foi exatamente um jejum com propósito espiritual, mas uma questão de não se contaminar com a comida pagã da Babilônia, pois Daniel e seus amigos tinham acabado de chegar lá e haviam feito um acordo de se consagrar a Deus, de ser fiel a Ele, não importa o que acontecesse com eles. E, é claro, os judeus não podiam comer porco nem qualquer comida consagrada a outros deuses nem beber o vinho das libações feitas a eles. A bíblia diz: “Resolveu Daniel firmemente, não contaminar-se com as finas iguarias do rei, nem com o vinho que ele bebia; então, pediu ao chefe dos eunucos que lhe permitisse não contaminar-se” (*Dn 1: 8*). Por isso, eu não chamo isso exatamente de um jejum, foi uma dieta que iniciou com dez dias de teste e se prolongou por três anos, o tempo de seu treinamento para assistir diante do rei (*Dn 1: 16, 18 cf. v. 5*). Poderíamos chamar isso de *“A dieta de Daniel”*. A bíblia não menciona a palavra “jejum” aqui.

A expressão hebraica ‘legumes’ dizia respeito a grãos, leguminosas e os frutos de todas as sementes. A palavra hebraica usada neste texto é zeroa ou zerson – Strong #2235, זֵרָעִים, que quer dizer, literalmente: pulso, pulsar, pulsação, batimento, cadência, palpitação, palpitar, vida, vibrar, bater, movimento rítmico, ter pulsações. Ela vem da raiz hebraica zara, que significa: algo semeado (apenas no plural, zero’im ou zar’im), ou seja, um vegetal (como alimento); sementes (ou seja, alimentos que vêm de uma semente). Ele bebeu água e comeu verduras, frutas, legumes e grãos, provavelmente, a cevada ou o trigo torrado, que era costume entre os judeus.

No 2º texto (*Dn 10: 3*) já houve um propósito mais específico da parte de Daniel de buscar a revelação de Deus sobre uma visão que o perturbou. *Aqui, nós podemos chamar realmente, o jejum de Daniel*. No v. 4, o 24º dia do primeiro mês caiu logo após

as festas da Páscoa (14º dia de Nisã) e dos Pães sem Fermento (do 15º até o 21º dia), com o que o seu jejum pode ter estado associado. A bíblia diz que ele não comeu pão ou qualquer alimento com trigo fermentado ou que parecesse mais apetitoso: “Manjar desejável não comi, nem carne, nem vinho entraram na minha boca, nem me ungi com óleo algum, até que passaram as três semanas inteiras” (*Dn 10: 3*). Daniel se absteve de comer certos alimentos e ungir-se, o que era comum em dias de luto, não de festa. Ele estava de luto porque queria entender a visão (*v. 12*).

A Festa dos Pães Asmos iniciava no 15º dia do primeiro mês (no dia seguinte à Páscoa) e durante sete dias era comido o pão sem fermento (*Lv 23: 6*), o que inclui o pão feito com a cevada, trigo ou espelta (um trigo de qualidade inferior). O primeiro e o último dia da festa eram convocações santas e sacrifícios eram oferecidos (*Nm 9: 1-5; Nm 28: 16-25 e Dt 16: 1-8*). Os judeus continuam a fazer isso hoje: come-se o pão sem fermento (*matzá*) e durante estes dias, todos os produtos com fermento são removidos da casa: aveia, pão, bolachas, bolos, biscoitos, macarrões e qualquer coisa feita com um agente de fermentação ou farinha. Sua dieta é composta de: arroz, que se enquadra na categoria de leguminosas (*kitniyot*), e que inclui feijões, ervilhas, lentilhas e vários tipos de sementes. Embora o vinho kosher seja uma parte importante da celebração da refeição da Páscoa judaica, outros tipos de álcool são proibidos (pelo menos para os judeus tradicionais. Alguns judeus bebem tequila, um licor mexicano feito de agave). Eles usam maionese em suas refeições, e às vezes temperam com alho. Também comem carne de vaca ou cordeiro. Isso nos faz pensar que a festa dos pães asmos tinha o propósito espiritual de santificação (= pão asmo), pois o fermento simboliza a carne, a maldade e a malícia humana em contraposição com a santidade do Espírito. Em *1 Co 5: 6-8*, o apóstolo Paulo escreve: “Não é boa a vossa jactância. Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda? Lançai fora o velho fermento, para que sejais nova massa, como sois, de fato, sem fermento. Pois também Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado. Por isso, celebremos a festa não com o velho fermento, nem com fermento da maldade e da malícia, e sim com os asmos da sinceridade e da verdade”.

Na verdade, na lei de Moisés os judeus tinham um único dia de jejum instituído: o jejum do Dia da Expição (*Lv 23: 27*), que também ficou conhecido como “o Dia do Jejum” ou “Yom Kippur” (*Jr 36: 6; At 27: 9*). Servos de Deus fizeram jejum voluntário para se aproximar dEle em determinadas situações onde Sua unção de fazia necessária.

Voltando a Daniel, ele se absteve de alimentos como carne ou vinho e se absteve de unguentos que tornavam a vida mais confortável em um clima seco e desértico: “Manjar desejável não comi, nem carne, nem vinho entraram na minha boca, nem me ungi com óleo algum, até que passaram as três semanas inteiras” (*Dn 10: 3*). Na verdade, ele começou seu jejum no dia 1º do mês de Nisã, mas aproveitou o feriado da Páscoa e dos pães asmos, terminando no 21º dia, quando também terminava a celebração do feriado da Páscoa. Se ele deixou de comer carne e beber vinho, é porque isso não era proibido de se comer na Festa dos Pães Asmos, mesmo porque se tratava de uma festa e não de uma ordenança de luto.

Quando analisando o texto de *Dn 10: 3*, usando a KJV com Concordância de Strong, nós podemos notar o seguinte: “Manjar desejável não comi, nem carne, nem vinho entraram na minha boca, nem me ungi com óleo algum, até que passaram as três semanas inteiras”; em inglês está escrito: “I ate no pleasant bread, neither came flesh nor wine in my mouth, neither did I anoint myself at all, till three whole weeks were fulfilled”. “Manjar desejável” é escrito como ‘nenhum pão agradável’ (‘no pleasant bread’), em hebraico *lechem* לחם, Strong #3899, que significa: comida (para homem ou animal), especialmente pão ou grãos para fazê-lo; comer, comida, fruta, pão, carne,

viveres; Pães da Proposição. Isso fala a favor de pão com fermento e outras coisas gostosas, incluindo carnes e vinho.

Dadas as condições de enfraquecimento em que ele se encontrou depois dos 21 dias (*Dn 10: 8-10; 16-19*), podemos imaginar que deve ter comido muito menos do que legumes, como descrito em *Dn 1: 12*. Deve ter sido água e, no máximo, o pão asmo da Páscoa, pois geralmente, os judeus jejuavam de maneira bem mais intensa quando se tratava de um caso de se humilhar diante de Deus pedindo uma revelação ou um livramento (ver *Et 4: 16*; ela fez um jejum total). Em outras palavras, este jejum foi um período de luto para Daniel e também parte do modo como ele se dispôs a adquirir entendimento e a humilhar-se perante o seu Deus (*Dn 10: 12*). Daniel jejuou por causa de uma revelação mais difícil. O anjo lhe declarou que desde o primeiro dia de oração o profeta já fora ouvido (*Dn 10: 12*), mas que uma batalha estava sendo travada no reino espiritual, tentando impedir a revelação (*v. 13*) e que continuaria contra os Principados da Pérsia e da Grécia (*v. 20-21*).

Também era comum durante os jejuns de luto, a pessoa não unguir os cabelos e não cuidar muito de sua aparência. Talvez, por isso é que Jesus nos ensinou a maneira certa de jejuar, para ser visto por Deus, não por homens: “Quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas; porque desfiguram o rosto com o fim de parecer aos homens que jejuam. Em verdade vos digo que eles já receberam a sua recompensa. Tu, porém, quando jejuardes, unge a cabeça e lava o rosto, com o fim de não parecer aos homens que jejuas, e sim ao teu Pai, em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará” (*Mt 6: 16-18*).

O AT mostra diferentes propósitos para o jejum: luto (*1 Sm 31: 13; 2 Sm 1: 12; 2 Sm 3: 35*), arrependimento de pecados (*1 Sm 7: 6; Ne 9: 11; Dn 9: 3*), aflição e enfermidade (*2 Sm 12: 16-23; 2 Cr 20: 3; Sl 35: 13*), buscar proteção (*Ed 8: 21-23; Et 4: 16*); intercessão (*Dn 9: 3, Dn 10: 2-3*); consagração (o Nazireado – *Nm 6: 3-4*); nos momentos de guerra espiritual, onde se necessita de fortalecimento e revelação de Deus (*Dn 10: 1-3; 12; 13; 20-21*).

O que podemos comer quando fazemos o jejum de Daniel? O que precisamos remover?

Hoje, ao fazer um jejum de Daniel, a pessoa deve ter em mente que é um ato de penitência que dura 21 dias, em que se deve abster de certos alimentos, com o objetivo de se aproximar de Deus e se purificar da contaminação mundana que ela vive, deixando as vontades da sua carne em segundo plano. Assim, ela deve se abster de carne e produtos de origem animal (de vaca, frango, peixe, ovos e laticínios), doces e adoçantes naturais como mel (inclui frutas como tâmaras, ameixas, e outras preparadas com açúcar, uva etc.), pão e alimentos saborosos (com gorduras), fermento, bebidas alcoólicas, refrigerantes, cafeína, aditivos e alimentos processados.

É permitido comer:

Verduras, legumes, frutas e grãos integrais (granola, aveia, soja, trigo torrado), nozes e sementes.

Água mineral e água de coco; chás de erva-doce, camomila, hortelã, erva-cidreira.

Temperos como alho, cebola, sal, pimentão, cheiro verde, azeite de oliva, pimenta, canela, orégano, manjeriço, azeitona e farelo de linhaça.

Como eu falei nas orientações iniciais sobre jejum, é bom se ‘desconectar’ de outras coisas que possam distrair a mente do foco de buscar a Deus: internet (sites de lojas, por exemplo, que estimulam o consumismo; jogos, tipo videogame, futebol; e tudo que traz distrações), músicas seculares, whatsapp, redes sociais, TV (cortar todo consumo de informações inúteis: as notícias do mundo, séries na TV), sexo etc., ou seja,

o que a pessoa ‘ingere’ com os olhos e ouvidos. E, logicamente, se dedicar mais à oração, à leitura e à meditação da palavra de Deus; ouvir louvor e mensagens que edifiquem a alma e fortaleçam o espírito; ler livros com conteúdo cristão. Em resumo: manter a mente conectada com Deus (o espírito em constante conversa com Ele).

Dependendo da profissão da pessoa, até certas opções deveriam ser feitas, levando-se em conta o motivo específico do jejum e da fraqueza da carne que está se tentando extirpar. Ela só vai acessar informações deste mundo que sejam, realmente, necessárias para o trabalho e o estudo. São dias em que se desliga do mundo e se desintoxica das informações inúteis, conectando-se mais com Deus para ouvir a Sua voz.

3ª PARTE



Reencontro na Galiléia

Jo 21

¹ Depois disto, tornou Jesus a manifestar-se aos discípulos junto do mar de Tiberíades; e foi assim que ele se manifestou:

² estavam juntos Simão Pedro, Tomé, chamado Dídimo, Natanael [*Bartolomeu*], que era de Caná da Galiléia, os filhos de Zebedeu [*João e Tiago*] e mais dois dos seus discípulos [*comentário meu: muito provavelmente Filipe e André; o primeiro por ser muito amigo de Natanael e o segundo, por ser irmão de Pedro*].

³ Disse-lhes Simão Pedro: Vou pescar. Disseram-lhe os outros: Também nós vamos contigo. Saíram, e entraram no barco, e, naquela noite, nada apanharam.

⁴ Mas, ao clarear da madrugada, estava Jesus na praia; todavia, os discípulos não reconheceram que era ele.

⁵ Perguntou-lhes Jesus: Filhos, tendes alguma coisa de comer? Responderam-lhe: Não.

⁶ Então, lhes disse: Lançai a rede à direita do barco e achareis. Assim fizeram e já não podiam puxar a rede, tão grande era a quantidade de peixes.

⁷ Aquele discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: É o Senhor! Simão Pedro, ouvindo que era o Senhor, cingiu-se com sua veste, porque se havia despido, e lançou-se ao mar;

⁸ mas os outros discípulos vieram no barquinho puxando a rede com os peixes; porque não estavam distantes da terra senão quase duzentos côvados (mais ou menos noventa metros).

⁹ Ao saltarem em terra, viram ali umas brasas e, em cima, peixes; e havia também pão.

¹⁰ Disse-lhes Jesus: Trazei alguns dos peixes que acabastes de apanhar.

¹¹ Simão Pedro entrou no barco e arrastou a rede para a terra, cheia de cento e cinquenta e três grandes peixes; e, não obstante serem tantos, a rede não se rompeu.

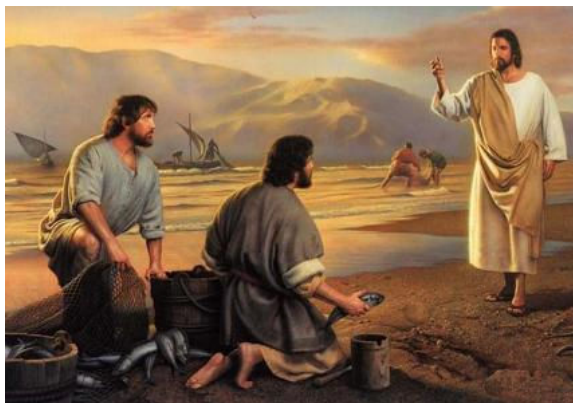
¹² Disse-lhes Jesus: Vinde, comei. Nenhum dos discípulos ousava perguntar-lhe: Quem és tu? Porque sabiam que era o Senhor.

¹³ Veio Jesus, tomou o pão, e lhes deu, e, de igual modo, o peixe.

¹⁴ E já era esta a terceira vez que Jesus se manifestava aos discípulos, depois de ressuscitado dentre os mortos.



RELEMBRAR O CHAMADO



Galiléia significa: *círculo*. Na segunda parte do capítulo (*Jo 21: 15-23: “Pedro é interrogado”*), podemos ver que Jesus marcou este encontro não só para curar a alma de Pedro por tê-lo negado, dando-lhe, agora, o encargo de liderar Sua Igreja, mas também para tratar e fortalecer os demais, lembrando-os do chamado inicial que tiveram com Ele junto ao mar no início do Seu ministério. É interessante neste texto de *Jo 21: 1-14*, que no versículo 2 a bíblia diz que estavam juntos: Simão Pedro, Tomé, Natanael, Tiago e João (filhos de Zebedeu) e mais dois dos Seus discípulos, muito provavelmente André e Filipe, pois André era irmão de Pedro, e Filipe, companheiro de Natanael, que o apresentou ao Mestre logo quando começou a ser Seu discípulo. Se prestarmos atenção, foram os mesmos seis primeiros discípulos escolhidos por Jesus, com exceção de Tomé: Pedro, André, Tiago, João, Filipe e Natanael.

- *Mc 1: 16-20*: “Caminhando junto ao mar da Galiléia, viu os irmãos Simão e André, que lançavam a rede ao mar, porque eram pescadores. Disse-lhes Jesus: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens. Então, eles deixaram imediatamente as redes e o seguiram. Pouco mais adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco consertando as redes. E logo os chamou. Deixando eles no barco a seu pai Zebedeu com os empregados, seguiram Jesus”.

- *Jo 1: 40-51*: “Era André, o irmão de Simão Pedro, um dos dois [*o outro, provavelmente era João*] que tinham ouvido o testemunho de João [*Batista*] e seguido Jesus. Ele achou primeiro o seu próprio irmão, Simão a quem disse: Achamos o Messias (que quer dizer Cristo), e o levou a Jesus. Olhando Jesus para ele, disse: Tu és Simão, o filho de João; tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro). No dia imediato, resolveu Jesus partir para a Galiléia e encontrou a Filipe, a quem disse: segue-me. Ora, Filipe era de Betsaida, cidade de André e de Pedro. Filipe encontrou a Natanael [*também chamado Bartolomeu*] e disse-lhe: Achamos aquele de quem se referiram os profetas: Jesus, o Nazareno, filho de José. Perguntou-lhe Natanael: De Nazaré pode sair alguma coisa boa? Respondeu-lhe Filipe: Vem e vê. Jesus viu Natanael aproximar-se e disse a seu respeito: Eis um verdadeiro israelita, em quem não há dolo! Perguntou-lhe Natanael: Donde me conheces? Respondeu-lhe Jesus: Antes de Filipe te chamar, eu te vi, quando estavas debaixo da figueira. Então, exclamou Natanael: Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel! Ao que Jesus lhe respondeu: Porque te disse que te vi debaixo da figueira, crês? Pois maiores coisas do que estas verás. E acrescentou: Em verdade, em verdade vos digo que vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem”.

Explicando essa declaração de Jesus ao Seu novo discípulo, é provável que Natanael estivesse meditando na história da escada de Jacó (*Gn 28: 12*), que é uma imagem do próprio Senhor Jesus Cristo, o único acesso ao céu. Natanael tinha visto apenas demonstrações muito pequenas de Sua messianidade (que foi o fato do Senhor tê-lo visto debaixo da figueira e conseguir expressar o que estava no seu coração). O Filho do homem é um título indicando uma figura sobrenatural e celestial (*Dn. 7: 13*), que entra no âmbito terreno, mas cuja habitação real está sempre no céu. Foi como Jesus definiu a si mesmo nos evangelhos. Natanael teria revelações mais claras da pessoa de Cristo imediatamente (o 1º milagre de Jesus foi em Caná da Galiléia e vem logo a seguir na narrativa. Natanael era de Caná) e da graça de Deus através do Seu ministério, e tais milagres seriam realizados por Ele como que confirmando a participação das hostes celestiais nesses milagres, subindo e descendo do céu para servir Jesus.

Ao marcar encontro na Galiléia com esses discípulos junto ao mar, o Mestre os lembrava que o Seu chamado para eles estava sendo renovado. Era para mostrar a eles que tinham amadurecido e deixar claro o que teriam que fazer; estavam capacitados para entender o projeto do Senhor, bem diferente do que ocorreu no início. O interessante em toda essa história é que Tomé, que fazia parte do ‘segundo grupo’ escolhido por Jesus, neste momento era um ‘titular do time’, pois também havia tido uma experiência marcante com o Senhor, vencendo a incredulidade da própria alma, portanto, ganhado o direito de participar de um trabalho um pouco maior.

Como eu disse, *Galiléia* significa: *círculo*. Eles retornavam à origem para dar valor à transformação que ocorrera em suas vidas naqueles três anos com o Mestre. Podiam ver com mais clareza o que aconteceria com eles dali para frente; não tão claro ainda, como depois do Pentecostes, todavia, mais claro do que no passado, quando eram simples pescadores. Aquela experiência poderia também ser para eles uma despedida da antiga vida para começar algo totalmente novo. Na bíblia está escrito: “Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão” (*Mc 13: 31*). O chamado do início estava sendo reafirmado; Deus não havia mudado de idéia.

Como conclusão, fica a idéia: Deus nos faz voltar ao início da nossa caminhada com Ele para que tenhamos a certeza de que Sua palavra e Seu chamado para nossas vidas são imutáveis e que houve um crescimento e um amadurecimento neste tempo em que o Espírito Santo trabalhou conosco. Como “*Tomés*”, quando conseguimos vencer os desafios, derrubando as barreiras da própria carne, nós ganhamos o direito de participar da construção do sonho de Deus como pioneiros da Sua obra.

CORPO GLORIFICADO



Este texto (*Jo 21: 4-14*) nos remete a uma pergunta que muitos de nós já fizemos que é sobre a aparência de Jesus após Sua ressurreição. No Monte da Transfiguração Jesus mostrou aos Seus discípulos o Seu corpo glorificado. Em outras palavras, eles O viram como está hoje em glória à direita do Pai:

- *Lc 9: 28-36*: “Cerca de oito dias depois de proferidas estas palavras [*a revelação que Pedro teve sobre ser Jesus o Filho de Deus e o Messias*], tomando consigo a Pedro, João e Tiago, subiu ao monte [*provavelmente o Hermom, ao norte de Israel*] com o propósito de orar. E aconteceu que, enquanto ele orava, a aparência do seu rosto se transfigurou e suas vestes resplandeceram de brancura. Eis que dois varões falavam com ele; Moisés e Elias, os quais apareceram em glória e falavam de sua partida, que ele estava para cumprir em Jerusalém. Pedro e seus companheiros achavam-se premidos de sono; mas, conservando-se acordados, viram sua glória e os dois varões que com ele estavam. Ao se retirarem estes de Jesus, disse-lhe Pedro: Mestre, bom é estarmos aqui; então, façamos três tendas: uma será tua, outra de Moisés, e outra, de Elias, não sabendo, porém, o que dizia. Enquanto assim falava, veio uma nuvem e os envolveu; e encheram-se de medo ao entrarem na nuvem. E dela veio uma voz, dizendo: Este é o meu Filho, o meu eleito; a ele ouvi. Depois daquela voz, achou-se Jesus sozinho. Eles calaram-se e, naqueles dias, a ninguém contaram coisa alguma do que tinham visto” [*em Mc 9: 9 e Mt 17: 9 a bíblia diz que Jesus lhes ordenou a não contarem a ninguém o que tinham visto até que Ele ressuscitasse: “E descendo eles do monte, ordenou-lhes Jesus: A ninguém conteis a visão, até que o Filho do Homem ressuscite dentre os mortos”*].

Dessa forma, podemos pensar que Jesus já estava preparando Seus discípulos para muitas coisas que viriam, não apenas em relação a Ele, mas também a todos os demais que com Ele estavam. Também era uma forma de profetizar o que aconteceria conosco após ‘dormirmos’ (Como a bíblia se refere aos mortos em Cristo). Em *1 Co 15: 35-58*, Paulo diz que os ressuscitados terão corpo, e está, na verdade, descrevendo o nosso corpo glorificado, com foi o de Jesus no Monte da Transfiguração e como o foi após a Sua ressurreição. Enfatiza que o corpo espiritual que teremos será um corpo diferente, com átomos e moléculas ‘reorganizados’; portanto, outro tipo de matéria. O corpo espiritual a que ele se refere, não é o espírito propriamente dito, pois é a nossa alma salva e purificada que estará ali também. A bíblia fala que Deus é o Espírito (*2 Co 3:*

17) e que os anjos são igualmente espíritos, não têm corpo para habitar; mas em referência ao homem, desde a sua criação, ele sempre esteve ligado a um corpo. Quanto ao corpo glorificado de Jesus após a Sua ressurreição, que estava transformado a ponto de nem Maria Madalena nem os próprios discípulos por várias vezes não O reconhecerem de imediato, era um corpo que atravessava as paredes, entretanto, comia e mantinha sua forma humana:

- *Jo 20: 14-17*: “Tendo dito isto, voltou-se para trás e viu Jesus em pé, mas não reconheceu que era Jesus. Perguntou-lhe Jesus: Mulher, por que choras? A quem procura? Ela, supondo ser ele o jardineiro, respondeu: Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei. Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, lhe disse: em hebraico: Raboni (que quer dizer Mestre)! Recomendou-lhe Jesus: Não me detenhas; porque ainda não subi para meu Pai, mas vai ter com os meus irmãos e dize-lhes: Subo para meu Pai e nosso Pai, para meu Deus e nosso Deus”.

- *Jo 20: 19-23*: “Ao cair da tarde daquele dia, o primeiro da semana, trancadas as portas da casa onde estavam os discípulos com medo dos judeus, veio Jesus, pôs-se no meio e disse-lhes: Paz seja convosco! E, dizendo isto, lhes mostrou as mãos e o lado. Alegraram-se, portanto, os discípulos, ao verem o Senhor. Disse-lhes, pois, Jesus, outra vez: Paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio. E, havendo dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo. Se de alguns perdoardes os pecados são-lhes perdoados; se lhos retiverdes serão retidos”.

- *Jo 20: 26*: “Passados oito dias, estavam outra vez ali reunidos os seus discípulos, e Tomé, com eles. Estando as portas trancadas, veio Jesus, pôs-se no meio e disse-lhes: Paz seja convosco!”

- *Lc 24: 36-43*: “Falavam ainda estas coisas [*refere-se aos discípulos a caminho de Emaús, que haviam se encontrado com o Senhor*] quando Jesus apareceu no meio deles [*se materializou lá dentro, não bateu à porta*] e lhes disse: Paz seja convosco! Eles, porém, surpresos e atemorizados, acreditavam estarem vendo um espírito. Mas ele lhes disse: Por que estais perturbados? E por que sobem dúvidas ao vosso coração? Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e verificai, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho. Dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés. E, por não acreditarem eles ainda, por causa da alegria, e estando admirados, Jesus lhes disse: Tendes aqui alguma coisa de comer? Então, lhe apresentaram um pedaço de peixe assado e um favo de mel. E ele comeu na presença deles”.

Agora, veja:

- *1 Co 15: 35-58*: “Mas alguém dirá: Como ressuscitam os mortos? E, em que corpo vêm? Insensato! O que sementes não nasce, se primeiro não morrer [*um ramo de trigo não nasce se uma semente não morrer na terra, é o que quer dizer*]; e, quando sementes, não sementes o corpo que há de ser, mas o simples grão, como de trigo ou de qualquer outra semente [*é preciso semear primeiro o grão ou a semente para se ter o pé ou a árvore inteira*]. Mas Deus lhe dá corpo como lhe aprouve dar e a cada uma das sementes, o seu corpo apropriado. Nem toda a carne é a mesma; porém uma é a carne dos homens, outra, a dos animais, outra, a das aves, e outra, a dos peixes. Também há corpos celestiais [*anjos, estrelas e planetas*] e corpos terrestres [*nós e os animais*]; e, sem dúvida, uma é a glória dos celestiais, e outra, a dos terrestres. Uma é a glória do sol; outra, a glória da lua, e outra, a das estrelas; porque até entre estrela e estrela há diferença de esplendor. Pois assim também é a ressurreição dos mortos. Semeia-se o corpo na corrupção [*semeamos aqui, em vida, vivendo num corpo imperfeito e impuro*], ressuscita na incorrupção [*semeamos nas coisas espirituais para termos um corpo espiritual de glória e esplendor e isso difere de pessoa para pessoa, conforme a sua*]

semeadura na terra]. Semeia-se em desonra [*imperfeição humana*], ressuscita em glória [*perfeição espiritual*]. Semeia-se em fraqueza, ressuscita em poder. Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual... Mas não é primeiro o espiritual, e sim o natural; depois, o espiritual [*precisamos semear aqui, enquanto estamos vivos, o que queremos ser no futuro. Se semearmos apenas as coisas materiais e mundanas, não poderemos ser salvos na alma, nem termos um corpo espiritual, pois não pensamos nele na terra, quando tivermos chance*]. O primeiro homem, formado da terra [*nosso corpo material que foi gerado no ventre materno*] é terreno; o segundo homem [*nosso espírito gerado do Espírito de Deus no novo nascimento*] é do céu... Isto afirmo, irmãos, que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção. Eis que vos digo um mistério: nem todos dormiremos, mas transformados (*Fp 3: 21*) seremos todos [*ele quer dizer que quando Jesus voltar pela segunda vez, muitos que estarão vivos serão arrebatados num corpo espiritual, glorificado, como aconteceu com Jesus quando Maria Madalena O viu e, por isso, não O reconheceu de imediato; Sua aparência estava diferente*], num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta [*um anjo tocará uma trombeta convocando os que são de Cristo, por terem Seu selo na testa – Ap 7: 3; 9: 4; 14: 1; 22: 4*]. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis [*com um corpo limpo de impurezas e diferente do que o que tinham em vida na terra*], e nós seremos transformados [*arrebatados no nosso novo corpo*]. Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade [*precisamos cuidar da nossa salvação e da nossa santidade aqui para podermos chegar purificados no céu*]. E, quando este corpo corruptível se revestir de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão [*ferrão, incitamento, estímulo*]? O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei [*a Lei é autoridade e governo sobre o pecado e que traz punição*]. Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão”.

Nós também teremos um corpo glorificado como o de Jesus.

Jo 21

⁴ Mas, ao clarear da madrugada, estava Jesus na praia; todavia, os discípulos não reconheceram que era ele.

⁵ Perguntou-lhes Jesus: Filhos, tendes alguma coisa de comer? Responderam-lhe: Não.

⁶ Então, lhes disse: Lançai a rede à direita do barco e achareis. Assim fizeram e já não podiam puxar a rede, tão grande era a quantidade de peixes.

⁷ Aquele discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: É o Senhor! Simão Pedro, ouvindo que era o Senhor, cingiu-se com sua veste, porque se havia despido, e lançou-se ao mar;...

...

¹² Disse-lhes Jesus: Vinde, comei. Nenhum dos discípulos ousava perguntar-lhe: Quem és tu? Porque sabiam que era o Senhor.

¹³ Veio Jesus, tomou o pão, e lhes deu, e, de igual modo, o peixe.

¹⁴ E já era esta a terceira vez que Jesus se manifestava aos discípulos, depois de ressuscitado dentre os mortos.

Depois de todos esses versículos, podemos dizer que Jesus estava com uma aparência diferente do que a de antes. As únicas perguntas que nos restam a fazer são:

Se a bíblia diz neste texto de *Jo 21: 4-14* que era a terceira vez que Jesus se manifestava aos discípulos, como eles não O reconheceram? Seria por causa da neblina ao nascer do sol? E a Sua voz; também havia mudado? O que os impedia de reconhecê-LO? Por que João foi o primeiro a reconhecê-LO? E por que, depois, a bíblia fala que *“nenhum dos discípulos ousava perguntar-lhe: Quem és tu? Porque sabiam que era o Senhor?”*

São perguntas difíceis de responder, mas podemos imaginar que quanto mais se aproximava o dia de Jesus deixar terra e subir para o Pai, a glória divina sobre Ele se tornava maior, ou seja, a luz da presença divina neste ‘novo corpo’ deixava-O diferente da aparência anterior, por isso os discípulos tinham dificuldade de reconhecê-LO de imediato. João, o discípulo cujo coração estava mais aberto a Ele, podia perceber Sua presença com mais rapidez, além do que, ao ouvir a ordem de lançar a rede à direita do barco, ele se lembrou que já tivera uma experiência semelhante a esta e quem a ordenara foi o Senhor, por isso, disse a Pedro que o homem que estava na praia era o Mestre.

Como conclusão, podemos dizer que assim como Jesus apresentou um corpo glorificado após Sua ressurreição, nós também teremos um corpo na ocasião da Sua segunda vinda, diferente do que o que temos agora, pois a incorruptibilidade, como diz Paulo, vai nos revestir.

RELEMBRANDO A PESCA MARAVILHOSA



Jo 21

⁵ Perguntou-lhes Jesus: Filhos, tendes alguma coisa de comer? Responderam-lhe: Não.

⁶ Então, lhes disse: Lançai a rede à direita do barco e achareis. Assim fizeram e já não podiam puxar a rede, tão grande era a quantidade de peixes.

⁷ Aquele discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: É o Senhor! Simão Pedro, ouvindo que era o Senhor, cingiu-se com sua veste, porque se havia despido, e lançou-se ao mar;...

Falamos que João reconheceu Jesus quando este ordenou aos discípulos que lançassem a rede à direita do barco. Ele se lembrou de uma experiência que tivera há três anos; agora ela tinha um significado especial, pois sua alma e seu espírito já estavam preparados para entendê-la. A primeira experiência, descrita em *Lc 5: 1-11* diz: “Aconteceu que, ao apertá-lo a multidão para ouvir a palavra de Deus, estava ele junto ao lago de Genesaré; e viu dois barcos junto à praia do lago; mas os pescadores, havendo desembarcado, lançavam as redes. Entrando em um dos barcos, que era o de Simão, pediu-lhe que o afastasse um pouco da praia; e, assentando-se, ensinava do barco as multidões. Quando acabou de falar, disse a Simão: Faze-te ao largo, e lançai as vossas redes para pescar. Respondeu-lhe Simão: Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos, mas sob a tua palavra lançarei as redes. Isto fazendo, apanharam grande quantidade de peixes; e rompiam-se-lhes as redes. Então, fizeram sinais aos companheiros do outro barco, para que fossem ajudá-los. E foram e encheram ambos os barcos, a ponto de quase irem a pique. Vendo isto, Simão Pedro prostrou-se aos pés de Jesus, dizendo: Senhor, retira-te de mim, porque sou pecador. Pois, à vista da pesca que fizeram, a admiração se apoderou dele e de todos os seus companheiros, bem como de Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram seus sócios. Disse Jesus a Simão: Não temas; doravante serás pescador de homens. E arrastando eles os barcos sobre a praia, deixando tudo, o seguiram”.

Aqui é importante meditarmos um pouco no significado de peixes e rede. Em muitas passagens do AT, a bíblia descreve a *rede* como um *símbolo do juízo de Deus* e, no NT, fala que a rede se assemelha *ao Seu reino*. Isso significa *o poder e o domínio do reino de Deus sobre homens e nações*, apanhando-os e arrebanhando-os para Ele, separando-os dos filhos das trevas. O *lado direito*, na bíblia, é símbolo de *bênção, força, privilégio, honra, poder, autoridade* (*Sl 110: 1-2*). Quando o Senhor lhes ordenou

lançarem as redes à direita do barco é como se dissesse a eles: “Nas nações (aqui simbolizadas pelo mar) estão os peixes (as almas) que vocês necessitam para cumprir a sua missão, mas vocês precisam ‘lançar a rede’ do lado certo para que eles (as almas, os peixes) pulem para dentro dela, entenderam? Lancem suas redes do lado direito do barco, onde eu estou presente com o meu poder, minha bênção, força, privilégio, honra e autoridade. Os que me seguem sabem sempre que estão lançando suas redes do lado direito do barco, não têm dúvida alguma onde está o lado direito. Todos os peixes que pescarem serão fonte de ajuda e fortalecimento para vocês, pois estão fazendo a minha obra”.

O ensinamento que o Senhor queria dar aos Seus discípulos é que da primeira vez Ele estava no barco junto com eles para lhes dar a segurança da Sua presença. Daqui para frente, Ele não estaria mais fisicamente com eles, mas Sua palavra sim, pois Sua ordem era imutável. Eles seriam pescadores de homens a partir de agora.

Como conclusão deste tópico, podemos dizer que ao nos lembrarmos das experiências vitoriosas do passado, o Senhor não apenas renova em nós a esperança de novas vitórias, como também nos dá revelações maiores e mais profundas do Seu projeto para nossa vida.

NOVAS ALMAS AGREGADAS AO SENHOR



Jo 21

¹⁰ Disse-lhes Jesus: Trazei alguns dos peixes que acabastes de apanhar.

Numa simples frase, os discípulos puderam ter outro ensinamento: ao juntarem seus peixes aos que Jesus já tinha sobre as brasas, isso simbolizava que novas almas seriam trazidas para o reino de Deus através deles. Jesus tinha lhes dado o exemplo de como fazer isso; a partir daquele momento, eles seriam Seus pescadores. Ele havia iniciado uma obra; eles dariam continuidade a ela.

Conclusão deste tópico: nós somos os responsáveis por dar continuidade à obra de Jesus, isto é, agregar almas ao Seu reino.

ENSINAR A REPARTIR O ALIMENTO



Jo 21

¹³ Veio Jesus, tomou o pão, e lhes deu, e, de igual modo, o peixe.

É interessante notar a similaridade deste fato com as duas multiplicações de pães e peixes ocorridas durante o ministério de Jesus. Após a primeira multiplicação, quando Jesus despediu as multidões e subiu ao monte sozinho para orar, houve o episódio de andar sobre o mar e se encontrar com os discípulos na quarta vigília da noite (*Mc 6: 45-52*). No último versículo desta passagem (*Mc 6: 52*) está escrito: “porque não haviam compreendido o milagre dos pães; antes, o seu coração estava endurecido”. Mais adiante, em *Mc 8: 1-10*, ocorre a segunda multiplicação de pães e peixes, e parece ter se passado algum tempo entre essa e a primeira, uma vez que os discípulos voltaram a perguntar: “Donde poderá alguém fartá-los de pão neste deserto?” (*Mc 8: 4b*), como se tivessem se esquecido que Jesus poderia repetir o milagre da multiplicação novamente. Da primeira, eles recolheram doze cestos cheios, diz a bíblia; dessa segunda vez, sete cestos, porém, aqui eles haviam se esquecido de colocar os pães no barco. Quando Jesus lhes fala sobre se guardarem do fermento dos fariseus (da sua doutrina hipócrita) e de Herodes (pecado e rebeldia contra a vontade de Deus, profanação das coisas santas), eles logo se lembram que haviam esquecido os pães. Foi quando Jesus lhes disse: “Ainda não considerastes, nem compreendestes? Tendes o coração endurecido?” (*Mc 8: 17b*). A mesma frase repetida: “Ter o coração endurecido para os milagres de Deus”.

Agora, em *Jo 21: 13* a bíblia diz: “Veio Jesus, tomou o pão, e lhes deu, e, de igual modo, o peixe”.

Da mesma forma que Jesus os fez se lembrar da pesca maravilhosa, Ele os fez se lembrar das duas multiplicações de pães e peixes, com uma diferença: esta experiência era como uma ceia particular com Ele, pois estavam preparados para entender o que não haviam entendido antes. O *pão*, visto que era o artigo forte da alimentação, era chamado de ‘sustento’. Simbolicamente, o pão fala de *aliança, comunhão e intimidade com Deus*, além de ser também um símbolo do *corpo de Jesus morto na cruz* pelos nossos pecados. Os *peixes* simbolizam *almas, vidas para o reino de Deus*. Isso quer dizer que o Senhor os alimentou com Sua própria vida, avivando neles a comunhão consigo e os ensinando que Ele é suficiente para alimentar a todos os que O buscam, não permitindo que

ninguém passe fome. Ao multiplicar os peixes, ensinou a todos que, se eles se dispusessem a se entregar a Ele e à Sua obra, Ele os transformaria em alimento para outras vidas secas e carentes da Sua Palavra e da comunhão com Deus. Além disso, esta experiência na praia era só para eles, como discípulos e apóstolos, onde não havia multidão nenhuma, só Seus escolhidos.

Conclusão deste tópico: aos Seus discípulos, Ele fala em particular e ensina os segredos do Seu reino. Também os ensina a se dar, a se entregar e a colher os frutos do que eles plantaram.

CENTO E CINQUENTA E TRÊS PEIXES



Jo 21

¹⁰ Disse-lhes Jesus: Trazei alguns dos peixes que acabastes de apanhar.

¹¹ Simão Pedro entrou no barco e arrastou a rede para a terra, cheia de cento e cinquenta e três grandes peixes; e, não obstante serem tantos, a rede não se rompeu.

Aqui nós abordamos outro tópico que pode gerar dúvidas na mente de certas pessoas. Por que será que João fez questão de escrever essa referência sobre cento e cinquenta e três peixes e os outros evangelistas não? Será que ele contou os peixes? Ou será que o Senhor tinha uma revelação espiritual para nós através disso? Ele pode até ter contado, pois os pescadores tinham o costume de contar os peixes bons que haviam pescado. E o fato de numerá-los aqui fosse para mostrar quão grande foi a pescaria.

Vamos voltar à antiga maneira de pensar dos judeus daquela época. Os números 5 e 10 tinham um significado dentro do sistema decimal empregado na Palestina. O número 1 traz o conceito de unidade e o caráter sem paralelo de Deus, unidade entre Cristo e o Pai, a união entre os crentes e Deus, unidade que existe entre os crentes. O zero é acrescentado para dar a idéia de quantas vezes o outro número representa. O número dez também significa o primeiro número de um começo maior, algo completo e fidelidade; para nós é o número da Igreja.

O número 5 tem o significado espiritual do cumprimento fiel das promessas de Deus referentes aos cinco livros do Pentateuco, ou seja, os fatos ocorridos como predestinação divina.

Dessa forma, podemos pensar que *o símbolo representado por esse número seria o projeto de Deus para Seus filhos, para os Seus escolhidos:*

100: a grande unidade entre os crentes e Deus, assim como a unidade entre os irmãos, da mesma maneira que é a unidade entre Cristo e o Pai. Ele estava alertando para que Sua Igreja vigiasse, não dormisse e continuasse sempre fiel, a fim de ser completa.

50: o cumprimento fiel das promessas de Deus na vida de Seus filhos, mais do que eles possam pedir ou pensar, como Ele mesmo diz na Sua palavra. Derramar pleno do Seu Espírito, como foi no Pentecostes.

3: A participação da trindade, como número perfeito, mostrando a santidade de Deus.

Juntando tudo isso: Jesus estava mostrando aos Seus discípulos e a nós, que Ele tinha vindo para nos dar o exemplo da união com o Pai e com os homens, para nos

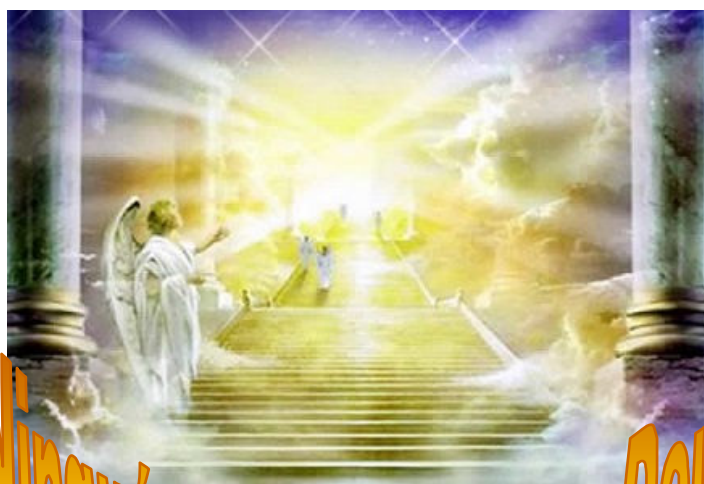
estimular a crer nas Suas promessas e para nos lembrar de viver uma vida de santidade. Essa seria a regra para todos os filhos de Deus.

A bíblia diz que, embora com tantos peixes, a rede não se rompeu. Isso significa que *o reino de Deus tem poder e domínio* sobre tudo e não importa quantos participem dele; ele não se rompe com nenhuma ameaça humana ou das trevas. Quem ‘cair na rede’ do Senhor não é mais escravo do mundo ou do diabo, mas um servo honrado do Senhor. Em *1 Co 7: 23* está escrito: “Por preço fostes comprados; não vos torneis escravos de homens”. Podemos dizer também que tem lugar para todo mundo.

Outras palavras nos chamam a atenção nos versículos de João: “*grandes peixes*”. Isso significa que somos grandes para Deus, nossa vida é preciosa e custou um preço alto que foi a vida do Seu próprio Filho.

Conclusão deste tópico: o reino de Deus é grande o suficiente para suprir todos os Seus filhos, além do que a obra que foi iniciada vai permanecer intacta até a segunda vinda de Jesus. O projeto do Senhor para Sua Igreja continuará a ser o desejo de união entre os crentes e entre eles e o Pai, a fê ativa nas Suas promessas e a santidade.

4ª PARTE



Ninguém jamais viu a Deus

Jo 1

¹⁶ Porque todos nós temos recebido da sua plenitude e graça sobre graça.

¹⁷ Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo.

¹⁸ Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou.

EXPLICAÇÃO TEOLÓGICA



Quem disse isto (“ninguém jamais viu a Deus”) foi João Batista quando deu testemunho de quem era Jesus. Aí, muitos podem perguntar: — “Se João Batista disse que ninguém jamais viu a Deus, como, então, Moisés viu a glória de Deus e Isaías, Ezequiel, Daniel, João e outros servos tiveram as visões do trono?”

Vamos fazer primeiro um comentário sobre a declaração de João Batista e depois, ‘passar’ um pouco pelas informações teológicas.

O significado das palavras de João Batista é muito mais abrangente do que podemos pensar porque ele não estava se referindo ao dom de visão dado por Deus a alguns de Seus filhos (“*êxtase*”) nem à *palavra de conhecimento*, que traz uma revelação interior clara do que o Senhor deseja e quase chega a ser uma visão propriamente dita, onde a mente é capaz de descrever o que Deus está revelando ao espírito como se estivesse vendo com os olhos da alma. Ele estava se referindo à *compreensão e ao entendimento verdadeiro de quem é Deus*. O Criador é pleno, completo, transcendente à nossa compreensão humana, portanto, nem Moisés, que a bíblia descreve como o homem que mais viu Deus, O conheceu na Sua plenitude e totalidade. João Batista continua dizendo que foi Jesus quem revelou o Pai a nós, ou seja, através das Suas atitudes e do Seu caráter, os homens puderam ter um vislumbre de Deus. Seria mais correto dizer que cada um de nós tem uma visão parcial dEle, de acordo com a Sua vontade e com o dom espiritual que foi derramado sobre nós. Por isso, Paulo disse em *1 Co 13: 9; 12*: “porque, em parte, conhecemos e, em parte, profetizamos... Porque, agora, vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora, conheço em parte; então, conhecerei como também sou conhecido”. Chegará o dia de vê-lo na Sua totalidade. Podemos também dizer que através do Seu

poder em ação na nossa vida, nós O conhecemos: “Então, ele disse: O Deus de nossos pais, de antemão, te escolheu para conheceres a sua vontade, veres [ver o poder de Deus em ação] o Justo [em referência a Jesus – At 7: 52; 1 Jo 2: 1] e ouvires uma voz de sua própria boca” (At 22: 14).

- At 7: 52: “Qual dos profetas vossos pais não perseguiram? Eles mataram os que anteriormente anunciavam a vinda do Justo, do qual vós agora vos tornastes traidores e assassinos, vós que recebestes a lei por intermédio de anjos e não a guardastes”.

- 1 Jo 2: 1: “Filhinhos meus, estas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo”.

O dom de visão e revelação do Senhor, seja qual for a intensidade e a manifestação dada pelo Espírito, é do Seu total domínio e vontade e não é, de forma alguma, um motivo para muitas pessoas se gabarem por ver coisas que outras não vêem. Cada um de nós conhece o Senhor através do seu próprio dom.

Em 1 Co 12: 1-31 quando Paulo fala sobre os dons espirituais e sobre seu uso como um instrumento de edificação para o Corpo de Cristo, ele chega a dizer que o Senhor concedeu honra aos membros que menos tinham: “Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos. A manifestação do Espírito é concedida a cada um visando a um fim proveitoso... Pelo contrário, os membros do corpo que parecem ser mais fracos são necessários; e os que nos parecem menos dignos no corpo, a estes damos muito maior honra; também os que em nós não são decorosos revestimos de especial honra” (1 Co 12: 1; 4-7; 22-23).

Dentro do ministério profético existem diversas manifestações do Espírito, pois uns são dotados de vidência (predição do futuro), outros não. Uns são mais usados por Deus para a exortação, outros para a instrução e revelação na palavra e assim por diante.

Passemos, agora, às informações teológicas.

A linha divisória entre a visão e o sonho ou êxtase [contemplação das coisas sobrenaturais por um arrebatamento do espírito] é difícil de ser traçada, se não mesmo impossível de ser determinada. Isso é refletido até mesmo pelo vocabulário que as Escrituras empregam para indicar ‘visão’. O termo hebraico *hãzôn* vem de uma raiz empregada para descrever a *contemplação* de uma visão por um vidente, quando o mesmo estava em estado de êxtase, enquanto que o termo *mar’â*, derivado da raiz mais comum para ‘ver’, significa visão como um meio de *revelação*:

- Nm 12: 6-8: “Então, disse: Ouvi, agora, as minhas palavras; se entre vós há profeta, eu, o Senhor, em *visão (mar’â ou marah)* a ele, me faço conhecer ou falo com ele em sonhos. Não é assim com o meu servo Moisés, que é fiel em toda a minha casa. Boca a boca falo com ele, claramente e não por enigmas; pois ele *vê* a forma do Senhor; como, pois, não temestes falar contra o meu servo, contra Moisés?”

- 1 Sm 3: 1: “O jovem Samuel servia ao Senhor perante Eli. Naqueles dias, a palavra do Senhor era mui rara; as *visões (hãzôn ou chazon)* não eram freqüentes”.

O NT emprega duas palavras para visão: *horama e optasia*.

I) Horama (contemplação):

- At 9: 10-12: “Ora, havia em Damasco um discípulo chamado Ananias. Disse-lhe o Senhor numa *visão*: Ananias! Ao que respondeu: Eis-me aqui, Senhor! Então, o Senhor lhe ordenou: Dispõe-te, e vai à rua que se chama Direita, e, na casa de Judas, procura por Saulo, apelidado de Tarso; pois ele está orando e *viu* entrar um homem, chamado Ananias, e impor-lhe as mãos, para que recupere a vista”.

- At 10: 3: “Esse homem [centurião Cornélio] observou claramente durante uma *visão*, cerca da hora nona do dia, um anjo de Deus que se aproximou dele e lhe disse:...”

- *At 10: 9-20*: “No dia seguinte, indo eles de caminho e estando já perto da cidade, subiu Pedro ao eirado, por volta da hora sexta, a fim de orar. Estando com fome, quis comer; mas, enquanto lhe preparavam a comida, sobreveio-lhe um *êxtase*; então, viu o céu aberto e descendo um objeto como se fosse um grande lençol, o qual era baixado à terra pelas quatro pontas, contendo toda sorte de quadrúpedes, répteis da terra e aves do céu. E ouviu-se uma voz que se dirigia a ele: Levanta-te, Pedro! Mata e come. Mas Pedro replicou: De modo nenhum, Senhor! Porque jamais comi coisa alguma comum e imunda. Segunda vez, a voz lhe falou: Ao que Deus purificou não consideres comum. Sucedeu isto por três vezes, e, logo, aquele objeto foi recolhido ao céu. Enquanto Pedro estava perplexo sobre qual seria o significado da *visão*, eis que os homens enviados da parte de Cornélio, tendo perguntado pela casa de Simão, pararam junto à porta; e, chamando, indagavam se estava ali hospedado Simão, por sobrenome Pedro. Enquanto Pedro meditava acerca da *visão*, disse-lhe o Espírito: Estão aí dois homens que te procuram; levanta-te, pois, desce e vai com eles, nada duvidando; porque eu os enviei”.

- *At 16: 9*: “À noite, sobreveio a Paulo uma *visão* na qual um varão macedônico estava em pé e lhe rogava, dizendo: Passa à Macedônia e ajuda-nos”.

II) *Optasia (revelação)*:

- *Lc 1: 22*: “Mas, saindo ele [*Zacarias, pai de João Batista*], não lhes podia falar; então, entenderam que tivera uma *visão* no santuário. E expressava-se por acenos e permanecia mudo”.

- *At 26: 19*: “Pelo que, ó rei Agripa, não fui desobediente à *visão* celestial”

- *2 Co 12: 1*: “Se é necessário que me glorie, ainda que não me convém, passarei às *visões* e revelações do Senhor”.

As experiências acima:

A) Salientam a *consciência especial da presença de Deus* compartilhada pelos profetas:

- *Jr 1: 11; 13*: “Veio ainda a palavra do Senhor, dizendo: Que vês tu, Jeremias? Respondi: veio uma vara de amendoeira... Outra vez, me veio a palavra do Senhor, dizendo: Que vês? Eu respondi: vejo uma panela no fogo, cuja boca se inclina para o Norte”.

- *Dn 2: 19*: “Então, foi revelado o mistério a Daniel numa visão de noite; Daniel bendisse o Deus do céu”.

B) Destacam a *prontidão de Deus em revelar-se aos homens*:

- *Sl 89: 19*: “Outrora, falaste em visão aos teus servos e disseste: A um herói concedi o poder de socorrer; do meio do povo, exaltei um escolhido”.

- *At 10: 3*: “Esse homem [*centurião Cornélio*] observou claramente durante uma visão, cerca da hora nona do dia, um anjo de Deus que se aproximou dele e lhe disse”.

C. 1) As visões podem dizer respeito a *situações imediatas*:

- *Gn 15: 1*: “Depois destes acontecimentos, veio a mim a palavra do Senhor a Abrão, numa visão, e disse: Não temas, Abrão, eu sou o teu escudo, e teu galardão será sobremodo grande”.

- *At 12: 9*: “Então, saindo, o seguia, não sabendo que era real o que se fazia por meio do anjo; parecia-lhe, antes, uma visão” [*Pedro é livre da prisão*].

C. 2) Também podem fazer referência a *eventos divinos longínquos* acerca do reino de Deus (Isaías, Daniel, João).

No AT, os recebedores das visões eram os profetas (*Is 1: 1; Ob 1: 1; Na 1: 1; 2 Sm 7: 17 [Natã]; 1 Rs 22: 17-19 [Micaías: a visão do trono de Deus e da derrota de*

Israel]; 2 Cr 9: 29 [*Ido, o vidente*]). Porém, os exemplos mais notáveis foram Ezequiel e Daniel.

No NT, Lucas é quem demonstra maior interesse pelas visões de Deus. Ele relata as visões de Zacarias (*Lc 1: 22*), de Ananias (*At 9: 10*), de Cornélio (*At 10: 3*), de Pedro (*At 10: 10*), como foram descritas acima, e de Paulo: “Teve Paulo durante a noite uma visão em que o Senhor lhe disse: Não temas; pelo contrário, fala e não te cales; porquanto estou contigo, e ninguém ousará fazer-te mal, pois tenho muito povo nesta cidade” (*At 18: 9-10*).

Como conclusão deste tópico, podemos dizer que as visões são dadas por Deus a algumas pessoas, em especial os profetas, com o objetivo de revelação, tanto da Sua própria pessoa como de eventos que Ele deseja efetuar. Por se tratar de um dom espiritual, há várias manifestações do mesmo. Para a maioria dos filhos de Deus, a forma mais comum de vê-LO, isto é, de compreendê-LO, é o que Jesus disse em *Jo 14: 9-10*: “Disse-lhe Jesus: Filipe, há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido? *Quem vê a mim vê o Pai*; como dizes tu: Mostra-nos o Pai? Não crês que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, faz as suas obras”. Isso significa: Jesus é a imagem do Pai e quem o conhece, vê o Pai. E a forma mais fácil de conhecê-LO é através das experiências com a Sua palavra.

MOISÉS



Êx 33

¹⁵ Então lhe disse Moisés: Se a tua presença não vai comigo, não nos faças subir deste lugar.

¹⁶ Pois como se há de saber que achamos graça aos teus olhos, eu e o teu povo? Não é, porventura, em andares conosco, de maneira que somos separados, eu e o teu povo, de todos os povos da terra?

¹⁷ Disse o Senhor a Moisés: Farei também isso que disseste; porque achaste graça aos meus olhos, e eu te conheço pelo teu nome.

¹⁸ Então, ele disse: Rogo-te que me mostres a tua glória.

¹⁹ Respondeu-lhe: Farei passar toda a minha bondade diante de ti e te proclamarei o nome do Senhor; terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem eu me compadecer (*Rm 9: 15*).

²⁰ E acrescentou: Não me poderás ver a face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá.

²¹ Disse mais o Senhor: Eis aqui um lugar junto a mim; e tu estarás sobre a penha.

²² Quando passar a minha glória, eu te porei numa fenda da penha e com a mão te cobrirei, até que eu tenha passado.

²³ Depois, em tirando eu a mão, tu me verás pelas costas; mas a minha face não se verá.

A palavra bíblica para *glória do Senhor* é *kābhôdh* (hebr.) ou *doxa* (Septuaginta, a versão grega do AT) = *peso ou dignidade*, e que pode ser entendida como a *manifestação do poder de Deus onde é preciso, vitória, proteção, abundância, riqueza, dignidade, reputação*. É o equivalente judaico do Espírito Santo. A conhecida palavra *Shekinâ*, que é traduzida como *‘resplendor, presença de Deus habitando entre o Seu povo’*, não aparece nem no AT nem no NT. Ela deriva do verbo *Shākhan* (שָׁכַן = habitar, ter habitação, fazer morada, permanecer, continuar, tornar morador – Strong #7931), o qual aparece em versículos como: *Gn 9: 27; Gn 14: 13; Jr 33: 16*. Também aparece em *Êx 40: 35*: “Moisés não podia entrar na tenda da congregação, porque a nuvem permanecia [*Shākhan*] sobre ela, e a glória do Senhor [*kābhôdh*] enchia o tabernáculo”. *Shekinâ* (*Shekhinah, Shekinâ*), na verdade, é um **conceito cabalístico, místico**, que a

considera como a face feminina da Presença Divina. Segundo a Cabala, *Shekiná* é uma energia cósmica poderosíssima e que habita no interior do Universo, vivificando-o e sendo a sua alma ou espírito. Os escritores dos Targuns criaram a palavra ‘*Shekiná*’ para indicar o próprio Deus, removendo o conceito de Deus com forma e sentimentos, o que o judaísmo tradicional pregava e não deixava ser removido. Esse novo ponto de vista, na verdade, trouxe um conceito abstrato de Deus, mais frio e distante (uma simples ‘energia cósmica’, ao invés de um ser com identidade própria).

Como eu disse anteriormente, o termo hebraico para *visão*, *hãzôn* vem de uma raiz empregada para descrever a *contemplação* de uma visão por um vidente, quando o mesmo estava em estado de êxtase, enquanto que o termo *mar’á*, derivado da raiz mais comum para *ver*, significa visão como um meio de *revelação*. Lembremo-nos do que o Senhor disse: “Então, disse: Ouvi, agora, as minhas palavras; se entre vós há profeta, eu, o Senhor, em visão a ele, me faço conhecer ou falo com ele em sonhos [ou seja, sonhos comuns do sono normal ou as visões como meio de revelação divina]. Não é assim com o meu servo Moisés, que é fiel em toda a minha casa. Boca a boca falo com ele, claramente e não por enigmas; pois ele vê a forma do Senhor; como, pois, não temestes falar contra o meu servo, contra Moisés?” (*Nm 12: 6-8*). Podemos dizer que o relacionamento com Moisés foi mais intenso do que com qualquer profeta até ali [*Miriã, por exemplo*], pois a contemplação da imagem de Deus e do Seu poder, assim como a revelação do Seu caráter através das visões que ele tinha o colocaram numa profunda intimidade com o Criador e nada Lhe era escondido.

Isso significa que Moisés teve a *visão da glória e do caráter de Deus, quando estava num estado de êxtase ou “arrebato espiritual”*. Isso foi diferente das experiências de ver Seu poder em ação, como na libertação do Egito, no Mar Vermelho e no deserto. Ali, na fenda da rocha, ele pôde contemplar todo o resplendor da presença divina. Porém, o que o Senhor queria que ele conhecesse, mais do que Sua glória, era a Sua maneira de ser, Seu caráter, Sua bondade, Seu ‘íntimo’, tanto é que está escrito: “E, passando por diante dele, clamou [NVI: E passou diante de Moisés, proclamando]: SENHOR, SENHOR Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniquidade, a transgressão [NVI: rebelião] e o pecado, ainda que não inocenta o culpado [NVI: não deixa de punir o culpado], e visita a iniquidade dos pais nos filhos e nos filhos dos filhos, até à terceira e quarta geração! [*Foi Deus que disse tudo isso na frente de Moisés*]. E, imediatamente, curvando-se Moisés para a terra, o adorou; e disse: Senhor, se, agora, achei graça aos teus olhos, segue em nosso meio conosco; porque este povo é de dura cerviz. Perdoa a nossa iniquidade e o nosso pecado e torna-nos por tua herança” (*Êx 34: 6-9*).

Conclusão: Para conhecer mais de Deus, precisamos ter ousadia de nos achegarmos a Ele e nos dispormos a ser servos.

ISAÍAS



Is 6

¹ No ano da morte do rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o templo.

² Serafins estavam por cima dele; cada um tinha seis asas; com duas cobria o rosto, com duas cobria os seus pés e com duas voava.

³ E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória.

⁴ As bases do limiar se moveram à voz do que clamava, e a casa se encheu de fumaça.

⁵ Então, disse eu: ai de mim! Estou perdido! Porque sou um homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!

⁶ Então, um dos serafins voou para mim, trazendo na mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz;

⁷ com a brasa tocou a minha boca e disse: Eis que ela tocou os teus lábios; a tua iniquidade foi tirada e, perdoado o teu pecado.

⁸ Depois disto, ouvi a voz do Senhor, que disse: A quem enviarei, e quem há de ir por nós? Disse eu: eis-me aqui, envia-me a mim.

Isaías teve a experiência de *contemplar* a imagem do Senhor e do Seu trono, e depois receber dEle a *revelação* sobre o seu chamado. Por isso, é difícil determinar a linha divisória, como vimos na explicação teológica, entre a *contemplação* da visão dada pelo Senhor e a *revelação* propriamente dita do caráter de Deus ou da Sua vontade. Um profeta pode ter as visões divinas sobre determinado assunto ou situação, junto com ela a revelação e a interpretação do que a visão significa (como aconteceu com Pedro, ao ver os animais no lençol) ou ter apenas uma visão especial do Senhor com o propósito de adquirir maior intimidade com Ele e passar a entender como se comunicar adequadamente com seu Deus. Podemos ver que com cada profeta, Ele se mostrou de uma maneira, ou seja, lhe deu uma manifestação diferente do dom espiritual.

A grande maioria dos homens de Deus depois de Moisés (por exemplo: Isaías, Ezequiel, Daniel, João) teve visões muito parecidas em relação à imagem do Senhor como Rei; todos viram a sala do trono de uma forma bastante similar, usando palavras

como jóias e metais para descrever o resplendor da presença divina. Parece que lhes faltava o vocabulário correto para descrevê-LO, quanto mais compreendê-LO na Sua grandiosidade e plenitude! Mesmo depois de milênios, o ser humano permanece ainda muito inconsciente do verdadeiro caráter e imagem do Senhor, pela própria limitação e impureza da sua mente. Por isso, os estudos teológicos parecem tão limitados e tão vazios de respostas reais, pois, embora procurem a explicação de fatos e atitudes divinas, usa-se muito ainda da racionalidade e da interpretação humana. Só quem teve uma experiência espiritual autêntica com o Espírito Santo pode dizer que conheceu uma ‘gota’ dEle. Os profetas do passado descreveram o melhor que puderam do que presenciaram, mas tenho certeza de que as palavras escritas não chegam nem aos pés da experiência emocional e espiritual que viveram.

Voltando a Isaías, ele não apenas viu o Senhor (visão), mas também os serafins ao redor do trono e, o mais importante de tudo isso, teve a convicção do que Deus queria dele (revelação).

Conclusão: Para ter certeza do chamado, um profeta precisa ter pelo menos uma experiência espiritual marcante com o Senhor.

EZEQUIEL



Ez 1

¹ Aconteceu no trigésimo ano, no quinto dia do quarto mês, que, estando eu no meio dos exilados, junto ao rio Quebar, se abriram os céus, e eu tive visões de Deus.

² No quinto dia do referido mês, no quinto ano de cativeiro do rei Joaquim,

³ veio expressamente a palavra do Senhor a Ezequiel, filho de Buzi, o sacerdote, na terra dos caldeus, junto ao rio Quebar, e ali estive sobre ele a mão do Senhor.

⁴ Olhei, eis que um vento tempestuoso vinha do Norte, e uma grande nuvem com fogo a revolver-se, e resplendor ao redor dela, e no meio disto, uma coisa como metal brilhante, que saía do meio do fogo.

⁵ Do meio dessa nuvem saía a semelhança de quatro seres viventes, cuja aparência era esta: tinham a semelhança de homem.

⁶ Cada um tinha quatro rostos, como também quatro asas.

⁷ As suas pernas eram direitas, a planta de cujos pés era como a de um bezerro e luzia como o brilho de bronze polido.

⁸ Debaixo das asas tinham mãos de homem, aos quatro lados; assim todos os quatro tinham rostos e asas.

⁹ Estas se uniam uma à outra; não se viravam quando iam; cada qual andava para a frente.

¹⁰ A forma de seus rostos era como a de homem; à direita, os quatro tinham rosto de leão; à esquerda, rosto de boi; e também rosto de águia, todos os quatro.

¹¹ Assim eram os seus rostos. Suas asas se abriam em cima; cada ser tinha duas asas, unidas cada uma à do outro; outras duas cobriam o corpo deles.

¹² Cada qual andava para a sua frente; para onde o espírito havia de ir, iam; não se viravam quando iam.

- ¹³ O aspecto dos seres vivos era como carvão em brasa, à semelhança de tochas; o fogo corria resplendente por entre os seres, e dele saíam relâmpagos,
- ¹⁴ os seres vivos zigzagueavam à semelhança de relâmpagos.
- ¹⁵ Vi os seres vivos; e eis que havia uma roda na terra, ao lado de cada um deles.
- ¹⁶ O aspecto das rodas e a sua estrutura eram brilhantes como o berilo; tinham as quatro a mesma aparência, cujo aspecto e estrutura eram como se estivesse uma roda dentro da outra.
- ¹⁷ Andando elas, podiam ir em quatro direções; e não se viravam quando iam.
- ¹⁸ Os seus aros eram altos, e metiam medo; e, nas quatro rodas, as mesmas eram cheias de olhos ao redor.
- ¹⁹ Andando os seres vivos, andavam as rodas ao lado deles; elevando-se eles, também elas se elevavam.
- ²⁰ Para onde o espírito queria ir, iam, pois o espírito os impelia; e as rodas se elevavam juntamente com eles, porque nelas havia o espírito dos seres vivos.
- ²¹ Andando eles, andavam elas e, parando eles, paravam elas, e, elevando-se eles da terra, elevavam-se também as rodas juntamente com eles; porque o espírito dos seres vivos estava nas rodas.
- ²² Sobre a cabeça dos seres vivos havia algo semelhante ao firmamento, como cristal brilhante que metia medo, estendido por sobre a sua cabeça.
- ²³ Por debaixo do firmamento, estavam estendidas as suas asas, a de um em direção à de outro; cada um tinha outras duas asas com que cobria o corpo de um e de outro lado.
- ²⁴ Andando eles, ouvi o tatarar das suas asas, como o rugido de muitas águas, como a voz do Onipotente; ouvi o estrondo tumultuoso, como o tropel de um exército. Parando eles, abaixavam as asas.
- ²⁵ Veio uma voz de cima do firmamento que estava sobre a sua cabeça. Parando eles, abaixavam as asas.

A VISÃO DOS QUERUBINS E DAS QUATRO RODAS

Por termos ao longo dos séculos o simbolismo usado na Antiguidade por esses homens de Deus, muitas vezes não conseguimos compreender com exatidão o que eles queriam dizer. Mas, vamos tentar entender um pouco esta visão de Ezequiel dos quatro seres vivos, ou seja, dos querubins que estavam no trono. Os serafins e os querubins constituíam uma ordem de seres angélicos responsáveis por certas funções de *vigilância* e *adoração*. Os *serafins* eram *agentes de purificação pelo fogo*, segundo os estudiosos hebraicos que procuram ligar o nome *serafim* à raiz: *sāraph* = *queimar, consumir com fogo*. Eles lideram a adoração no céu e protegem a santidade de Deus. Semelhantemente, os *querubins*, em hebraico (*kēruhīm*, plural de *querube* = *celestial*) também são seres celestiais e no livro de Gênesis está escrito que tinham a incumbência de guardar o caminho para a árvore da vida [símbolo de Jesus] no jardim do Éden (*Gn 3: 24*), assim como foram colocados sobre a arca da Aliança (*Êx 25: 18-22; Hb 9: 5*) para proteger os objetos sagrados guardados nela (*1 Sm 4: 4; 2 Sm 6: 2; 2 Rs 19: 15; Sl 80: 1; Sl 99: 1*). Em outras palavras, são guardiões do Trono de Deus. Talvez, por isso, Ezequiel os descreve no meio de tanto fogo (= poder e santidade de Deus).

É interessante que ele teve primeiro a visão dos querubins para depois ver o Senhor e conhecer Seu projeto para ele (ter a revelação). Outro ponto curioso é a forma com que se apresenta o mundo espiritual para cada um dos profetas, o que nos faz pensar que a personalidade deles, assim como seu conteúdo mental e emocional também eram fatores capazes de interferir na aparência das visões. Foi o que Paulo escreveu em *1 Co*

14: 32: “Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas”. Por exemplo, Jesus pode ser visto por alguém como um cordeiro, um leão, um homem manso e dócil ou um guerreiro, como a descrita por João em *Ap 19: 11-16*. Isso não só depende do que o Senhor quer dar como revelação naquele momento, como também uma forma de respeitar o jeito de ser de cada um, seu crescimento espiritual e sua capacidade emocional de suportar certas imagens ou determinada união. Outros exemplos são: Zacarias (pai de João Batista), quando soube através do arcanjo Gabriel que seria pai, e Maria, quando soube que dela nasceria o Messias. Embora a bíblia descreva que ambos ficaram perturbados com a aparição, nenhum dos dois viu o que Ezequiel viu, por exemplo. Os dois viram anjos mais parecidos com forma humana do que os que foram vistos por Ezequiel, por serem anjos que desempenhavam funções diferentes no mundo espiritual.

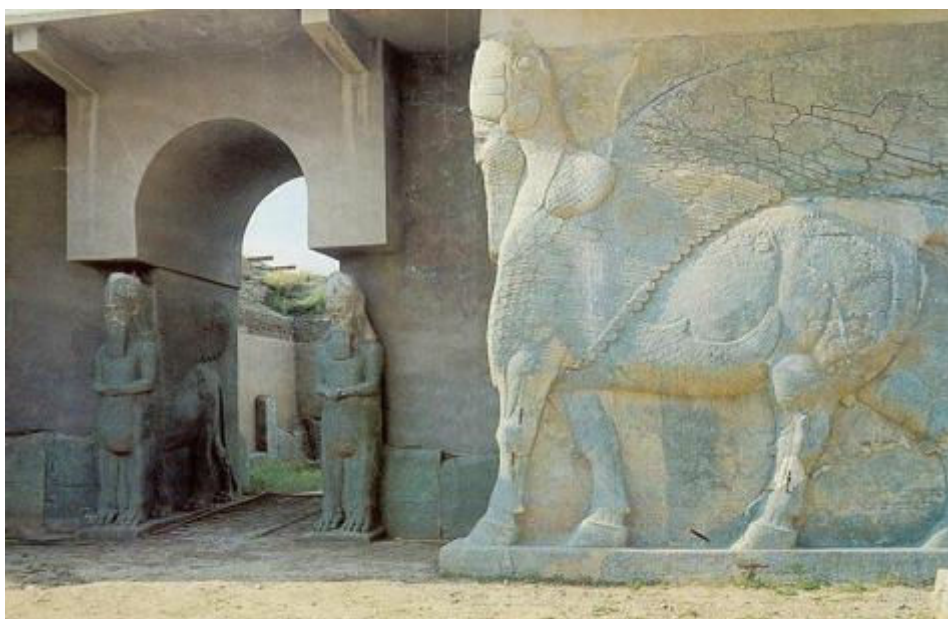
Para entender a visão de Ezequiel precisamos, antes de tudo, entender o contexto do autor. Ezequiel era um sacerdote que viveu no tempo em que os judeus foram exilados na Babilônia. Sendo sacerdote, a sua preocupação principal era com o templo, com a presença de Deus e com a observância da Lei. Portanto, o conteúdo da sua mente estava voltado para as imagens espirituais relacionadas com as coisas sagradas guardadas no templo. Também estava dando uma palavra de incentivo para o povo da Antiga Aliança, agora em cativeiro.

O profeta começa falando sobre um vento tempestuoso que vinha do Norte e uma grande nuvem com fogo, do meio da qual saía a semelhança de quatro seres viventes. O vento tempestuoso, a nuvem e o fogo eram figuras conhecidas dos israelitas desde o tempo de Moisés, pois geralmente YHWH se manifestava na forma de eventos da natureza, como foi com a nuvem que os cobria de dia e a coluna de fogo que os protegia de noite. O importante é que o vento descrito simbolizava a presença do Espírito Santo que emanava do trono, do Norte (pois o *Norte* na bíblia se refere ao trono de Deus), com poder e santidade (fogo). No Pentecostes, Sua presença foi descrita como um vento impetuoso (*At 2: 2*).

Ele também diz que os anjos tinham aparência humana, pois menciona mãos e rosto de homem, entretanto, seus rostos não eram apenas de homem; se pareciam, de um lado com um leão, de outro com águia e de outro com boi. O resplendor deles foi descrito como o brilho de bronze polido ou como carvão em brasa, à semelhança de tochas; o fogo corria resplendente por entre eles e do meio do fogo saíam relâmpagos, algo muito parecido com a manifestação divina no monte Sinai. Isso significava um Deus de poder, um Deus temível e temido, que tinha a capacidade de purificar as almas dos homens como o fogo depura o ouro e que era digno de respeito. Antes de estudarmos um pouco o significado dos animais, há ainda uma informação importante sobre os querubins. O nome *querubim* (*celestial, k^erühbim*, plural de *‘querube’*, em hebraico, como vimos anteriormente) indica uma classe de anjos com grande força de conhecimento, sabedoria e iluminação divina e que refletem a beleza do Criador. Por isso, se diz que são conhecedores dos mistérios divinos (*“cheios de olhos”*, como diz o profeta). O fato de olharem nas quatro direções ao mesmo tempo significa onisciência, percepção completa.

A palavra *querubim*, em assírio, é *kirubu*, expressão que designa um *touro alado* (símbolo de Adade ou Hadade, ‘o Trovejador’, divindade assíria equivalente a Baal, o deus das tempestades) ou um *leão alado* (símbolo da deusa Istar) que não só serviam como adorno nas paredes e portas dos templos, mas eram achados aos pares (leões e touros alados), servindo também como guardas postos na entrada dos templos mesopotâmicos. Por estar em cativeiro na Babilônia, terra Mesopotâmica, Ezequiel também pode ter visto os querubins dessa forma devido à influência da cultura local.

Por outro lado, como sacerdote, a instrução levítica no seu interior lhe permitia um conhecimento maior e mais voltado à raiz do seu próprio povo do que à idolatria.



Essas imagens de touros e leões alados foram encontrados na entrada dos palácios dos reis da Assíria. Um touro alado assírio (fig. 1); Um touro alado no palácio noroeste de Assurbanipal em Ninrode (Ninrude; antiga Calá), um dos principais dos quatro montículos arqueológicos da cidade de Nínive (fig. 2) – wikipedia.org.

O palácio de Senaqueribe, por exemplo, tinha de cada lado das portas principais figuras gigantescas de pedras com cerca de 30 toneladas de peso e em pares, os leões alados ou touros alados com cabeça de homem, que não só serviam como adorno nas paredes, mas também como sentinelas. Em alguns escritos, esse leão representa uma

deidade feminina ('lamassu'). Um nome menos usado é 'shedu' (Sumério: dalad; Acadiano, šēdu) que se refere à contraparte masculina de um lamassu. Grandes figuras de lamassu de até quase seis metros de altura podem ser vistas na escultura assíria. Artisticamente, lamassus foram retratados como híbridos, com corpos de touros alados ou leões e cabeças de machos humanos, como símbolo do poder. Eram inicialmente espíritos protetores domésticos do povo comum da Assíria e Babilônia, tomando-se mais tarde como protetores dos reis; por isso foram colocados como sentinelas nas entradas dos palácios.



Cortinas do pátio externo do Tabernáculo



O Santo dos Santos do Templo de Salomão

Um dos lados do rosto dos querubins era a *face de homem*, simbolizando a *inteligência*, bem como o *livre-arbítrio* dado por Deus ao ser humano; de outro lado do rosto aparecia a imagem de *leão*, simbolizando *realeza, autoridade, força, liderança, poder espiritual*. O *boi* simbolizava a *força física, o suprimento, a provisão, a riqueza e a abundância, além de ser um animal usado na adoração a Deus*. É interessante lembrar que quando Moisés se demorou no Sinai, o povo pediu a Arão que lhe construísse a imagem de um deus que eles pudessem ver. Ele, então, fez um bezerro de ouro (*Êx 32: 1-10; 18-24*). Aqui, vamos fazer uma parada para um comentário. O povo que saiu do Egito não conhecia ainda o “Deus do Sinai”, nem tinha Suas leis; estavam mais familiarizados com os deuses egípcios. Por isso, podemos pensar que o bezerro de ouro feito por Arão estava relacionado com a idolatria egípcia. Cativos há quatrocentos e trinta anos, mal se lembravam da herança deixada pelos patriarcas, a não ser da terra prometida por Deus a eles.



Assim, há duas possibilidades quanto ao bezerro de ouro: a) O deus Ápis (Hapi-anku), personificação da terra e reencarnação de Osíris. Era o touro de Mênfis e estava associado com o deus Ptah, o deus construtor da referida cidade; simbolizava a força do rei (Faraó). b) A deusa Hator, deusa das mulheres, dos céus, do amor, da alegria, do vinho, da dança, da fertilidade e da necrópole de Tebas, pois acolhia os mortos e velava os túmulos. Como uma deusa do céu, ela era a mãe ou consorte do deus do céu Hórus e do deus do sol Rá, ambos ligados à realeza, e portanto, ela era a mãe simbólica de seus representantes terrestres, os faraós. Era representada como uma vaca com o disco solar entre os chifres ou como uma mulher com cabeça ou com orelhas de vaca, ou ainda como uma mulher de pele amarela e que carrega na cabeça um par de chifres de vaca,

entre os quais se encontra um disco vermelho rodeado por uma cobra. Ela segura um bastão bifurcado em uma mão e um sinal de Ankh na outra. O Ankh (pronuncia-se ‘Anak’ em egípcio, e ‘anrr’ nas línguas semitas como hebraico e árabe, representando a vértebra torácica de um touro, vista em corte transversal), era para os egípcios o símbolo da vida, também como símbolo da vida eterna, a vida após a morte.

Apesar de sua origem egípcia, ao longo da história o Ankh foi adotado por diversas culturas. Por exemplo, foi mantido mesmo após a cristianização do povo egípcio a partir do século III, quando os cristãos convertidos passaram a ser chamados cópticos. Copta significa ‘egípcio’ e se refere aos egípcios cujos ancestrais abraçaram o cristianismo já no século I. Por sua semelhança com a cruz dos cristãos, o Ankh manteve-se como um dos principais símbolos cópticos, sendo chamado de Cruz Cóptica ou ‘cruz ansata’, onde a parte superior foi adaptada para uma forma circular ao invés da forma oval original do antigo Egito (um sincretismo pagão com a cruz de Cristo).



Pela reação dos israelitas descrita na bíblia, é mais provável que estivessem adorando Hator ou os dois (ver Êx 32: 4, onde está escrito: “teus deuses”: “Este [Arão], recebendo-as das suas mãos, trabalhou o ouro com buril e fez dele um bezerro fundido. Então, disseram: São estes, ó Israel, os teus deuses, que te tiraram da terra do Egito”). “Teus deuses”, no hebraico, “elohim” (Strong #430), plural de Eloá, pode significar “deuses” (no sentido comum) ou ser um nome usado para o Deus Supremo.

O último animal visto por Ezequiel era a *águia*, simbolizando a *majestade, a capacidade de ver longe, de ter movimentos livres para dominar o espaço, de alcançar grandes alturas, portanto, de chegar às alturas espirituais (espiritualidade)*. Outra característica interessante na águia é que ela experimenta um processo de *renovação física* após atingir quarenta anos de idade, muito semelhante ao trabalhar de *renovação*

do *Espírito Santo* em nós. É a ave que possui maior *longevidade*, chegando a viver setenta anos. Entretanto, por volta dos quarenta anos, se quiser continuar a viver, precisa passar por um processo de renovação. Ela começa a sentir que suas penas estão ficando velhas, que seu bico já não está tão afiado e forte quanto antes, que suas garras já estão enfraquecendo e, então, decide tomar uma atitude drástica. Esse processo tem início com a interrupção das suas atividades rotineiras como seus vôos, sua caça e suas aventuras. Então, voa alto até os penhascos. Ali, sozinha e isolada, ela começa, por si mesma, o trabalho de renovação, traumático, e que exige muita coragem, mas que, por fim, vai lhe dar de volta a força e a grandeza que pareciam estar perdidas. A águia começa a arrancar com o bico as suas penas, uma por uma, até que esteja inteiramente depenada e desfigurada. Depois disso, percebendo seu bico fraco, impotente e cheio de crostas, ela o esfrega fortemente na rocha deixando-o ‘em carne viva’. Por último, são as garras; ela faz o mesmo processo que fez com o bico, batendo suas unhas com violência sobre a rocha várias vezes até que aquela camada envelhecida e calosa seja arrancada e fique, igualmente, em ‘carne viva’. Todavia, após esse processo de autoflagelação começam a nascer penas novas, bonitas e brilhantes; cresce um bico novo; as garras começam a brotar com todo vigor e ela fica completamente renovada e revitalizada. Ela ganha uma nova aparência e desce das alturas para dar continuidade à sua existência.

Ezequiel também diz que as pernas dos querubins eram direitas (NVI: retas), a planta de cujos pés era como a de um bezerro. Isso significa o andar correto (direito), de autoridade, poder e privilégio que lhes foi dado por estarem em obediência e serviço ao Criador e terem por objetivo proteger a santidade e a glória de Deus através da sua adoração constante a Ele. A planta dos pés era como de um bezerro, simbolizando, não apenas a adoração, pois o bezerro era um animal ‘puro’ (limpo) por ser usado nos sacrifícios ao Senhor, e por ter as unhas fendidas e os cascos divididos em dois (*Lv 11: 2-3*). Isso significava não entrar em contato direto com as coisas terrenas.

Vamos caminhar ainda mais na palavra de Deus. Quando os judeus se acamparam no deserto após deixar o Egito, eles foram instruídos a montar quatro acampamentos, um para cada ponto cardinal, com o tabernáculo no centro. Quatro tribos – Judá, Rúben, Efraim e Dã – foram reconhecidas como líderes tribais (*Nm 2: 1-34*). Cada uma teve seu próprio estandarte e bandeira que os identificava como cabeça das tribos, enquanto as outras tribos tiveram suas insígnias, uma bandeira menor (*Nm 2: 2*: “Os filhos de Israel armarão as suas tendas, cada um debaixo da sua bandeira, segundo as insígnias da casa de seus pais; ao redor, defronte da tenda da congregação, armarão as suas tendas”). Na tenda da congregação ficavam os objetos sagrados e a arca da Aliança, símbolo de Deus entre os homens. Ali o Senhor falava com Moisés.

O primeiro era chamado o acampamento de **Judá** e incluía Issacar e Zebulom e se localizava a *leste* (*Nm 2: 3*).

O segundo acampamento era encabeçado por **Rúben** e incluía Simeão e Gade. Eles se localizavam *ao sul* do tabernáculo (*Nm 2: 10*).

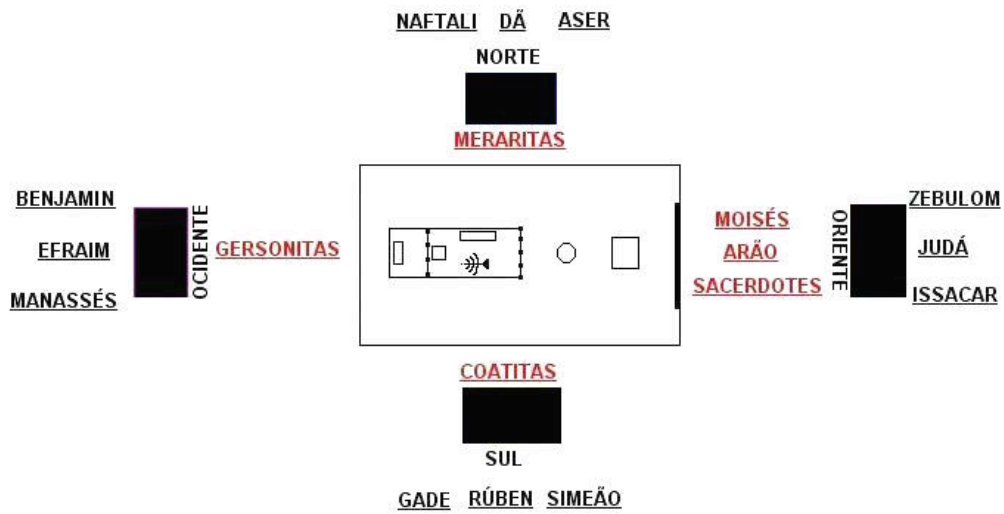
O terceiro acampamento era chamado de **Efraim** e incluía Manassés e Benjamim. Posicionava-se a *oeste* (*Nm 3: 18*).

O quarto acampamento era o de **Dã** com Aser e Naftali incluídos, e se localizava *ao norte* (*Nm 2: 25*).

Segundo essa linha de pensamento, quando Deus olhasse para baixo veria o acampamento de Israel com o tabernáculo no centro e os quatro sub acampamentos ao redor dele como os querubins à Sua volta.

Mas que tipo de similaridade Ezequiel estaria vendo entre as faces dos querubins e as tribos? Teria algo a ver com os estandartes dessas tribos? A não ser por Judá, que

mostrava um leão em sua bandeira, todos os outros estandartes eram diferentes dos animais apresentados pelo profeta.



Quando pesquisamos a imagem original desses estandartes, o que encontramos é o seguinte:



Levi



Israel



Judá



Zebulom



Issacar



Rúben



Simeão



Gade



(José) Efraim



Manassés



Benjamim



Dã

Naftali

Aser

Agora, vamos nos lembrar das bênçãos de Jacó, especificamente sobre essas quatro tribos:

• Gn 49: 1-28 (as bênçãos de Jacó sobre seus filhos): “Depois, chamou Jacó a seus filhos e disse: Ajuntai-vos, e eu vos farei saber o que vos há de acontecer nos dias vindouros: Ajuntai-vos e ouvi, filhos de Jacó; ouvi a Israel, vosso pai. **Rúben**, tu és meu primogênito, minha força e as primícias do meu vigor, o mais excelente em altivez e o mais excelente em poder. Impetuoso como a água, não serás o mais excelente, porque **subiste ao leito do teu pai** e o profanaste; subiste à minha cama [ele se referia ao fato de Rúben coabitar com sua concubina]. **Simeão** e **Levi** são irmãos; as suas **espadas** são instrumentos de violência. No seu conselho, não entre a minha alma; com o seu agrupamento, minha glória não se ajunte; porque no seu furor mataram homens, e na sua vontade perversa jarretaram touros [ele se referia à traição de Simeão e Levi, matando os homens de Hamor, pai de Siquém, com quem a filha de Jacó, Diná, tinha casado. O povo de Hamor tinha feito um pacto de se unir com Jacó e por isso, circuncidaram todos os do sexo masculino; entretanto, enquanto estavam sarando das feridas no acampamento, Simeão e Levi foram até lá e mataram todos eles – Gn 34: 1-31]. Maldito seja o seu furor, pois era forte, e a sua ira, pois era dura; dividi-los-ei em Jacó e os espalharei em Israel. **Judá**, teus irmãos te louvarão; a tua mão estará sobre a cerviz dos teus inimigos; os filhos de teu pai se inclinarão a ti. Judá é leãozinho; da presa subsiste, filho meu. Encurva-se e deita-se como **leão** e como leoa; quem o despertará? O cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de em entre seus pés, até que venha Siló*; e a ele obedecerão os povos. Ele amarrará o seu jumentinho à vide e o filho da sua jumenta, à videira mais excelente; lavará as suas vestes no vinho e a sua capa, em sangue de uvas. Os seus olhos serão cintilantes de vinho, e os dentes, brancos de leite. **Zebulom** habitará na praia dos mares e servirá de **porto aos navios**, e o seu limite se estenderá até Sidom. **Issacar** é **jumento** de fortes ossos, de repouso entre os rebanhos de ovelhas. Viu que o repouso era bom e que a terra era deliciosa; baixou os ombros à carga e sujeitou-se ao trabalho servil. **Dã** **julgará** o seu povo, como uma das tribos de Israel. Dã será **serpente** junto ao caminho, uma víbora junto à vereda, que morde os talões do cavalo e faz cair o seu cavaleiro por detrás. A tua salvação espero, ó Senhor! **Gade**, uma **guerrilha** o acometerá; mas ele a acometerá por sua retaguarda. **Aser**, o seu **pão** será abundante e ele motivará delícias reais. **Naftali** é uma **gazela** solta; ele profere palavras formosas. **José** é um **ramo frutífero**, ramo frutífero junto à fonte; seus galhos se estendem sobre o muro. Os flecheiros lhe dão amargura, atiram contra ele e o aborrecem. O seu arco, porém, permanece firme, e seus braços são feitos ativos pelas mãos do Poderoso de Jacó, sim, pelo Pastor e pela Pedra de Israel, pelo Deus de teu pai,

o qual te ajudará, e pelo Todo-Poderoso, o qual te abençoará com as bênçãos dos altos céus [espirituais], com bênçãos das profundezas [emocionais], com bênçãos dos seios e da madre [materiais]. As bênçãos de teu pai excederão as bênçãos de meus pais até ao cimo dos montes eternos; estejam elas sobre a cabeça de José e sobre o alto da cabeça do que foi distinguido entre seus irmãos. **Benjamim é lobo** que despedaça; pela manhã devora a presa e à tarde reparte o despojo. São estas as doze tribos de Israel; e isto lhes falou seu pai quando os abençoou; a cada um deles abençoou segundo a bênção que lhe cabia”.

(*) “*Até que venha Siló*” – Foi em Siló que a tenda da congregação foi armada nos primeiros dias depois da conquista da Terra Prometida (*Jz 18: 1*), e foi esse o principal santuário dos israelitas durante o tempo dos juizes (*Jz 18: 31*). Pelo tempo de Eli (o sacerdote) e seus filhos, o santuário já se tornara uma estrutura bem estabelecida de adoração centralizada. A expressão usada por Jacó: “*até que venha Siló*”, em referência a Judá, em hebraico: ‘*adh kī-yābhō’ shilōh*, pode ser traduzida de várias maneiras. As duas mais cabíveis a meu ver são: 1) “*Até que ele [em referência a Judá] venha a Siló*”, cumprindo o que está escrito em *Jz 18: 1*, quando, numa reunião, a tribo nobremente rejeitou a proeminência que havia desfrutado anteriormente (na peregrinação pelo deserto). 2) Emendando-se *shilōh* para *shellōh* e traduzindo a frase como faz a Septuaginta (a versão grega do AT), “*até que aquilo que é dele venha*”, isto é, “*as coisas reservadas para ele*”, talvez aqui seja uma referência a Davi ou uma referência messiânica [ele = Jesus].

- *1 Cr 5: 1-2*: “Quanto aos filhos de Rúben, o primogênito de Israel (pois era o primogênito, mas, por ter profanado o leito de seu pai, deu-se a sua primogenitura aos filhos de José, filho de Israel; de modo que, na genealogia, não foi contado como primogênito. Judá, na verdade, foi poderoso entre seus irmãos, e dele veio o príncipe; porém, o direito da primogenitura foi de José)”.

- *Jr 31: 9 b*: “porque sou pai para Israel, e Efraim é o meu primogênito”.

Podemos notar que as chamadas *bênçãos de Jacó sobre os filhos*, são, na verdade, a descrição da personalidade de cada um deles que já estavam sendo exercidas, alguns pelo próprio significado dos seus nomes, pois foram recebidos segundo uma situação entre Jacó, Lia e Raquel; outros filhos adquiriram o comportamento acima descrito por Jacó devido à necessidade em que se encontraram, não necessariamente pela má índole nos seus corações, como foi o caso de Simeão e Levi. Na verdade, eles estavam tomando uma atitude de precaução para proteger a família. Podemos até imaginar que eles sentiram pelo seu espírito que não era da vontade de Deus a união com aqueles incircuncisos (*Gn 34: 14; 31*). Simeão *ouviu* a voz de Deus dentro de si [*Simeão* em hebraico significa, ‘*Deus ouviu, aquele que ouve*’. A palavra hebraica é *Shim’ôn*, que deriva de *Shâma* ‘(ouvir)’, e Levi [que significa: *unido, ligado, aderido, separado para o Senhor, santo para o Senhor*], por estar unido e aderido às leis que conhecia de YHWH através de Abraão, também não concordou com aquele acordo, tampouco com a atitude covarde e egoísta de Jacó, pensando mais em si mesmo do que na família ou em Diná, a filha violentada: “Então, disse Jacó a Simeão e a Levi: Vós *me* afligistes e *me* fizestes odioso entre os moradores desta terra, entre os cananeus e os fereseus; sendo nós pouca gente, reunir-se-ão *contra mim*, e *serei destruído, eu e minha casa*” (*Gn 34: 30*). Embora tenha mencionado sua casa, os pronomes foram colocados em primeira pessoa do singular: *eu, me, mim e minha*.

Os significados dos nomes são os seguintes:

Rúben, 1º – *Re’ubhen*, ou *Rã’á b’onyi* que significa: *o Senhor olhou para minha aflição* ou *eis um filho*. Texto bíblico: *Gn 29: 32 b*: “O Senhor atendeu à minha aflição. Por isso agora me amará meu marido” (Lia disse).

Simeão, 2º – *Shim'ôn* = *Deus ouviu, aquele que ouve*. Texto bíblico: *Gn 29: 33 b*: “Soube o Senhor que era preterida e me deu mais este; chamou-lhe, pois Simeão” (pois Deus ouvira a súplica de Lia).

Levi, 3º – *Lewi*, da raiz *lāwâ* = *juntar*, portanto, *Levi* = *unido, ligado, aderido*. Texto bíblico: *Gn 29: 34 b*: “Agora, desta vez, se unirá mais a mim meu marido, porque lhe dei à luz três filhos; por isso, lhe chamou Levi” (Lia disse).

Judá, 4º – *Y'hūdhâ* = *louvado, celebrado, festejado em louvor (ydh) ao Senhor*. Texto bíblico: *Gn 29: 35 b*: “Esta vez louvarei o Senhor. E por isso lhe chamou Judá; e cessou de dar à luz” (Lia).

Dã, 5º – *Dān* = *Deus me julgou, Deus é juiz*. Texto bíblico: *Gn 30: 6*: “Então, disse Raquel: Deus me julgou, e também me ouviu a voz, e me deu um filho; portanto, lhe chamou Dã” (de sua serva Bila).

Naftali, 6º – *Naphṭālī* = *lutador*, pois “Disse Raquel: Com grandes lutas tenho competido com minha irmã e logrei prevalecer; chamou-lhe, pois Naftali” (filho de Bila, serva de Raquel), *Gn 30: 8*.

Gade, 7º = *boa sorte, afortunado; ou uma tropa está vindo*. Texto bíblico: *Gn 30: 11*: “Disse Lia: Afortunada! E lhe chamou Gade” (Zilpa, sua serva concebeu de Jacó).

Aser, 8º – *'āsher* = *feliz, bem-aventurado, tesouro*. Texto bíblico: *Gn 30: 13*: “Então, disse Lia: É a minha felicidade! Porque as filhas me terão por venturosa; e lhe chamou Aser” (de Zilpa, serva de Lia).

Issacar, 9º – *'ish* = *homem e sākḥār* = *salário*, portanto, *trabalhador alugado*, pois Lia comprou de Raquel o direito de coabitar com Jacó por um punhado de mandrágoras (*Gn 30: 14-16*). Texto bíblico: *Gn 30: 18*: “Então, disse Lia: Deus me recompensou, porque dei a minha serva [no caso do filho anterior, Aser, pois Issacar foi filho legítimo de Lia] a meu marido; e chamou-lhe Issacar”.

Zebulom, 10º, do acadiano *Zabalu* = *exaltar* (Acade, região da Suméria, uma das designações dadas à metade norte do Iraque, para cima de Bagdá). Texto bíblico: *Gn 30: 20*: “E disse: Deus me concedeu excelente dote; desta vez permanecerá comigo meu marido, porque lhe dei seis filhos; e lhe chamou Zebulom” (Lia).

Diná, única mulher, *dinâ* = *inocente, absolvida, julgada*. Texto bíblico: *Gn 30: 21*: “Depois disto, deu à luz uma filha e lhe chamou Diná” (Lia).

José, 11º, originado do verbo *Yāsaph* = *adicionar*, portanto, *yôseph* = *que Deus adicione* (filhos), pois Raquel pediu a Deus que lhe desse outro filho. Texto bíblico: *Gn 30: 23-24*: “Ela (Raquel) concebeu, deu à luz um filho e disse: Deus me tirou o meu vexame. E lhe chamou José, dizendo: Dê-me o Senhor ainda outro filho”.

Benjamim, 12º, *Binyāmīn* = *filho da minha mão direita*. Texto bíblico: *Gn 35: 18*: “Ao lhe sair a alma (porque morreu), deu-lhe o nome de *Benoni* (filho da minha aflição [Raquel deu]); mas seu pai lhe chamou Benjamim”.



רֵאוּבֵן
Rúben



שִׁמְעוֹן
Simeão



לֵוִי
Levi



יְהוּדָה
Judá



דָּן
Dä



נַפְתָּלִי
Naftali



גָּד
Gade



אַשֶׁר
Aser



יִשְׂשַׁכָּר
Issacar



זְבֻלּוֹן
Zebulom



יוֹסֵף
José



בְּנִימִין
Benjamin

Símbolos das tribos

Tribos	Símbolos
Judá	leão
Zebulom	porto de navios
Issacar	jumento entre rebanhos de ovelhas
Rúben	mandrágora e face de homem
Simeão	espada
Gade	tropa de cavalo (cavalo = guerra)
Efraim (José)	ramo frutífero
Benjamim	lobo
Dã	serpente
Naftali	gazela
Aser	Pão / oliveira (<i>Dt 33: 24-25</i>)
Levi	Arca da Aliança (<i>Dt 33: 8</i>)

De acordo com o que lemos acima, os símbolos (insígnias) das tribos não são propriamente o que se vê nos estandartes, mas acompanham as bênçãos de Jacó, o significado dos nomes ou, então, no caso de Levi, a separação que lhe foi dada por Deus para cuidar das coisas sagradas (por isso a arca da Aliança no estandarte – cf. bênção de Moisés – *Dt 33: 8*); no caso de Dã, a característica era a da serpente (no símbolo) e a balança (no estandarte). Outro comentário: a mandrágora era considerada uma planta afrodisíaca, por isso Raquel pediu as mandrágoras que estavam nas mãos de Rúben, filho de Lia, para ver se conseguia conceber um filho de Jacó. Assim, o símbolo de Rúben é a mandrágora e face de homem (*Gn 30: 14-16*), pois sua raiz se assemelha ao tronco de um corpo humano (sem os membros). Entretanto, não vemos isso nem no estandarte nem na insígnia, o que nos leva ao próximo raciocínio. Por exemplo: quando Jacó se refere a Simeão, ele fala de espada. Podemos vê-la no estandarte, mas não há explicação para o que se vê no símbolo. Quanto a Issacar, Jacó diz que ele é um jumento entre os rebanhos de ovelhas, mas não vemos isso nem no estandarte nem na insígnia. Outro exemplo: sobre Gade nós dissemos que, segundo as palavras de Jacó, seu símbolo seria o de uma tropa de cavalos, mas é difícil identificar isso na insígnia. O que vemos no estandarte é mais provavelmente uma imagem do significado do seu nome: *'boa sorte, afortunado'*, pois era uma tribo gozava do bem-estar e da abundância. Quanto a Aser, Jacó fala de pão, o que nos faz pensar que se tratava de uma tribo próspera. Seu nome significa *'feliz, bem-aventurado, tesouro'*. O que vemos na insígnia se parece mais com um ramo de oliveira, lembrando a bênção de Moisés em *Dt 33: 24-25*: “De Aser disse: Bendito seja Aser entre os filhos de Jacó, agrade a seus irmãos e banhe em azeite o pé. Sejam de ferro e de bronze os teus ferrolhos, e, como os teus dias, durará a tua paz”. Em relação a Manassés, só o que podemos ver no estandarte é um animal parecido com um boi, visto pelas costas, o que também nos fala de abundância, suprimento, provisão e adoração, como vimos pela sua posição a oeste do acampamento.

Tudo isso pode nos levar à seguinte pergunta:

— Com essas aparentes contradições de simbolismo que chegou até nós como informação seria exatamente o que era nos tempos de Moisés ou foi corrompido ao longo dos séculos? Essas eram as imagens reais dos estandartes e das insígnias ou isso

veio depois, criado por homens, inspirados no misticismo da Cabala (A vertente mística do Judaísmo)?

Estou dizendo isso porque podemos notar em todos os símbolos o hexagrama conhecido como ‘Estrela de Davi’, que não tem nada a ver com a bíblia. A explicação para a Estrela de Davi não é proveniente de nenhum relato bíblico a respeito de Davi. Na verdade, o hexagrama não era inicialmente um símbolo exclusivamente judaico. O símbolo bíblico de Israel dado por Deus sempre foi a Menorá (o candelabro de sete lâmpadas). É interessante que algumas fontes de pesquisa dizem que a estrela de Davi já existia desde os tempos da Suméria e esteve sempre presente em várias religiões como o Hinduísmo, Budismo, Islamismo, Fé Bahá’í (*), Nova Era, Maçonaria e todas as artes de feitiçaria e ocultismo.

(*) A Fé Bahá’í é uma religião monoteísta fundada por Bahá’u’lláh, um nobre persa que viveu no século XIX. Os seus ensinamentos afirmam que existe um único Deus e que todas as grandes religiões mundiais têm a mesma origem divina.

A adoção da Estrela de Davi como um símbolo distintivo para o povo judeu e o Judaísmo começou na Idade Média. Em 1354, o rei Carlos IV da Boêmia permitiu à comunidade judaica de Praga de ter sua própria bandeira. Os judeus, então, confeccionaram a Estrela de Davi em ouro sobre um fundo vermelho. A bandeira passou a ser usada tanto em sinagogas, como no selo oficial da comunidade quanto em livros impressos.

Após a Batalha de Praga em 1648 contra o cerco da cidade por tropas protestantes suecas (durante a guerra dos 30 anos – 1618-1648), alguns jesuítas vienenses a pedido de Fernando III, Imperador Romano-Germânico e Arquiduque da Áustria (1637-1657), ofereceram uma bandeira de honra com o mesmo símbolo aos Judeus de Praga (capital da República Tcheca), em reconhecimento à sua contribuição para a defesa da cidade. Essa bandeira mostrava um hexagrama dourado sobre fundo vermelho.

O hexagrama (sem o círculo) foi adotado pela Organização Sionista como um símbolo para a bandeira de Israel em 1897, antes do seu uso na Maçonaria. Alguns ocultistas afirmam que esta figura, composta por dois triângulos entrelaçados, um de cabeça para baixo, é um dos símbolos mais poderosos na prática da magia. O hexagrama quando circundado aumenta seu poder e significado. É também conhecido como o ‘Selo de Salomão’ no misticismo cabalístico.

Sim, as insígnias vieram com a Cabala e outras filosofias. O que podemos dizer diante de tudo isso? Não seria melhor permanecer na simplicidade da palavra de Deus escrita nas Escrituras? A atitude dos doze filhos de Jacó já não seria suficiente, como eu disse no início, para explicar o simbolismo dos animais vistos por Ezequiel?

Vamos prosseguir com nosso raciocínio:

- **Judá** recebeu o direito de liderar todos os seus irmãos (*1 Cr 5: 1-2*), pois dessa tribo viria o Messias, e Jacó o chamou de *Leão*, não só em referência ao Leão de Judá, Jesus, mas porque para liderar um povo e estar na presença de Deus é necessário *autoridade, força e poder espiritual*, representados pela figura do **leão**.

- A segunda tribo separada foi a de **Rúben**, justamente o que profanou o leito de Jacó, coabitando com sua concubina (*Gn 35: 22*: “E aconteceu que, habitando Israel [Jacó] naquela terra, foi Rúben e se deitou com Bila, concubina de seu pai; e Israel o soube. Eram doze os filhos de Israel”), mesmo correndo o risco de perder o direito da primogenitura por causa disso, como de fato perdeu. Bila era serva de Raquel, mulher de Jacó, da qual nasceram os outros irmãos de Rúben: Dã e Naftali. Assim, podemos dizer que Rúben é o símbolo do **rosto de homem** visto nos querubins, pois o livre-arbítrio dado ao homem no Éden estava ali e Rúben o exerceu, deixando prevalecer a

natureza carnal; usou mal a inteligência que recebeu do Senhor. Além disso, existe a referência acima à mandrágora.

- A terceira tribo separada é a de **Efraim**. Da mesma forma que José não era o primogênito de Jacó, mas recebeu o direito da primogenitura (*1 Cr 5: 1-2; Jr 31: 9b*, como vimos acima), Efraim não era o primogênito de José, e sim Manassés, porém, teve do avô a bênção do primogênito, ou seja, a porção dobrada das bênçãos do seu irmão (*Gn 48: 11-22*). Por isso, Jacó disse em *Gn 49: 22-26*: “José é um ramo frutífero, ramo frutífero junto à fonte; seus galhos se estendem sobre o muro. Os flecheiros lhe dão amargura, atiram contra ele e o aborrecem. O seu arco, porém, permanece firme, e seus braços são feitos ativos pelas mãos do Poderoso de Jacó, sim, pelo Pastor e pela Pedra de Israel, pelo Deus de teu pai, o qual te ajudará, e pelo Todo-Poderoso, o qual te abençoará com as bênçãos dos altos céus, com bênçãos das profundezas, com bênçãos dos seios e da madre. As bênçãos de teu pai excederão as bênçãos de meus pais até ao cimo dos montes eternos; estejam elas sobre a cabeça de José e sobre o alto da cabeça do que foi distinguido entre seus irmãos”. Quando Jacó menciona as bênçãos dos altos céus, ele se refere às bênçãos espirituais. Quando fala sobre as bênçãos das profundezas, se refere à vida emocional e, quando diz ‘bênçãos dos seios e da madre’ está se referindo às bênçãos materiais (seios = leite = alimento, e madre = útero, de onde se gera a vida física. NVI: fertilidade e fartura). Juntando essas informações podemos dizer que seu símbolo visto por Ezequiel é o **boi** porque o boi simboliza *a força física, o suprimento, a provisão, a riqueza e a abundância*, além de ser um animal usado na *adoração* a Deus; em outras palavras: obediência e serviço a Ele. Mais uma informação importante sobre a prosperidade de Efraim: foi uma das tribos mais populosas (*Gn 48: 19*) e com grande poder militar (*Nm 2: 18-19*: “O estandarte do arraial de Efraim, segundo as suas turmas, estará para o lado ocidental; e Elisama, filho de Amiúde, será príncipe dos filhos de Efraim. E o seu exército, segundo o censo, foram *quarenta mil e quinhentos*”).

- Em último lugar aparece a tribo de **Dã** [*Deus me julgou, Deus é juiz, Gn 30: 6*: “Então, disse Raquel: Deus me julgou, e também me ouviu a voz, e me deu um filho (de sua serva Bila); portanto, lhe chamou Dã”]. Jacó disse (*Gn 49: 16-17*): “Dã julgará o seu povo, como uma das tribos de Israel. Dã será serpente junto ao caminho, uma víbora junto à vereda, que morde os talões do cavalo e faz cair o seu cavaleiro por detrás. A tua salvação espero, ó Senhor!” Quanto ao v. 16, poderia estar se referindo a Sansão, que foi juiz de Israel pela tribo de Dã? Quanto ao v. 17, poderia ser um alusão dessa tribo na idolatria que causou a queda de Israel como nação (*Jz 18: 30-31*; mais tarde abrigando o bezerro de Jeroboão – *1 Rs 12: 29*)? Isso mostra que nunca foi uma tribo com proeminência espiritual.

Nós podemos ver no seu estandarte a balança da justiça, de acordo com a palavra profetizada de Jacó de que Dã julgaria seus irmãos, ao mesmo tempo em que a astúcia e a traição (serpente) poderiam distorcer essa justiça. Ao permitir essa face de serpente prevalecer, estaria pondo à parte o seu lado de **águia** (uma ave que devora a serpente, pois não têm medo dela). Se ele estivesse disposto a se renovar como uma águia, a deixar que o Senhor mudasse seu interior e transformasse sua carne, poderia estar olhando diretamente para o Norte, para a face de Deus. Como vimos, a *águia*, simboliza *a majestade, a renovação, a capacidade de ver longe, de ter movimentos livres para dominar o espaço, de alcançar grandes alturas, portanto, de chegar às alturas espirituais (espiritualidade)*.

Rememorando: Um dos lados do rosto dos querubins era a *face de homem*, simbolizando a *inteligência e o livre-arbítrio* dado por Deus ao homem; de outro lado do rosto aparecia a imagem de *leão*, simbolizando *realidade, autoridade, liderança, força*,

poder espiritual. O boi simbolizava a força física, o suprimento, a provisão, a riqueza e a abundância, além de ser um animal usado na adoração a Deus; em outras palavras, a obediência e o serviço a Ele. O último animal era a águia, simbolizando a longevidade, a capacidade de ver longe, de se renovar, de ter movimentos livres para dominar o espaço e de alcançar grandes alturas, portanto, de chegar às alturas espirituais (espiritualidade). Podemos dizer que estas eram as qualidades dadas por Deus às quatro ordens de tribo que Ele via sempre diante de si através dos querubins. Entretanto, dois de Seus filhos distorceram essas qualidades usando-as pelo lado oposto, o negativo. Apenas Judá e Efraim pareceram usá-las adequadamente.

Chegamos agora ao ponto em que podemos adicionar mais uma informação sobre os pontos cardeais mencionados na bíblia e, logicamente, explicar melhor o posicionamento das tribos e das faces dos querubins. O paralelo vai ser com a nossa vida cristã. O **Norte**, na bíblia, significa: *o trono de Deus, o que norteia nossa vida, Sua palavra e Sua vida plena para nós.* O **Sul** significa: *a nossa própria vida, nossa humanidade e imperfeição, em confronto com a majestade e plenitude de Deus.* O **Ocidente** significa: *o mundo material, as coisas naturais, o antigo;* e o **Oriente**, *o mundo espiritual, as coisas espirituais.*

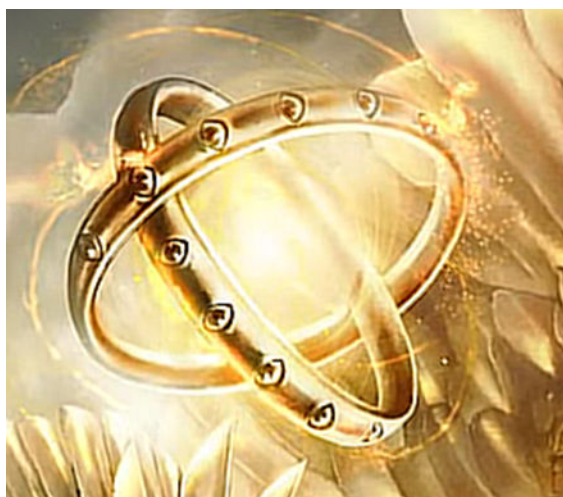
Para liderar o clã de Israel, **Judá** precisaria ser um **leão**, olhando para o **oriente**, estando, portanto, *atento ao mundo espiritual*, de onde viria a glória de Deus para supri-lo (a entrada do tabernáculo e do templo era voltada para o Oriente). A segunda face é a do **homem**, representado pela tribo de **Rúben**, que estava ao **sul** do arraial. Como foi dito, o sul significa a nossa própria vida, nossa humanidade e imperfeição, em confronto com a majestade e plenitude de Deus. Foi o que Rúben fez: deixou seu livre-arbítrio pender para o lado da sua *humanidade*, para a sua pequenez. **Efraim** recebeu a grande bênção de ser populoso e suprido, especialmente na vida material, por isso a face voltada para o **ocidente**, para o material, como um **boi**, símbolo *da força física* (o poder militar da tribo), *do suprimento, da provisão, da riqueza e da abundância*, além de ser um animal usado na *adoração* a Deus. Apesar da abundância em que foi colocado, ele não poderia deixar de *ser um adorador*, de agradecer a Deus por tê-lo abençoado (é uma pena que séculos mais tarde se voltou para a idolatria. Efraim, uma parte das dez tribos do Norte lideradas por Jeroboão, adorou a imagem de um bezerro: *1 Rs 12: 25-33*). E o último animal é a **águia**, símbolo de longevidade, espiritualidade, de renovação, de majestade, de capacidade de ver longe, de ser livre. O **Norte** significa o trono de Deus, o que norteia nossa vida, Sua palavra e Sua vida plena para nós. Concluindo, **Dã** rejeitou essa bênção e preferiu olhar para o lado oposto (o do mal, ao invés do bem e da glória de Deus), usando da astúcia e da traição. Quando falarmos sobre as visões de João, faremos uma correlação entre o acampamento israelita descrito aqui em Ezequiel e a nova Jerusalém.

Depois que Ezequiel descreveu os rostos dos querubins, ele descreveu carros e rodas, sobre as quais os anjos se moviam. Além de tudo o que já dissemos sobre eles, os querubins constituíam *um tipo de carruagem divina*, como é descrito no livro de *Salmos e 2 Samuel*:

- *Sl 18: 10*: “E montou num querubim, e voou; sim, voou sobre as asas do vento”.
- *2 Sm 22: 11*: “E subiu sobre um querubim, e voou; e foi visto sobre as asas do vento”.

Na visão de Ezequiel esses animais eram atrelados a um carro e se movimentavam com grande rapidez (“os seres viventes ziguezagueavam à semelhança de relâmpagos”). Considerando esses elementos, pode-se concluir que se trata da visão do *carro de Deus, símbolo da Sua autoridade espiritual agindo em nosso favor*, como o que Eliseu viu no momento que Elias foi arrebatado (“O que vendo Eliseu, clamou: Meu pai, meu pai,

carros de Israel e seus cavaleiros! E nunca mais o viu; e, tomando as suas vestes, rasgou-as em duas partes” – 2 Rs 2: 12) ou o que o moço de Eliseu viu quando este orou pedindo ao Senhor que abrisse seus olhos para ver a proteção dos anjos de Deus ao seu redor durante a guerra contra os siros (2 Rs 6: 17: “Orou Eliseu e disse: Senhor, peço-te que lhe abras os olhos para que veja. O Senhor abriu os olhos do moço, e ele viu que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, em redor de Eliseu”). A expressão “*carros de fogo*” simboliza, com certeza, *a autoridade e o poder de Deus, Sua presença majestosa se manifestando em toda a glória a favor dos Seus filhos*. A mensagem que a visão de Ezequiel quis transmitir com os carros (carruagens) foi destinada, sobretudo, aos judeus levados ao exílio, ou seja, *a presença de Deus os acompanhava ali*. Os judeus acreditavam que o Senhor só estava presente no templo, através da arca da Aliança, porém o profeta lhes trouxe a revelação de que *Deus se movimentava espiritualmente*, aonde Seu povo fosse, como foi no passado, no deserto. Ezequiel também diz: “ouvi o estrondo tumultuoso, como o tropel de um exército. Parando eles, abaixavam as asas”, o que vem corroborar a idéia que o *Senhor se faz acompanhar de um exército de seres angélicos, como Seus guerreiros e mensageiros*.



As rodas ao lado dos querubins

Conclusão:

Em relação à visão que Ezequiel teve dos querubins podemos dizer:

1) Querubins, em hebraico *k^{er}ühbim*, plural de ‘*querube*’ = *celestial*, são seres celestiais e no livro de Gênesis está escrito que tinham a incumbência de guardar o caminho para a árvore da vida no jardim do Éden, assim como foram colocados sobre a arca da Aliança para proteger os objetos sagrados guardados nela, o que se resume numa função de vigilância e adoração. Também indica uma classe de anjos com grande força de conhecimento, sabedoria e iluminação divina e que refletem a beleza do Criador. Por isso, se diz que são conhecedores dos mistérios divinos (‘cheios de olhos’).

2) Os querubins tinham quatro faces: de homem, de leão, de boi e de águia.

3) O simbolismo judaico desses animais, baseado nos conhecimentos sacerdotais da Antiguidade, associa-os aos quatro acampamentos de Israel tendo quatro tribos como líderes: Judá, Rúben, Efraim e Dã. Ao leste: Judá, Zebulom e Issacar. Ao sul, Rúben, Simeão e Gade. Ao oeste: Efraim, Manassés e Benjamim. Ao norte: Dã, Naftali e Aser.

4) A explicação pode ser encontrada nas bênçãos de Jacó sobre essas quatro tribos:

- Judá recebeu o direito de liderar seus irmãos, mas para liderar e estar na presença de Deus é necessário a autoridade, a força e o poder espiritual, representados pela figura do *leão*.

- Rúben profanou o leito de Jacó, coabitando com sua concubina, por isso o rosto de *homem*, símbolo da inteligência e do livre-arbítrio que lhe foram dados por Deus, entretanto, mal empregados por Rúben.

- Efraim teve a bênção da primogenitura mesmo sem ser o primogênito. Suas bênçãos foram espirituais, emocionais e materiais. Seu símbolo é o *boi*: força física, suprimento, provisão, riqueza, abundância e adoração a Deus.

- Dã: seu estandarte consta de uma balança, a balança da justiça, de acordo com a palavra profetizada de Jacó de que Dã julgaria seus irmãos, ao mesmo tempo em que a astúcia e a traição poderiam distorcer essa justiça. Ao permitir essa face de serpente (também um dos símbolos dessa tribo) prevalecer, pôs à parte o seu lado de *águia* (uma ave que devora a serpente, pois não têm medo dela) e não se renovou; não deixou que o Senhor mudasse seu interior levando-o a olhar diretamente para o Norte, para a face de Deus.

5) Pontos cardeais em paralelo com a nossa vida cristã: Norte = o trono de Deus, o que norteia nossa vida, Sua palavra e Sua vida plena para nós (por isso a *águia* como símbolo de majestade, espiritualidade). Sul = nossa própria vida, nossa humanidade e imperfeição, em confronto com a majestade e plenitude de Deus (por isso o símbolo do *homem*). Ocidente = mundo material, as coisas naturais (por isso a imagem do *boi* como símbolo de riqueza, fartura, abundância e força física). Oriente = o mundo espiritual, as coisas espirituais (por isso o *leão* como símbolo de poder, autoridade e liderança espiritual).

6) Carros e rodas – carro de Deus – Sua autoridade espiritual e poder agindo em nosso favor – a presença de Deus nos acompanha aonde formos.

A VISÃO DE DEUS E O CHAMADO DE EZEQUIEL



Ez 1

²⁶ Por cima do firmamento que estava sobre a sua cabeça, havia algo semelhante a um trono, como uma safira; sobre esta espécie de trono, estava sentada uma figura semelhante a um homem.

²⁷ Vi-a como um metal brilhante, como fogo, ao redor dela, desde os lombos e daí para cima; e desde os seus lombos e daí para baixo, vi-a como fogo e um resplendor ao redor dela.

²⁸ Como o aspecto do arco que aparece na nuvem em dia de chuva, assim era o resplendor em redor. Esta era a aparência da glória do Senhor; vendo isto, caí com o rosto em terra e ouvi a voz de quem falava.

Ez 2

¹ Esta voz me disse: Filho do homem, põe-te em pé, e falarei contigo.

² Então, entrou em mim o Espírito, quando falava comigo, e me pôs em pé, e ouvi o que me falava.

Ez 3

¹¹ Eia, pois, vai aos do cativeiro, aos filhos do teu povo, e, quer ouçam, quer deixem de ouvir, fala com eles, e dize-lhes: Assim diz o Senhor Deus.

Ez 8

² Olhei, e eis uma figura como de fogo; desde os seus lombos e daí para baixo, era fogo e, dos seus lombos para cima, como o resplendor de metal brilhante.

Ez 10

¹ Olhei, e eis que, no firmamento que estava por cima da cabeça dos querubins, apareceu sobre eles uma como pedra de safira semelhando a forma de um trono.

Depois da visão dos querubins, Ezequiel descreve a visão do próprio trono de Deus. Continua mantendo a linguagem anterior sobre resplendor, fogo, pedras preciosas e ouro, tudo para descrever a glória de Deus. É interessante perceber também que ele, agora, vê o Altíssimo em forma humana (“estava sentada uma figura semelhante a um homem”). O Senhor quer falar com ele e lhe diz para se pôr em pé, da mesma forma que

Daniel e João, quase sem forças, se prostraram diante das visões. Foi, então, que Ezequiel recebeu seu chamado: ser atalaia (*cf. Ez 33: 7*) no meio do povo escolhido, ou seja, ser Seu porta-voz, alertando e exortando os israelitas a se arrependerem, explicando o motivo do seu cativeiro e incentivando-os a caminhar até os dias de exílio terminarem. Como sacerdote as imagens que descreveu a eles os lembrava da época do tabernáculo e do templo, quando a presença do Altíssimo estava entre Seu povo de forma majestosa e protetora. O Senhor também disse ao profeta que sua missão não seria tão fácil pela dureza de coração de Israel, mas, de qualquer forma, Ele o usaria para mantê-los debaixo da obediência e da santidade. Da mesma maneira que Daniel e João, Ezequiel não apenas contemplou a visão do Criador, como teve, igualmente, revelações importantes para o futuro dos seus irmãos. Mais do que isso, teve a certeza do seu chamado profético. Como dissemos em Isaías, os demais homens de Deus (Ezequiel, Daniel, João) tiveram visões muito parecidas em relação à imagem do Senhor como Rei; todos viram a sala do trono de uma maneira bastante similar, usando palavras como jóias e metais para descrever o resplendor da presença divina.

Conclusão: quando o chamado é revelado, deve ser obedecido, pois o próprio Deus se encarregará de fazer Sua palavra prevalecer. Tocar nEle nos faz sentir nossa humanidade e impotência diante de certas situações, ao mesmo tempo em que estimulamos nossa alma a caminhar em fé, percebemos a importância que temos para Ele e o privilégio de sermos escolhidos para uma missão que poucos teriam coragem de assumir. Quando nos achegamos ao Senhor e o Seu Espírito nos revela coisas grandiosas, precisamos usar essa oportunidade para dar o conhecimento da verdade aos nossos irmãos.

DANIEL



Dn 7

¹³ Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do Homem, e dirigiu-se ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele.

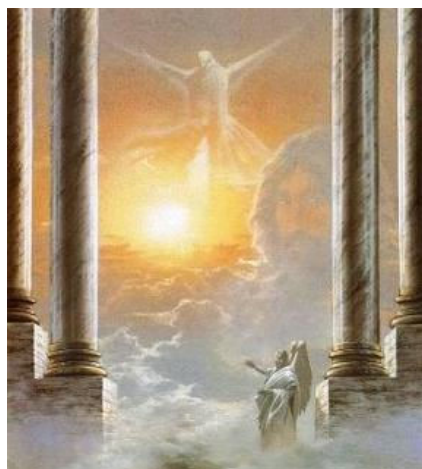
¹⁴ Foi-lhe dado domínio, a glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído.

Dn 7

¹⁸ Mas os santos do Altíssimo receberão o reino e o possuirão para todo o sempre, de eternidade a eternidade...

²² ... até que veio o Ancião de Dias e fez justiça aos santos do Altíssimo; e veio o tempo em que os santos possuíram o reino.

A VISÃO DE DEUS E A VISÃO DE ANJOS



É interessante perceber a visão de Cristo glorificado descrita por Daniel (*Ancião de Dias*) em *Dn 7: 9*; *Dn 7: 13*; *Dn 10: 5-6*, semelhante à descrita por João em *Ap 1: 13-15*; *Ap 19: 6; 12*; *Ap 1: 7* (*vindo com as nuvens*) e *Ap 1: 14* (“A sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve; os olhos, como chama de fogo”); *Ap 14: 14* (“Olhei, e eis uma nuvem branca, e sentado sobre a nuvem um semelhante a filho de homem, tendo na cabeça uma coroa de ouro e na mão uma foice afiada”). A foice afiada é símbolo do juízo e da justiça de Deus, como foi escrito em *Dn 7: 22* (“até que veio o Ancião de Dias e fez justiça aos santos do Altíssimo; veio o tempo em que os santos possuíram o reino”), prontos a serem exercidos para que Seus filhos possuam o reino.

Em *Dn 7: 18* (sobre os santos que possuirão o reino, escrita na página anterior) a palavra escrita é semelhante à de João em:

- *Ap 11: 15*: “O sétimo anjo tocou a trombeta, e houve no céu grandes vozes, dizendo: O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos”.

- *Ap 17: 14*: “Pelejarão eles contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, pois é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão também os chamados, eleitos e fiéis que se acham com ele”, ou seja, o Anticristo pelejará contra os santos (*Dn 7: 25*, referente a três anos e meio), mas esses possuirão o reino.

Daniel, assim como Ezequiel e João, teve visões e revelações bastante claras quanto aos tempos do fim. Por isso podemos dizer que teve completa certeza da imagem de Deus como um Deus de justiça e juízo contra todo pecado e impiedade. As revelações de Daniel começaram com a interpretação dos sonhos e das visões dos reis babilônicos a quem servia para depois ter suas próprias visões e revelações sobre o que o Senhor planejou para o futuro da humanidade. A expressão ‘Ancião de Dias’ pode ser um símbolo da eternidade do Criador, que detém o poder e o domínio sobre o reino dos céus e da terra, dando-o igualmente, aos Seus santos.

Daniel também foi instruído por anjos, como Gabriel, sobre as visões que não conseguia entender, além de ser consolado com a certeza do amor de Deus por ele. Em *Dn 8: 15-16* está escrito: “Havendo eu, Daniel, tido a visão [*a do bode com os 4 chifres, dos quais um se tornou forte, representando Antíoco Epifânio*], procurei entendê-la, e eis que se me apresentou diante uma como aparência de homem. E ouvi uma voz de homem de entre as margens do Ulai [*Dan. 8: 16 – pode ter sido o ramo oriental do rio Karkheh (ou Choaspes) a noroeste de Susã; ou o Coprates, afluente do rio Karun; ou*

um canal artificial perto de Susã e que conectava os dois rios], a qual gritou e disse: Gabriel, dá a entender a este a visão”. Em *Dn 9: 21-23* está escrito: “Falava eu, digo, falava ainda na oração, quando o homem *Gabriel*, que eu tinha observado na minha visão ao princípio, veio rapidamente, voando, e me tocou à hora do sacrifício da tarde. Ele queria instruir-me, falou comigo e disse: Daniel, agora, saí para fazer-te entender o sentido. No princípio das tuas súplicas, saiu a ordem, e eu vim, para to declarar, porque és mui amado; considera, pois, a coisa e entende a visão”.

A aparência do anjo que ele viu foi completamente diferente da de Ezequiel, em primeiro lugar, porque a mensagem que Deus queria lhe transmitir era diferente da revelada ao outro profeta; em segundo, porque ele estava entrando em contato com outra hierarquia de anjos (arcanjos), dos quais este era um anjo mensageiro. Gabriel é também conhecido como o “mensageiro das boas novas”, pois foi ele o portador das promessas de Deus para Zacarias, pai de João Batista (*Lc 1: 19*), Maria, mãe de Jesus (*Lc 1: 26*), e os pastores (*Lc 2: 9-11*). As mesmas palavras ou símbolos foram usados para descrever o resplendor do anjo. Também a sua forma era humana.

• *Dn 10: 4-12*: “No dia vinte e quatro do primeiro mês, estando eu à borda do grande rio Tigre, levantei os olhos e olhei, e eis um homem vestido de linho, cujos ombros estavam cingidos de ouro puro de Ufaz (*); o seu corpo era como o berilo, o seu rosto como um relâmpago, os seus olhos, como tochas de fogo, os seus braços e os seus pés brilhavam como bronze polido; e a voz das suas palavras era como o estrondo de muita gente. Só eu, Daniel, tive aquela visão; os homens que estavam comigo nada viram; não obstante, caiu sobre eles grande temor, e fugiram e se esconderam. Fiquei, pois, eu só e contemplei esta grande visão, e não restou força em mim; o meu rosto mudou de cor e se desfigurou, e não retive força alguma. Contudo, ouvi a voz das suas palavras; e, ouvindo-a, caí sem sentidos, rosto em terra. Eis que certa mão me tocou, sacudindo-me e me pôs sobre os meus joelhos e as palmas das minhas mãos. Ele me disse: Daniel, homem muito amado, está atento às palavras que te vou dizer; levanta-te sobre os pés, porque eis que te sou enviado. Ao falar ele comigo esta palavra, eu me pus em pé, tremendo. Então, me disse: Não temas, Daniel, porque, desde o primeiro dia em que aplicaste o coração a compreender e a humilhar-te perante o teu Deus, foram ouvidas as tuas palavras; e, por causa das tuas palavras, é que eu vim”.

(*) Ufaz: Uma localidade não identificada e de onde vinha ouro fino. Entretanto, pode ter sido um termo técnico com o sentido de ‘ouro refinado’ (*1 Rs 10: 18: mûphâz; Is 13: 12: mippâz*, semelhante à definição de ‘ouro puro’; *zâhâbh tâhôr* de *2 Cr 9: 17*). Outros estudiosos preferem ler *’ûphîr (Ofir)* em lugar de *’uphaz (Ufaz)*, por causa da semelhança dos caracteres hebraicos para z e r.

• *Dn 10: 13-19*: “Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu por vinte e um dias; porém Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me, e eu obtive vitória sobre os reis da Pérsia. Agora, vim para fazer-te entender o que há de suceder ao teu povo nos últimos dias [*o mensageiro do Senhor referido acima, Gabriel ou outro anjo*]; porque a visão se refere a dias ainda distantes. Ao falar ele comigo estas palavras, dirigi o olhar para a terra e calei. E eis que uma como semelhança dos filhos dos homens me tocou nos lábios; então, passei a falar e disse àquele que estava diante de mim: meu senhor, por causa da visão me sobrevieram dores, e não me ficou força alguma. Como, pois, pode o servo do meu senhor falar com o meu senhor? Porque, quanto a mim, não me resta já força alguma, nem fôlego ficou em mim. Então, me tornou a tocar aquele semelhante a um homem e me fortaleceu; e disse: Não temas, homem muito amado! Paz seja contigo! Sê forte, sê forte. Ao falar ele comigo, fiquei fortalecido e disse: fala, meu senhor, pois me fortaleceste”.

Aqui temos comentários importantes sobre as visões de Daniel. Ele estava extremamente fraco pela luta espiritual que estava enfrentando e impedindo-o de saber a verdade do que o Senhor queria lhe transmitir. Ficara em jejum por vinte e um dias (*Dn 10:2-3*); estava extremamente sensível ao mundo espiritual. Pela aparência do mensageiro divino descrita antes no v. 6-7 podemos pensar no próprio Jesus, antes da Sua encarnação, a quem a bíblia muitas vezes chama de “O Anjo do Senhor”. Difícil dizer se no cap. 10 era o anjo Gabriel, como ficou tão claro nas referências bíblicas anteriores (*Dn 9: 21 e Dn 8: 16*).

Outro comentário pertinente aqui é a presença de mais um anjo relatada por Daniel. Trata-se de um anjo de guerra, um príncipe deles, na verdade, que é o arcanjo Miguel. Gabriel (também um arcanjo) disse ao profeta que a revelação que buscava estava sendo impedida por principados das trevas; estes demoraram vinte e um dias para cair, o tempo de jejum de Daniel, mas Miguel estava ao seu lado para lhe dar vitória e permitir que o servo de Deus recebesse a revelação:

- *Dn 10: 21*: “Mas eu te declararei o que está expresso na escritura da verdade; e ninguém há que esteja ao meu lado contra aqueles [ele se referia ao príncipe da Grécia e o da Pérsia], a não ser Miguel, vosso príncipe”.

Há outra referência em *Jd 9*: “Contudo, o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo e disputava a respeito do corpo de Moisés, não se atreveu a proferir juízo infamatório contra ele; pelo contrário, disse: O Senhor te repreenda!”

Os arcanjos são, portanto, uma hierarquia de anjos abaixo dos serafins e querubins, e que parecem ser responsáveis por proteger o povo do Senhor, fazê-lo prosperar e lhe dar as boas novas da parte de Deus.

Isso nos ensina algo: embora muitas teorias tentem dizer que há vários nomes de anjos, na bíblia apenas três têm seus nomes revelados: *Miguel*, *Gabriel* e *Apoliom* (*Abadom*) o anjo descrito no Apocalipse (*Ap 9: 11*: “e tinham sobre eles [os gafanhotos, personificação de demônios], como seu rei, o anjo do abismo, cujo nome em hebraico é *Abadom*, e em grego, *Apoliom*”). *Abadom* é o anjo satânico do abismo, cujo nome em grego significa ‘*Destruidor*’; em hebraico ‘*bhaddôn* significa ‘*lugar de destruição*’ e é regularmente traduzido como tal em certas versões no Antigo Testamento para denominar a região dos mortos. Esta região era considerada pelos antigos judeus como ‘inferno’, *seol* em hebraico, *hades* e *geenna* em grego, este último nome proveniente de *ge* (vale de) *hinnôm* (Vale de Hinom), onde eram feitos sacrifícios idólatras ao sul de Jerusalém (principalmente a Moloque, deus amonita). O significado de ‘Hinom’ é desconhecido; alguns sugerem: ‘Ben Hinom’, filho de Hinom (*2 Rs 23: 10* – ‘vale dos filhos de Hinom’), dando a entender que é um nome próprio. Em *Jr 7: 32* e *Jr 19: 6* o nome é alterado pelo profeta para ‘vale da matança’. É também chamado de ‘Vale de Tofete’ (= ‘local de fogo, local de queima’ ou ‘local de torrefação’ pelos Cananeus – *Jr 7: 31-32*; *Jr 19: 12*). O conhecido “*Anjo Rafael*” não é na verdade um anjo criado por Deus, mas o próprio *Espírito de Deus em ação de cura*. Seu nome deriva de *El = Deus*; *rafa = cura*: *O Senhor é o que sara* (*Êx 15: 26*: “E disse: Se ouvires atento a voz do Senhor, teu Deus, e fizeres o que é reto diante dos seus olhos, e deres ouvido aos seus mandamentos, e guardares todos os seus estatutos, nenhuma enfermidade virá sobre ti, das que enviei sobre os egípcios; pois eu sou o Senhor, que te sara”).

Nosso comportamento em relação aos anjos

Os anjos são seres poderosos e cheios do resplendor divino, como diz a palavra (*Sl 103: 20-21*), entretanto, não devem ser adorados ou reverenciados como se eles fossem Deus. Só há um Deus a ser adorado: Jesus. Por isso, está escrito em:

• *Sl 103: 20-21*: “Bendizei ao Senhor, todos os seus anjos, valorosos em poder, que executais as suas ordens e lhes obedeceis à palavra. Bendizei ao Senhor, todos os seus exércitos, vós, ministros seus, que fazeis a sua vontade”.

• *Hb 1: 13-14*: “Ora, a qual dos anjos jamais disse: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés? Não são todos eles espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que hão de herdar a salvação?”

• *Ap 19: 10*: “Prostrei-me ante os seus pés para adorá-lo. Ele, porém, me disse: Vê, não faças isso; sou conservo teu e dos teus irmãos que mantêm o testemunho de Jesus; adora a Deus. Pois o testemunho de Jesus é o espírito da profecia”.

• *Ap 22: 8-9*: “Eu, João, sou quem ouviu e viu estas coisas. E, quando as ouvi e vi, prostrei-me ante os pés do anjo que me mostrou essas coisas, para adorá-lo. Então, ele me disse: Vê, não faças isso; eu sou conservo teu, dos teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro. Adora a Deus”.

Acender velas e fazer pedidos e orações a eles **não é certo**. As orações devem ser feitas a Deus Pai, em nome de Jesus (*Jo 14: 13-14; Jo 15: 16*).

Outras referências aos arcanjos estão em:

• *1 Ts 4: 16-17*: “Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descera dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro com o Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor” (Paulo escreveu em relação à segunda vinda de Cristo).

• *Jd 9*: “Contudo, o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo e disputava a respeito do corpo de Moisés, não se atreveu a proferir juízo infamatório contra ele; pelo contrário, disse: O Senhor te repreenda!”

Os anjos, abaixo dos arcanjos

Abaixo dos arcanjos vem a hierarquia dos anjos, que pode se referir tanto a mensageiros humanos quanto a sobrenaturais, sob um ponto de vista mais abrangente, pois em hebraico, ‘anjo’ significa ‘mensageiro’, como também são conhecidos os profetas de Deus. O nome Malaquias, por exemplo, o profeta de Deus, significa “meu mensageiro”.

Uma última palavra antes da nossa conclusão. Trata-se da existência ou não dos anjos que chamamos “**anjos da guarda**”, ou seja, de anjos específicos determinados por Deus para guardar uma pessoa. A bíblia não é tão específica quanto a isso; apenas sugere esta possibilidade:

• *Mt 18: 10* (em referência às crianças que Jesus tinha pegado nos braços para abençoar): “Vede, não desprezeis a qualquer destes pequeninos; porque eu vos afirmo que os seus anjos nos céus vêm incessantemente a face de meu Pai celeste”.

• *At 12: 7-8; 11-15* (quando Pedro é liberto da prisão por um anjo do Senhor e vai até a casa de Maria, mas a criada não abre a porta porque fica assustada e as pessoas pensam que se trata do ‘anjo de Pedro’): “Eis, porém, que sobreveio um anjo do Senhor, e uma luz iluminou a prisão; e, tocando ele o lado de Pedro, o despertou, dizendo: Levanta-te depressa! Então, as cadeias caíram-lhe das mãos. Disse-lhe o anjo: Cinge-te e calça as sandálias. E ele assim o fez. Disse-lhe mais: Põe a capa e segue-me... Então, Pedro, caindo em si, disse: Agora, sei, verdadeiramente, que o Senhor enviou o seu

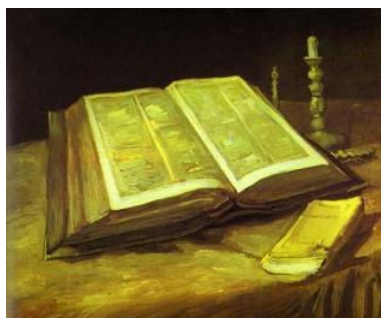
anjo, e me livrou da mão de Herodes e de toda a expectativa do povo judaico. Considerando ele a sua situação, resolveu ir à casa de Maria, mãe de João, cognominado Marcos, onde muitas pessoas estavam congregadas e oravam. Quando ele bateu no postigo do portão, veio uma criada, chamada Rode, ver quem era; reconhecendo a voz de Pedro, tão alegre ficou, quem nem o fez entrar, mas voltou correndo para anunciar que Pedro estava junto do portão. Eles disseram: estás louca. Ele, porém, persistia em afirmar que assim era. Então, disseram: É o seu anjo”.

Quando Jesus estava em agonia no Getsêmani, Lucas descreve que Deus enviou um anjo para consolá-lo, mas não se referiu especificamente ao Seu anjo da guarda: “[Então, lhe apareceu um anjo do céu que o confortava. E, estando em agonia, orava mais intensamente. E aconteceu que o seu suor se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra]” (*Lc 22: 43-44*).

Muitos outros servos de Deus viram anjos e foram ajudados por eles em diversas situações. Às vezes, a palavra ‘anjo’, na bíblia, foi escrita com letra maiúscula (‘Anjo do SENHOR’), dando a entender que se tratava do próprio Jesus. Alguns exemplos de servos de Deus que tiveram a visão e o auxílio de anjos: Abraão e Sara, Josué, Zacarias o pai de João Batista, Maria mãe de Jesus, José pai de Jesus, Maria Madalena e as mulheres que foram ao túmulo de Jesus no domingo de manhã, o profeta Elias, Gideão, a mãe de Sansão e seu marido Manoá, Pedro, o centurião Cornélio, Jacó, Isaías, Daniel, Ezequiel, o apóstolo João, os pastores que presenciaram o nascimento de Jesus.

Conclusão: Deus envia os anjos, Seus mensageiros (significado do nome anjo, em hebraico, muitas vezes também em referência aos profetas e aos sacerdotes – *Ml 2: 7*) para trazer revelações e visões quando um filho Seu está necessitado dela. Ele é quem comanda todas as coisas e determina a maneira de se revelar e de se manifestar aos homens. Também chegamos ao entendimento que há várias categorias de anjos, cada uma delas criadas pelo Senhor com um propósito. Os anjos estão sob o nosso comando, pois servem a Deus e a todos os que receberam dEle a autoridade sobre o mundo espiritual, ou seja, a todos os que são fiéis à Sua palavra. Por isso, não devem ser objeto de veneração ou adoração. Acender velas e fazer pedidos e orações a eles não é certo. As orações devem ser feitas a Deus Pai, em nome de Jesus (*Jo 14: 13-14; Jo 15: 16*).

A IMPORTÂNCIA DA REVELAÇÃO



Dn 12

⁴ Tu, porém, Daniel, encerra as palavras e sela o livro, até ao tempo do fim; muitos o esquadriarão, e o saber se multiplicará.

⁹ Ele respondeu: Vai, Daniel, porque estas palavras estão encerradas e seladas até ao tempo do fim.

Daniel foi um dos profetas que mais recebeu revelações apocalípticas, por isso pagou um preço muito alto para realizar sua missão. Podemos dizer que seu trabalho foi completado pelo apóstolo João que veio confirmar, em outras palavras, o que haverá de acontecer nos últimos dias. O interessante é que o Senhor disse a Daniel para *selar* as palavras que ouviu e escreveu. Isso significa que elas *não seriam totalmente reveladas* aos homens até que tudo se cumprisse, mesmo porque a iniquidade se multiplicaria, trazendo especulações e falso ensino que poderiam deturpar a verdade do que havia ali. Por isso, muitos acham a bíblia um livro fechado; não entendem (com o coração) o que está escrito, porque seu espírito não está aberto às experiências espirituais que estes servos do Senhor tiveram. Para ter experiências daquele tipo, o preço é alto. Assim, podemos entender que muitas revelações importantes de Deus para Seus filhos só são dadas àqueles a quem o Espírito escolhe para ser Seu instrumento. Não é o homem que escolhe, e sim o Senhor. O *selo* também significa a *autenticidade das palavras do Senhor e o seu fiel cumprimento* (Dn 12: 4; Dn 12: 9), assim como *algo que é possuído com autoridade* (Ag 2: 23) e *símbolo do Espírito Santo* (NT: 2 Co 1: 22; Ef 1: 13 cf. At 10: 38 [ungiu=selou]).

Conclusão: como ensino para nós, fica a idéia que o selo significa algo que é possuído com autenticidade e marcado com autoridade. Portanto, as palavras reveladoras de Deus estão parcialmente abertas para os homens, até que seu espírito esteja pronto para recebê-las. Isso quer dizer que não adianta esforço da mente em pesquisa ou investigações, quando algo está reservado apenas para os desbravadores do reino do céu, que são guiados pela fé. No início do livro eu falei que o homem, no Éden, perdeu a pureza e a inocência, por isso, não consegue mais atingir o patamar de entendimento e conhecimento do Criador. Precisamos fazer um esforço para voltar a elas. Jesus é o caminho.

JOÃO



Ap 1

- ¹² Voltei-me para ver quem falava comigo e, voltado, vi sete candeeiros de ouro
- ¹³ e, no meio dos candeeiros, um semelhante a filho de homem, com vestes talares [*até os calcanhares*] e cingido à altura do peito, com uma cinta de ouro.
- ¹⁴ A sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve [*Dn 7: 13-14*]; os olhos, como chama de fogo;
- ¹⁵ os pés, semelhantes ao bronze polido, como que refinado numa fornalha; a voz, como voz de muitas águas.
- ¹⁶ Tinha na mão direita sete estrelas, e da boca saía-lhe uma afiada espada de dois gumes. O seu rosto brilhava como o sol na sua força.
- ¹⁷ Quando o vi, caí a seus pés como morto. Porém ele pôs sobre mim a mão direita, dizendo: Não temas; eu sou o primeiro e o último
- ¹⁸ e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do inferno.
- ¹⁹ Escreve, pois, as coisas que viste, e as que são, e as que hão de acontecer depois destas.
- ²⁰ Quanto ao mistério das sete estrelas que viste na minha mão direita e aos sete candeeiros de ouro, as sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete candeeiros são as sete igrejas.



Ap 4

¹ Depois destas coisas [*as cartas para as sete igrejas*], olhei, e eis não somente uma porta aberta no céu, como também a primeira voz que ouvi, como de trombeta ao falar comigo, dizendo: Sobe para aqui, e te mostrarei o que deve acontecer depois destas coisas.

² Imediatamente, eu me achei em espírito, e eis armado no céu um trono, e, no trono, alguém sentado;

³ e esse que se acha assentado é semelhante, no aspecto, a pedra de jaspe e de sardônio, e, ao redor do trono, há um arco-íris semelhante, no aspecto, a esmeralda.

⁴ Ao redor do trono, há também vinte e quatro tronos, e assentados neles, vinte e quatro anciãos vestidos de branco, em cujas cabeças estão coroas de ouro.

⁵ Do trono saem relâmpagos, vozes e trovões, e, diante do trono, ardem sete tochas de fogo, que são os sete Espíritos de Deus.

⁶ Há diante do trono um como que mar de vidro, semelhante ao cristal, e também, no meio do trono e à volta do trono, quatro seres viventes [*querubins, Ez 1: 1-14*] cheios de olhos por diante e por detrás.

⁷ O primeiro ser vivente é semelhante a leão, o segundo, semelhante a novilho, o terceiro tem o rosto como de homem, e o quarto ser vivente é semelhante à águia quando está voando.

⁸ E os quatro seres viventes, tendo cada um deles, respectivamente, seis asas, estão cheios de olhos, ao redor e por dentro; não têm descanso, nem de dia nem de noite, proclamando: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, aquele que era, que é e que há de vir.

⁹ Quando esses seres viventes derem glória, honra e ações de graças ao que se encontra sentado no trono, ao que vive pelos séculos dos séculos,

¹⁰ os vinte e quatro anciãos prostrar-se-ão diante daquele que se encontra sentado no trono, adorarão o que vive pelos séculos dos séculos e depositarão as suas coroas diante do trono, proclamando:

¹¹ Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas.

AS VISÕES DO TRONO



João, irmão de Tiago e discípulo de Jesus, ficou conhecido como *o apóstolo do amor*, pois seu temperamento lhe facilitou uma compreensão maior das coisas espirituais, portanto, do que se passava no coração do Senhor. Ele foi o único discípulo que permaneceu perto dEle na crucificação, enquanto todos os outros estavam escondidos com medo dos judeus. Junto de João estavam as mulheres que normalmente acompanhavam o Mestre, e sua mãe, Maria.

Para consolá-la na sua dor, Jesus olhou para ela e para João e disse: “Mulher, eis aí teu filho. Depois, disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. Dessa hora em diante, o discípulo a tomou para casa” (*Jo 19: 26 b-27*). Isso Ele disse para que ela entendesse que a sua família, como fora a de Jesus durante o Seu ministério, era composta dos que faziam a vontade do Pai; era a dos que ultrapassavam os laços carnis para viver os laços espirituais. João era primo de Jesus, mas, agora, fisicamente falando, passava a ocupar o lugar do irmão. Como discípulo, permaneceria Seu filho para sempre. Irmãos, pais e filhos se referem a intimidade e afinidade de projetos, de gostos e de sonhos.

Por ter esse tipo de comportamento, João foi escolhido dentre todos os outros para receber de Deus as revelações que muitos precisariam, a fim de conhecer qual Seu projeto final para toda a humanidade, além de confirmar as profecias e as visões anteriores dos profetas do AT.

Dessa forma, quando já tinha bastante idade e exilado na ilha de Patmos, João, em espírito (*Ap 4: 2*: “Imediatamente, eu me achei em espírito, e...”) recebeu as ordens do Senhor para escrever tudo o que lhe seria revelado. A visão do trono foi muito semelhante à dos demais irmãos do passado, em suma, difícil expressar em palavras a visão da glória do Senhor e dos anjos que O cercam. O interessante é que ele também viu as imagens dos querubins semelhantes às de Ezequiel, ou seja, com rosto de leão, de novilho, de homem e de águia. A única diferença entre João e Ezequiel é que ele viu os candeeiros, símbolo das sete igrejas, representando o Espírito Santo sobre o Seu povo, mas que precisa encontrar espaço nos corações para poder ser derramado.

Podemos perguntar:

— Por que João, à semelhança de Ezequiel, descreveu imagens e conteúdos tão relacionados ao templo e às coisas sagradas?

João tomou conta da Igreja em algumas cidades da região de Éfeso, na Ásia Menor, por isso escreveu para ela. Suas epístolas têm o objetivo de renovar o amor nos corações, fortalecer espiritualmente os crentes e combater os falsos ensinamentos. Por fim, Jesus lhe deu a oportunidade de conhecê-lo mais ainda através das revelações contidas no Apocalipse. Esse livro foi escrito por volta de 90 a 95 DC às províncias da Ásia

Menor (atual Turquia), a fim de adverti-los para que não abandonassem a fé em Cristo, assegurando sua vitória por permanecer ao lado de Deus. A palavra grega *Apocalipse* (*Apokálypsis*) significa: *descobrimto, revelação*. Não é intuito deste nosso livro falar sobre os segredos do Apocalipse, mas continuar o estudo sobre as características individuais de todos aqueles que já tiveram um contato tão profundo com o Senhor, como os profetas descritos até aqui. João, assim como os outros, tem sua própria maneira de descrever os fatos.

Conclusão: Deus falou no passado e continua falando, hoje, através dos Seus ungidos e deseja usar todos os Seus filhos como instrumentos das Suas revelações. Ele deseja um relacionamento profundo conosco, pois assim poderemos ser cheios a cada dia do Seu poder e do Seu amor. No *Sl 25: 14* está escrito: “A intimidade do Senhor é para os que o temem, aos quais ele dará a conhecer a sua aliança”. Basta viver uma vida ‘aos pés da cruz’, como João.

AS VISÕES DOS REMIDOS

Ap 7 (*Os cento e quarenta e quatro mil selados de Israel – ARA – título*)

⁴ Então, ouvi o número dos que foram selados, que era cento e quarenta e quatro mil, de todas as tribos dos filhos de Israel:

⁵ da tribo de *Judá* foram selados doze mil; da tribo de *Rúben*, doze mil; da tribo de *Gade*, doze mil;

⁶ da tribo de *Aser*, doze mil; da tribo de *Naftali*, doze mil; da tribo de *Manassés*, doze mil;

⁷ da tribo de *Simeão*, doze mil; da tribo de *Levi*, doze mil; da tribo de *Issacar*, doze mil;

⁸ da tribo de *Zebulom*, doze mil; da tribo de *José (Efraim)*, doze mil; da tribo de *Benjamim* foram selados doze mil.

Ap 7 (*A visão dos glorificados – ARA – título*):

⁹ Depois destas coisas, vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar; de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos;

¹⁰ e clamavam em grande voz, dizendo: Ao nosso Deus, que se assenta no trono, e ao Cordeiro, pertence a salvação.

¹⁴ Respondi-lhe: meu Senhor, tu o sabes. Ele, então, me disse: São estes os que vêm da grande tribulação, lavaram suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro.

Ap 14 (*O Cordeiro e os seus remidos no monte Sião*)

¹ Olhei, e eis o Cordeiro em pé sobre o Monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil, tendo na frente escrito o seu nome e o nome de seu Pai.

² Ouvi uma voz do céu como voz de muitas águas, como voz de grande trovão; também a voz que ouvi era como de harpistas quando tocam sua harpa.

³ Entoavam novo cântico diante do trono, diante dos quatro seres viventes e dos anciãos. E ninguém pôde aprender o cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da terra.

⁴ São estes os que não se macularam com mulheres, porque são castos. São eles os seguidores do Cordeiro por onde quer que vá. São os que foram redimidos dentre os homens, primícias para Deus e para o Cordeiro;

⁵ e não se achou mentira na sua boca; não têm mácula.

O número doze simboliza o número dos propósitos eletivos de Deus; em outras palavras, o número da eleição e do chamado. Cento e quarenta e quatro significa doze vezes doze. Cento e quarenta e quatro mil significam um número infinitamente grande de salvos para o Senhor; símbolo de totalidade (12x12x1000), referindo-se a todos que serão salvos (no AT e no NT) e dos que serão selados no período da Grande Tribulação (*Ap 7: 3; Ap 9: 4 cf. Ez 9: 4-6; Ap 7: 13-14*) com o selo do Pai e do Filho, ao invés de terem a marca da besta (*Ap 13: 17*); portanto, para serem preservados das calamidades que virão. Eles lavaram suas vestiduras no sangue do Cordeiro (*Ap 7: 9; 13-14*): “Depois destas coisas, vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos... Um dos anciãos tomou a palavra, dizendo: Estes, que se vestem de vestiduras brancas, quem são e donde vieram? Respondi-lhe: meu Senhor, tu o sabes. Ele, então, me disse: São estes os que vêm da grande tribulação, lavaram suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro”.

Não há separação entre judeus e gentios nestes textos; todos são salvos da mesma maneira: pela fé em Jesus e pela Sua graça. Por isso está escrito em *Ap 5: 9b-10*: “porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra”.

O que acontece é que se trata de duas fases da mesma visão da igreja de Cristo, do Israel espiritual de Deus: a primeira fase onde João ‘ouve’ o número dos que serão selados, antes que Deus derrame o sétimo flagelo (‘ouvi o número dos que foram selados’ – v. 4), e que enfrentarão as tribulações. Depois João vê, como uma promessa consoladora dada por Deus, essa mesma multidão, já vencedora, resgatada e glorificada, diante do trono do Cordeiro, celebrando a vitória (‘depois destas coisas, vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos’).

No terceiro texto (*Ap 14: 1-5*), João fala dos cento e quarenta e quatro mil separados, remidos, “comprados da terra” (v. 3). Neste texto, a bíblia fala que “não se macularam com mulheres, porque são castos. São eles os seguidores do Cordeiro por onde quer que vá. São os que foram redimidos dentre os homens, primícias para Deus e para o Cordeiro; e não se achou mentira na sua boca; não têm mácula” (*Ap 14: 4-5*). São os mesmos 144.000 que foram selados (*cap. 7*) e que resistiram às mentiras e às investidas da besta, e não se deixaram corromper com a idolatria, se separando para Cristo e não negando o Seu nome.

“Comprados da terra” significa a Terra, de uma maneira geral, no período da Grande Tribulação.

“Entoavam novo cântico diante do trono, diante dos quatro seres viventes e dos anciãos. E ninguém pôde aprender o cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da terra” (*Ap 14: 3*) – este versículo significa o cântico de vitória (*cf. Ap 5: 9-10*) pela sua redenção por Cristo e só os que já estão no céu e os 144.000 comprados da terra podem cantá-lo.

A bíblia também fala sobre o “Cordeiro em pé sobre o Monte Sião” (O Cordeiro e os seus remidos no monte Sião – título), o que é a Jerusalém celestial (única referência a Sião no Apocalipse – *cf. Hb 12: 22*); estes 144.000 já estão no céu. Por isso, a bíblia fala serem eles as “Primícias”; porque são os que foram salvos no momento da ceifa e da vindima (*Ap 14: 14-16 – a ceifa; 17-20 – a vindima*), i.e., foram separados dos ímpios, o que corresponde à mesma cena de *Ap 16: 16* (o arrebatamento da igreja, antes do Armagedom), antes que o Senhor traga a punição descrita em *Ap 16: 17*, ou seja, o sétimo flagelo, e Sua cólera seja consumada sobre os ímpios.

“Primícias” significam todos os salvos para Deus (“a igreja dos primogênitos arrolados nos céus”, descritos em *Hb 12: 23*), pois não se achou mentira na sua boca; não têm mácula, ou seja, são irrepreensíveis quanto ao testemunho de Cristo, têm pureza espiritual.

“São eles os seguidores do Cordeiro por onde quer que vá” – significa os que seguem Jesus até o fim, mesmo que seja até o martírio, e que estão agora com Ele em glória, ao lado da Sua pessoa, como uma recompensa pela sua fidelidade a Ele.

AS VISÕES DA NOVA JERUSALÉM

Quanto à simbologia dos animais, já vimos no capítulo de Ezequiel.

A partir de agora, vamos descrever algo que Ezequiel também viu, mas descreveu com menos detalhes que João. Trata-se da *nova Jerusalém*, descrita em *Ez 48: 30-34*, onde as *portas* são símbolos da *autoridade das doze tribos*, porém, não com os detalhes de João, nem com a semelhança tão grande ao antigo acampamento ao redor do tabernáculo no deserto.

Ap 21

⁹ Então, veio um dos sete anjos que têm as sete taças cheias com os últimos sete flagelos e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a noiva, a esposa do Cordeiro;

¹⁰ e me transportou, em espírito, até uma grande e elevada montanha e me mostrou a santa cidade, Jerusalém, que descia do céu da parte de Deus,

¹¹ a qual tem a glória de Deus. O seu fulgor era semelhante a uma pedra preciosíssima, como pedra de jaspe cristalina.

¹² Tinha grande e alta muralha, doze portas, e, junto às portas, doze anjos, e, sobre elas, nomes inscritos, que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel.

¹³ Três portas se achavam a leste, três, ao norte, três, ao sul, e três, a oeste.

¹⁴ A muralha da cidade tinha doze fundamentos, e estavam sobre estes os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro.

¹⁵ Aquele que falava comigo tinha por medida uma vara de ouro para medir a cidade, as suas portas e a sua muralha.

¹⁶ A cidade é quadrangular, de comprimento e largura iguais. E mediu a cidade com uma vara até doze mil estádios [2.200 km]. O seu comprimento, largura e altura são iguais [um cubo perfeito de 20 côvados, como era o Santo dos Santos (1 Rs 6: 20), também chamado *Debir*, no tabernáculo e no templo, onde ficava a arca da Aliança].

¹⁷ Mediu também a sua muralha, cento e quarenta e quatro côvados, medida de homem, isto é, de anjo.

¹⁸ A estrutura da muralha é de jaspe; também a cidade é de ouro puro, semelhante a vidro límpido.

¹⁹ Os fundamentos da muralha da cidade estão adornados de toda espécie de pedras preciosas. O primeiro fundamento é de jaspe; o segundo, de safira; o terceiro, de calcedônia; o quarto, de esmeralda;

²⁰ o quinto, de sardônio; o sexto, de sárdio (*também chamado de cornalina*); o sétimo, de crisólito; o oitavo, de berilo; o nono, de topázio; o décimo, de crisópraso; o undécimo, de jacinto; e o duodécimo, de ametista.

²¹ As doze portas são doze pérolas, e cada uma dessas portas, de uma só pérola. A praça da cidade é de ouro puro, como vidro transparente.

²² Nela, não vi santuário, porque o seu santuário é o Senhor, o Deus Todo-Poderoso, e o Cordeiro.

²³ A cidade não precisa nem do sol, nem da lua, para lhe darem claridade, pois a glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro é a sua lâmpada.

²⁴ As nações andarão mediante a sua luz, e os reis da terra lhe trazem a sua glória.

²⁵ As suas portas nunca jamais se fecharão de dia, porque, nela, não haverá noite.

²⁶ E lhe trarão a glória e a honra das nações (*cf. Is 60: 11*).

²⁷ Nela, nunca jamais penetrará coisa alguma contaminada, nem o que pratica abominação e mentira, mas somente os inscritos no Livro da Vida do Cordeiro.

João, como todos os outros antes dele, usou o simbolismo de pedras preciosas para descrever o brilho e o resplendor divino. Se você se lembra do que falamos em Ezequiel, as tribos no deserto acampavam ao redor do tabernáculo ou tenda da congregação e em volta do acampamento dos levitas. Assim, todas elas ficavam de frente para a tenda (*Nm 2: 2*). Ao leste se acampavam: Judá, Zebulom e Issacar. Ao sul: Rúben, Simeão e Gade. Ao oeste: Efraim, Manassés e Benjamin. Ao norte: Dã, Naftali e Aser. Como nós mostramos o estandarte de cada uma das tribos, elas também eram simbolizadas por pedras, pedras essas colocadas no peitoral das vestes do sumo sacerdote. João usou mais ou menos o mesmo nome para as pedras (apesar das diferentes traduções posteriores); a única diferença é que individualizou cada uma ('fundamentos'), ao invés de colocá-las por 'ordens' como foi usado em *Êx 39: 8-14* por Moisés:

Êx 39

⁸ Fizeram também o peitoral de obra esmerada, conforme a obra da estola sacerdotal: de oro, estofo azul, púrpura, carmesim e linho fino retorcido.

⁹ Era quadrado; duplo fizeram o peitoral: de um palmo era o seu comprimento, e de um palmo dobrado, a sua largura.

¹⁰ Colocaram, nele, engastes de pedras, com quatro ordens de pedras: a ordem de sárdio, topázio e carbúnculo (*na verdade, esmeralda*) era a primeira;

¹¹ a segunda ordem era de esmeralda (*na verdade, granada*), safira e diamante;

¹² a terceira ordem era de jacinto, ágata e ametista;

¹³ e a quarta ordem era de berilo, ônix e jaspe; eram elas guarnecidas de ouro nos seus engastes.

¹⁴ As pedras eram conforme os nomes dos filhos de Israel, doze segundo os seus nomes; eram esculpidas como sinete, cada uma com o seu nome para as doze tribos.

Pedras no peitoral do sumo sacerdote (*Êx 39: 8-14*)

As mesmas ordens observadas no acampamento



Algumas pedras têm variadas traduções por falta de maior conhecimento do assunto na Antiguidade; por isso, muitos nomes usados em hebraico e grego podem trazer certa confusão. Por exemplo: sárdio (ou cornalina, uma variedade castanha de calcedônia), granada (traduzida erroneamente como: sardônio ou esmeralda), carbúnculo (às vezes, traduzida erroneamente como esmeralda), diamante (traduzida erroneamente como calcedônia, quando na verdade se tratava do ônix), ágata (traduzida como crisópraso, uma calcedônia verde clara), crisólito (na verdade, o nome antigo do topázio). O que podemos inferir pelos escritos de Moisés e João é que, talvez, Moisés tenha colocado as pedras das tribos de acordo com sua ordem no acampamento; João parece tê-las nomeado aleatoriamente.

Pedras que representavam as tribos



Judá – sárdio



Zebulom – esmeralda



Issacar – topázio



Rúben – granada



Simeão – safira



Gade – diamante



Efraim – jacinto



Manassés – ágata



Benjamim – amethysta



Dã – ônix



Naftali – jaspe



Aser – berilo



As vestes de Arão, o sumo sacerdote



As vestes sacerdotais

Dessa forma, se nos basearmos nas pedras das vestes do sumo sacerdote, a *nova Jerusalém* teria a disposição semelhante das tribos ao redor da tenda da congregação. Veja a tabela abaixo:

Nova Jerusalém / Acampamento

* Outros nomes comumente usados na época.

Em **negrito** os nomes normalmente conhecidos para elas em nossas traduções.

ordem	tribo	João	Moisés	P. cardeal	cor
1 ^a	Judá	sárdio	sárdio	Leste	Vermelho
1 ^a	Zebulom	esmeralda	carbúnculo*	Leste	Verde
1 ^a	Issacar	topázio	topázio	Leste	Amarelo
2 ^a	Rúben	sardônio* (granada)	esmeralda*	Sul	Vermelho fogo
2 ^a	Simeão	safira	safira	Sul	Azul
2 ^a	Gade	calcedônia*	diamante	Sul	Branco
3 ^a	Efraim	jacinto	jacinto	Oeste	Amarelo
3 ^a	Manassés	crisópraso*	ágata	Oeste	Multicores
3 ^a	Benjamim	ametista	ametista	Oeste	Violeta
4 ^a	Dã	crisólito*	ônix	Norte	Dourado
4 ^a	Naftali	jaspe	jaspe	Norte	Vinho
4 ^a	Aser	berilo	berilo	Norte	Verde-mar

Revelação sobre as pedras e a relação com a nova Jerusalém:

Embora pareça obscura para nós a relação entre as pedras escolhidas por Deus e cada tribo de Israel, nós podemos dizer num sentido geral que para o Senhor Seus filhos são jóias preciosas, cada um com uma unção diferente dando um colorido especial à Sua criação. As explicações encontradas na Internet não me pareceram satisfatórias pelo conteúdo místico que trazem, ao invés de um real embasamento bíblico. Se tivéssemos que fazer uma correlação entre as faces dos querubins vistas por Ezequiel e João e a cidade quadrangular que está erguida para os que forem salvos, poderíamos dizer que, para estarmos lá, são necessárias quatro características: **a)** o bom uso da autoridade, do poder e da liderança espiritual que foram colocados em nós (leão); **b)** o uso adequado da inteligência e do livre-arbítrio dado por Deus aos Seus filhos (homem); **c)** a sabedoria para lidar com os bens materiais e ser um verdadeiro adorador, obedecer e servir (boi); **d)** a vontade de atingir as alturas espirituais e estar pronto à renovação que vem do Espírito Santo (águia).

Ap 21

¹² Tinha grande e alta muralha, **doze portas**, e, junto às portas, doze anjos, e, sobre elas, nomes inscritos, que são os **nomes das doze tribos dos filhos de Israel**.

¹³ Três portas se achavam a leste, três, ao norte, três, ao sul, e três, a oeste.

¹⁴ **A muralha da cidade tinha doze fundamentos**, e estavam sobre estes **os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro...**

¹⁹ **Os fundamentos da muralha** da cidade estão adornados de toda espécie de **pedras preciosas...**

²¹ **As doze portas são doze pérolas**, e cada uma dessas portas, **de uma só pérola**. A praça da cidade é de ouro puro, como vidro transparente.

É interessante perceber que essas pedras foram chamadas de *fundamentos* e nelas se encontravam igualmente doze pérolas, formando *portas*. Parece uma contradição entre o que está escrito no AT por Moisés sobre as pedras e o que está escrito por João, pois o apóstolo não mais se refere às pedras preciosas como os patriarcas e sim como os apóstolos, dando aos patriarcas o simbolismo de pérolas, mais precisamente de uma só pérola. Isso significa que os doze patriarcas representam as portas colocadas por Deus na terra para firmar Sua promessa de resgate com os homens, mais especificamente com o Seu povo escolhido ('uma só pérola' – *Ap 21: 21*). A eles, foi dada a Lei para que a cumprissem e se mantivessem junto ao Criador. Quando Jesus veio cumprindo-a e trazendo a nova aliança, Ele passou a preparar filhos com a Sua autoridade, por meio dos quais **muitos outros povos** pudessem conhecer a *Salvação*. Esses foram os apóstolos, simbolizados nesta visão de João como fundamentos adornados de todo tipo de pedras preciosas (*Ap 21: 19*).

Os patriarcas, portanto, foram as portas as quais o Senhor abriu para a aliança com o homem e construiu Sua obra, colocando regras para o ser humano, a fim de que ele entendesse ser possível passar para um novo nível de entendimento espiritual e atingir a *perfeição* (*quatro* lados da cidade, *quatro* ordens de tribos, *quatro* letras no nome hebraico do Senhor – *YHWH*, *símbolo de um número perfeito*, do *homem unido à Trindade*, o *número do evangelho*), portanto, a vida eterna. Entretanto, ao enviar Seu Filho à terra, Ele fundamentou definitivamente o caminho para que essa perfeição fosse atingida. Foi Jesus mesmo que disse: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (*Jo 14: 6*). Dessa forma, os discípulos de Jesus, os doze apóstolos, são os fundamentos para a construção de uma grande obra, levando o

evangelho e abrangendo todos os outros povos, não somente os judeus, mas igualmente os gentios (**pedras preciosas de vários tipos** – *Ap 21: 19*) nos quatro cantos da terra. Através da obra que eles deixaram estabelecida, a humanidade conheceria o caminho (a porta) de volta ao Éden:

Ap 22

¹ Então, me mostrou o rio de água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro.

² No meio da sua praça, de uma e de outra margem do rio, está a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos.

³ Nunca mais haverá qualquer maldição. Nela, estará o trono de Deus e do Cordeiro. O seus servos o servirão,

⁴ contemplarão a sua face, e na sua frente está o nome dele.

⁵ Então, já não haverá noite, nem precisam eles de luz de candeia, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e reinarão pelos séculos dos séculos.

a) rio de água da vida: vida eterna, salvação, vida plena e abundante, o fluir constante do Espírito Santo.

b) a árvore da vida: Jesus, no centro do jardim do Éden.

c) doze frutos (todos os meses do ano): nada faltará, não haverá mais fome nem necessidade de nenhum tipo; frutificar ininterrupto dos eleitos de Deus (*cf. Ez 47: 12*).

d) as folhas da árvore são para a cura dos povos: ali haverá refúgio para os que viveram desprotegidos, e remédio para as feridas da alma; resposta para as perguntas não respondidas, entendimento de todas as coisas feitas por Deus (*Sl 34: 8-11*).

e) Então, já não haverá noite, nem precisam eles de luz de candeia, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles:

- *Gn 1: 3*: “Disse Deus: Haja luz; e houve luz”. Nesta fase inicial, a luz à qual a bíblia se refere é a própria glória de Deus entrando em cena na pessoa de Jesus.

- *Is 60: 19-20*: “Nunca mais te servirá o sol para luz do dia, nem com seu resplendor a lua te alumiará; mas o Senhor será a tua luz perpétua, e o teu Deus, a tua glória. Nunca mais se porá o teu sol, nem a tua lua minguará, porque o Senhor será a tua luz perpétua, e os dias do teu luto findarão”.

- *Jo 1: 1-5*: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez. A vida estava nele e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela”.

- *Ap 21: 23*: “A cidade não precisa nem do sol, nem da lua, para lhe darem claridade, pois a glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro é a sua lâmpada”.

- *Ap 22: 5*: “Então, já não haverá noite, nem precisam eles de luz de candeia, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e reinarão pelos séculos dos séculos”.

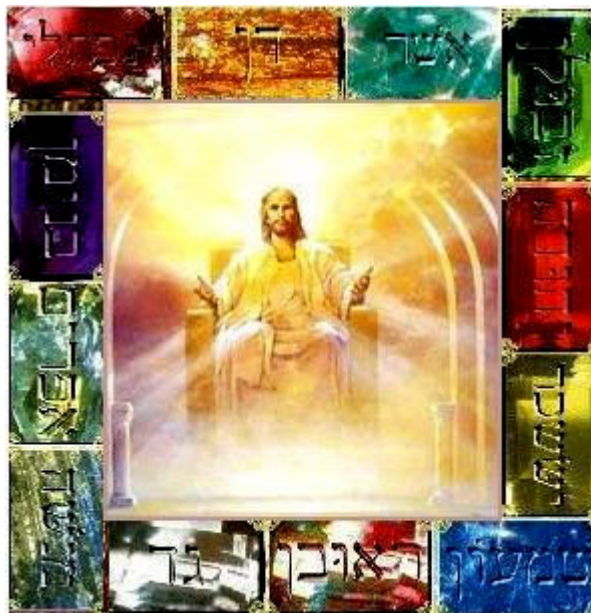
Estou escrevendo palavras proféticas sobre a nova Jerusalém após a segunda vinda de Cristo para mostrar que estamos, na verdade, voltando para o ponto de onde saímos. A luz que um dia veremos (Jesus) é a mesma luz que iniciou todas as coisas.

Conclusão:

João descreve a Nova Jerusalém como uma cidade, símbolo da morada da igreja, a comunhão total e perfeita com Deus. Ali está o Seu trono. Ela não é só o lar dos remidos, mas é a própria noiva do Cordeiro. A cidade é santa, celestial; reflete a glória de Deus, ao mesmo tempo em que descreve o fulgor, o brilho e a beleza da noiva. Ali, nós também desfrutaremos plenamente da nossa filiação. Ali, nós somos a noiva de Cristo e filhos e herdeiros de Deus. Essa cidade é fundamentada sobre a verdade de Jesus e tem uma muralha alta, significando Sua proteção para os remidos.

Depois, João descreve a Nova Jerusalém não mais como uma cidade (Ap 22: 1-5), mas como um jardim onde flui o rio de água da vida, à semelhança do Éden, o jardim criado por Deus para Adão e Eva. Agora, não há mais quatro rios, como havia no jardim do Éden, mas o rio de água da vida, que sai do trono de Deus e do Cordeiro. Ele é símbolo da vida eterna, da salvação, da vida plena e abundante. Ali, os remidos verão a Deus face a face e já não haverá mais dor nem maldição. Ali não precisará mais de astros como o sol, a lua e as estrelas porque o Senhor brilhará sobre todos. Sua luz é o bastante.

EPÍLOGO



“Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim. Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras [no sangue do Cordeiro], para que lhes assista o direito à árvore da vida, e entrem na cidade pelas portas” (Ap 22: 13-14).